

TRACY WOLFF

desejo

TRADUÇÃO
IVAR PANAZZOLO JUNIOR



Copyright © 2020, Tracy Deeb

Título original: *Crave*

Publicado originalmente em inglês por Entangled Publishing,
LLC

Tradução para Língua Portuguesa © 2021, Ivar Panazzolo Junior
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela
Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa
anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Jaqueline Lopes,
Mariana Rodrigueiro, Natália Ortega e Renan Oliveira

Preparação Amanda Moura

Revisão Letícia Nakamura

Capa Bree Archer e Liz Pelletier

Adaptação da capa Aline Santos e Mariana Rodrigueiro

Fotos de capa Lola L. Falantes/Getty images,

Renphoto/Gettyimages, Gluiki/Gettyimages,

Artistmef/brushiezy.com

Foto da autora Mayra K Calderón

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057



Astral Cultural Editora Ltda

Para os meus meninos, que
sempre acreditaram em mim.
E para Stephanie, que me ajudou a
acreditar em mim outra vez.

Capítulo 0

SE VOCÊ NÃO ESTÁ VIVENDO NO LIMITE, ENTÃO ESTÁ OCUPANDO ESPAÇO DEMAIS

Estou sob o vão do portão do terminal do aeroporto, olhando para o avião em que vou embarcar, me esforçando ao máximo para não entrar em pânico.

Mas falar é fácil. Difícil é agir assim.

Não somente porque estou a ponto de abandonar tudo o que conheço, embora, até dois minutos atrás, essa fosse a minha principal preocupação. Agora, entretanto, enquanto olho para o avião que não sei ao certo se merece a dignidade de ser chamado de avião, um pânico ainda mais intenso está começando a tomar conta de mim.

— Então, Grace... — O homem que meu tio Finn mandou para me buscar me olha com um sorriso paciente. Philip. Acho que foi assim que ele se apresentou, mas não tenho certeza. É difícil ouvi-lo em meio às batidas alucinadas do meu coração. — Está pronta para uma aventura?

Não. Não, não estou *nem um pouco* pronta — nem para uma aventura, nem para qualquer outra coisa que estiver no meu caminho.

Se há um mês alguém tivesse me falado que eu estaria nos arredores de um aeroporto em Fairbanks, no Alasca, teria dito que essa pessoa estava mal informada. E se ela tivesse me dito que a razão principal de eu estar em

Fairbanks era embarcar no menor teco-teco que existe, rumo ao que parece ser o próprio fim do mundo — ou, no caso a uma cidade nos arredores do monte Denali, a montanha mais alta na América do Norte — diria que essa pessoa estava definitivamente viajando na maionese.

Mas muita coisa pode mudar em trinta dias. E ainda mais coisas podem ser arrancadas.

Na verdade, a única coisa que não mudou nessas últimas semanas foi o fato de que, não importa o quanto a situação esteja ruim, ela sempre pode piorar.

Capítulo 1

ATERRISSAR É SIMPLEMENTE SE JOGAR NO CHÃO E TORCER PARA NÃO ERRAR O ALVO

— Chegamos — disse Philip quando passamos pelos picos de várias montanhas, tirando uma das mãos do manche e apontando para um pequeno amontoado de casas ao longe. — Healy, Alasca. Finalmente, lar, doce lar.

— Ah... uau. Parece...

Pequena. Parece ser uma cidade muito pequena, menor do que o bairro onde eu morava em San Diego. Para não comparar com a cidade inteira.

Mesmo assim, é difícil ver qualquer coisa daqui de cima. Não por causa das montanhas que se erguem feito monstros há muito esquecidos, mas porque estamos no meio de uma névoa seca estranha a que Philip se refere como o “crepúsculo civil”, embora mal tenha passado das cinco horas. Mesmo assim, consigo enxergar bem o bastante para perceber que a dita cidade para que ele aponta está cheia de prédios que não combinam uns com os outros e estão agrupados de maneira meio aleatória.

Eu finalmente decido qual palavra vou usar.

— Interessante. Parece... interessante.

Não é a primeira descrição que pipocou na minha cabeça, de maneira alguma; foi o velho clichê de ser o lugar onde Judas perdeu as botas. Mesmo assim, foi a mais educada, conforme Philip se aproxima ainda mais da terra firme, preparando-se para o que tenho quase

certeza de que vai ser outro incidente infeliz na lista de incidentes infelizes que me assolam desde que embarquei no primeiro de três aviões, dez horas atrás.

Minhas suspeitas se confirmam quando me deparo com o que se passa por aeroporto nessa cidade de mil habitantes (valeu, Google), momento em que Philip diz:

— Segure, Grace. A pista de pouso é curta, pois é difícil manter uma pista longa sem neve durante muito tempo aqui. Vai ser um pouso rápido.

Não faço ideia do que significa “pouso rápido”, mas não me parece algo bom. Assim, eu me agarro à barra que está na porta do avião, que tenho quase certeza de existir exatamente por essa razão, e seguro firme conforme descemos cada vez mais.

— Muito bem, garota. Vamos ver o que consigo fazer — diz Philip. O que, inclusive, é algo que definitivamente está entre as cinco principais coisas que você *já* quer ouvir seu piloto dizer durante um voo.

O chão cresce branco e inclemente abaixo de nós, e eu fecho os olhos.

Segundos depois, sinto as rodas tocarem o chão. E Philip aciona os freios com tanta força que sou jogada para a frente rapidamente; o cinto de segurança é o único obstáculo a impedir que a minha cabeça arrebente o painel de controle. O avião geme — não sei exatamente qual parte está soltando esse choro agoniado, ou se são todas as peças em um mesmo coral fúnebre; por isso, me esforço para não me concentrar nisso.

Em especial quando começamos a derrapar para a esquerda.

Mordo o lábio e mantenho os olhos firmemente

fechados, mesmo quando o coração ameaça explodir meu peito. Se isso é o fim, não preciso vê-lo chegando.

O pensamento me distrai, me faz imaginar o que exatamente meu pai e minha mãe avistaram chegando e, quando consigo sufocar aquela linha de pensamento, Philip já está fazendo o avião deslizar com delicadeza até parar por completo.

Sei exatamente qual é a sensação. Neste momento, até os dedos dos meus pés tremem.

Abro os olhos devagar, resistindo ao impulso de apalpar o próprio corpo para ter certeza de que ainda estou inteira. Mas Philip apenas ri e diz:

— Aterrissagem perfeita.

Talvez seja a aterrissagem perfeita para um livro de terror. Um livro que ele esteja lendo de cabeça para baixo e de trás para a frente.

Mas eu não digo nada. Simplesmente abro o melhor sorriso que consigo e pego a minha mochila, que está embaixo dos meus pés. Tiro o par de luvas que o tio Finn me enviou e as calço. Em seguida, abro a porta do avião e desembarco — e, durante o tempo todo, rezo para que os meus joelhos não cedam quando eu pisar no chão.

Eles não cedem. Por pouco.

Depois de ficar parada por alguns segundos para ter certeza de que não vou desabar — e para fechar o meu casaco novo em folha com mais força em torno do corpo, porque está fazendo literalmente treze graus abaixo de zero aqui —, vou até a traseira do avião para pegar as três malas que são tudo o que resta da minha vida.

Sinto uma pontada de dor quando olho para elas, mas não me permito passar muito tempo pensando em tudo o

que tive de deixar para trás, assim como não me permito passar muito tempo pensando que agora há estranhos morando na casa em que cresci. Afinal de contas, quem se importa com uma casa, com materiais artísticos ou com uma bateria completa, considerando que perdi muito mais do que isso?

Em vez disso, agarro uma bolsa, retirando-a do espaço que se passa por compartimento de carga naquele avião minúsculo, e a puxo com força para tirá-la dali. Antes que eu possa estender as mãos para pegar a segunda, Philip já está ali, erguendo minhas duas outras malas como se estivessem cheias de travesseiros em vez de tudo o que tenho no mundo.

— Vamos lá, Grace. É melhor irmos andando antes que você comece a ficar azul neste frio. — Ele indica um estacionamento com a cabeça; não é nem mesmo um *prédio*, apenas um estacionamento a uns duzentos metros de distância, e sinto vontade de resmungar. Faz tanto frio neste lugar que, agora, estou tremendo por uma razão completamente diferente. Como alguém consegue viver aqui? Não pode ser real, em especial considerando que a temperatura era de vinte e um graus quando acordei hoje de manhã.

Mesmo assim, não há nada a fazer além de concordar com um aceno de cabeça, e é isso que eu faço. Na sequência, seguro na alça da minha mala e começo a puxá-la até uma pequena plataforma de concreto que, tenho certeza, em Healy é o que chamam de aeroporto. Muito diferente dos terminais abarrotados de San Diego.

Philip me alcança facilmente, com uma mala grande dependurada em cada mão. Tento dizer que ele pode

estender as alças e usar as rodinhas, mas, no momento que passo da pista de pouso para o chão coberto de neve, percebo por que as carrega. É praticamente impossível puxar uma mala com rodinhas no meio da neve.

Já estou praticamente congelada quando chegamos à metade do caminho (que, graças a Deus, ainda não está totalmente coberto de neve) que leva até o estacionamento, apesar da minha jaqueta pesada e das luvas forradas com lã. Não sei o que eu deveria fazer daqui em diante, como fazer para chegar até o colégio interno de que meu tio é diretor e, assim, me viro para perguntar a Philip se existe Uber neste lugar. Mas, antes que eu consiga dizer uma palavra sequer, alguém sai de trás de uma das caminhonetes no estacionamento e vem correndo até mim.

Acho que é minha prima Macy, não tenho certeza, já que está coberta da cabeça aos pés com roupas de frio.

— Você chegou! — diz aquela pilha de chapéus, cachecóis e casacos, e eu tinha razão, definitivamente é Macy.

— Cheguei — confirmo sem muito entusiasmo, imaginando se é tarde demais para reconsiderar a ideia de pedir uma família adotiva. Ou emancipação. Qualquer tipo de vida em San Diego deve ser melhor do que morar em uma cidade cujo aeroporto consiste apenas em uma pista de pouso de um estacionamento minúsculo. Heather vai querer morrer quando eu mandar uma mensagem para ela contando sobre o lugar.

— Finalmente! — diz Macy, aproximando-se para me dar um abraço. É meio desajeitado, em parte por causa de todas as roupas que ela está usando, e também porque,

apesar de ser um ano mais jovem do que os meus dezessete anos, ela é uns vinte centímetros mais alta do que eu. — Estou esperando há mais de uma hora.

Retribuo o abraço, mas me afasto rapidamente enquanto respondo.

— Desculpe, o voo de Seattle acabou atrasando. Uma tempestade forte atrasou as decolagens.

— Ah, sim, ouvimos falar muito dessas coisas — diz, fazendo uma careta. — Tenho certeza de que o tempo lá é pior do que o que faz aqui.

Sinto vontade de discutir a questão — os quilômetros de neve e as roupas de proteção tão pesadas quanto chumbo (que nem os astronautas conseguiriam usar) me deixam extremamente desconfortável. Mas não conheço Macy tão bem, apesar do fato de sermos primas, e a última coisa que quero é ofendê-la. Além do tio Finn, e agora Philip, ela é a única outra pessoa que conheço neste lugar. E são também a única família que me resta. E é por isso que, no fim, simplesmente dou de ombros.

Mas deve ser uma resposta suficientemente boa, porque ela sorri para mim antes de se virar para Philip, que ainda está levando as minhas malas.

— Obrigada por ir buscá-la, tio Philip. Meu pai mandou dizer que está te devendo um engradado de cerveja.

— Nada com que se preocupar, Macy. Eu tinha que cuidar de umas questões em Fairbanks, de qualquer maneira. — Ele diz aquilo de um jeito muito casual; quase como se pegar um avião para uma jornada de trezentos quilômetros de ida e volta não seja nada de especial. Mesmo assim, considerando que neste lugar não há nada além de neve e montanhas em todas as direções, talvez

não seja mesmo. Afinal de contas, de acordo com a Wikipédia, Healy só tem uma estrada que passa pela cidade, e no inverno até mesmo essa estrada fica bloqueada para o trânsito.

Passei o último mês tentando imaginar como seria a vida neste lugar. Como é a vida neste lugar.

Acho que não vai demorar muito para eu descobrir.

— Mesmo assim, ele diz que vai chegar na sexta com as cervejas para vocês poderem assistir ao jogo no melhor estilo *best friends*. — Ela olha para mim. — Meu pai ficou chateado por não poder buscá-la pessoalmente, Grace. Houve uma emergência na escola e só ele podia cuidar daquilo. Mas ele me disse para avisá-lo assim que chegarmos lá.

— Não tem problema — digo. Afinal de contas, o que eu poderia dizer? E, além disso, se aprendi algo, desde que meus pais morreram, há pouco mais de um mês, é que as pequenas coisas são as que mais importam.

Quem se importa com quem vem me buscar, desde que eu chegue à escola?

Quem se importa com quem eu vou morar, se não for com a minha mãe e com o meu pai?

Philip nos acompanha até a beirada do estacionamento antes de finalmente soltar as minhas malas. Macy se despede dele com um rápido abraço e aperto sua mão, murmurando:

— Obrigada por me buscar.

— Sem problema nenhum. Sempre que precisar voar, é só falar comigo. — Ele pisca e depois volta para a pista a fim de cuidar do avião.

Nós o observamos por alguns segundos, até que Macy

segura nas alças das duas malas e começa a arrastá-las pelo piso do estacionamento minúsculo. Ela gesticula, pedindo que eu faça o mesmo com a minha mala, e eu obedeco, embora parte de mim queira mesmo correr de volta até a pista de pouso onde Philip está, entrar naquele aviãozinho e exigir que ele me leve de volta a Fairbanks. Ou, melhor ainda, de volta para a minha casa, em San Diego.

É um sentimento que só piora quando Macy diz:

— Precisa fazer xixi? Leva uma hora e meia daqui até a escola.

Uma hora e meia? Impossível de imaginar quando a cidade inteira dá a impressão de que pode ser atravessada em quinze minutos, vinte, no máximo. Por outro lado, enquanto o avião se aproximava, não vi nenhum prédio com tamanho suficiente para ser um colégio interno para quase quatrocentos adolescentes. Logo, talvez a escola não fique de fato em Healy.

Não consigo evitar pensar nas montanhas e rios que cercam esta cidade em todas as direções e me pergunto em que lugar da Terra vou acabar me enfiando antes de o dia terminar. E onde, exatamente, ela espera que eu faça xixi por aqui, também.

— Estou bem — respondo depois de um minuto, mesmo sentindo que meu estômago está dando cambalhotas e se retorcendo de nervoso.

Todo esse dia se resumiu a chegar até aqui, e isso já foi ruim o bastante. Mas, enquanto levamos as minhas malas em meio àquela semiescuridão, o ar gelado e muito abaixo de zero me estapeando a cada passo, percebo que tudo fica muito real, e muito rápido. Em particular

quando Macy atravessa todo o estacionamento para chegar até o *trenó motorizado* que está estacionado logo na beira do asfalto.

No começo, tenho a impressão de que ela está brincando, mas só quando começou a colocar as minhas malas no reboque conectado ao veículo é que me dei conta de que isso realmente está acontecendo. Estou prestes a viajar num *trenó motorizado*, em plena escuridão, cruzando o *Alasca* a menos de *dez graus abaixo de zero*, de acordo com meu aplicativo.

Só falta a gargalhada da bruxa má, dizendo que está vindo me pegar e pegar o meu cachorro também. Mesmo assim, a esta altura, isso provavelmente seria redundante.

Observo com uma espécie de fascinação horrorizada, enquanto Macy prende as minhas malas no reboque do *trenó*. Eu provavelmente deveria me oferecer para ajudar, mas nem saberia por onde começar. E, como a última coisa que quero é que os poucos pertences que ainda me restam no mundo despenquem pela encosta de alguma montanha, decido que, se há um momento em que é melhor deixar que os especialistas cuidem daquilo que sabem fazer, o momento é agora.

— Você vai precisar disso aqui — sugere Macy, abrindo a pequena bolsa que já estava presa ao *trenó* quando chegamos. Ela revira o conteúdo por um segundo antes de tirar um par de calças pesadas para neve e um cachecol de lã grossa. Ambos são rosa-choque, a minha cor favorita quando eu era criança, mas nem tanto hoje em dia. Mesmo assim, é óbvio que Macy se lembrava disso desde a última vez que nos vimos, e não consigo evitar um sentimento de emoção quando ela estende os

trajes para mim.

— Obrigada. — Esboço o mais próximo que consigo de um sorriso.

Depois de algumas tentativas, consigo colocar aquelas calças por cima da roupa íntima térmica e das calças de pijama de flanela estampada com emojis (o único tipo de calça de flanela que tenho) que vesti, seguindo instruções do meu tio, antes de embarcar no avião, em Seattle. Em seguida, olho por um longo momento para o cachecol nas cores do arco-íris ao redor do pescoço e do rosto de Macy e prendo o meu do mesmo jeito.

É mais difícil do que parece, especialmente quando tento posicioná-lo para impedir que escorregue pelo meu nariz toda vez que me mexo.

Leva algum tempo, mas consigo me preparar. E é aí que Macy pega um dos capacetes pendurados no guidão do trenó motorizado.

— O capacete tem forro térmico e vai manter você aquecida, além de proteger sua cabeça no caso de um acidente — instrui ela. — Além disso, tem uma viseira para proteger os olhos do ar gelado.

— Os meus olhos podem congelar? — pergunto, já me sentindo traumatizada, enquanto pego o capacete das mãos dela e tento ignorar a dificuldade de respirar com o cachecol por cima do nariz.

— Olhos não congelam — responde Macy com uma risadinha, como se não conseguisse se conter. — Mas a viseira vai impedir que eles lacrimejem e você vai ficar mais confortável.

— Ah, é claro. — Eu baixo a cabeça, enquanto sinto as bochechas queimando. — Sou mesmo uma idiota.

— Não é, não. — Macy passa o braço ao redor dos meus ombros e me aperta. — O Alasca é um lugar complicado. Todo mundo que vem para cá precisa aprender alguns macetes. Você vai entender tudo bem rápido.

Não estou tão ansiosa para isso. Não consigo imaginar que este lugar tão estranho e frio algum dia venha a parecer familiar para mim, mas não digo nada. Não quando Macy já cuidou tanto para que eu me sentisse acolhida.

— Lamento muito por você ter que vir para cá, Grace — prossegue ela depois de um segundo. — É que... bem, eu estou bem animada por você estar aqui. Eu só não queria que fosse por causa... — A voz dela morre no ar antes de terminar a frase. Mas já estou acostumada agora. Depois de passar semanas vendo meus amigos e professores pisando em ovos quando estão perto de mim, aprendi que ninguém quer dizer aquelas palavras.

Mesmo assim, estou exausta demais para completar a frase. Em vez disso, enfio a cabeça no capacete e prendo a alça do jeito que Macy me mostrou.

— Tudo pronto? — pergunta ela, quando termino de proteger o meu rosto e a cabeça da melhor maneira possível.

A resposta não mudou desde que Philip me fez aquela mesma pergunta em Fairbanks. *Nem um pouco.*

— Claro. Vamos lá.

Espero Macy subir no trenó motorizado antes de me colocar atrás dela.

— Segure na minha cintura! — ela grita quando liga o motor, e eu a obedeco. Segundos depois, estamos

disparando por entre a escuridão que se estende infinitamente à nossa frente.

Nunca me senti tão aterrorizada em toda a minha vida.

Capítulo 2

O FATO DE MORAR EM UMA TORRE NÃO FAZ DE VOCÊ UM PRÍNCIPE

O trajeto não é tão ruim quanto imaginei que seria.

Digo, não é bom, mas isso se deve mais ao fato de que passei o dia inteiro viajando e só quero chegar a algum lugar, *qualquer lugar*, onde possa ficar mais tempo do que o necessário para trocar de avião. Ou do que uma viagem bem longa num trenó motorizado.

E, se por acaso esse local também for quente e livre dos animais selvagens cujos uivos ouço ao longe, então vou adorar. Especialmente porque, da cintura para baixo, parece que tudo ficou adormecido.

Tento descobrir como acordar o meu bumbum que está totalmente entorpecido quando subitamente desviamos da trilha (quando digo “trilha”, uso essa palavra de um jeito bem generoso) que estávamos seguindo, e assim chegamos a uma espécie de platô na encosta da montanha. Quando passamos por entre mais um aglomerado de árvores, finalmente consigo ver luzes adiante.

— Essa é a Academia Katmere? — grito.

— É, sim. — Macy desacelera um pouco, contornando as árvores como se estivéssemos em uma gigantesca pista em zigue-zague. — Vamos chegar em uns cinco minutos.

Graças a Deus. Se eu tiver de passar mais tempo aqui, tenho certeza de que vou perder uns dois ou três dedos

do pé para o frio, mesmo com as duas meias de lã em cada um. Todo mundo sabe que o Alasca é frio, mas posso dizer que é frio *demais*, e eu não estava preparada.

Ouçõ outro rugido ao longe, mas quando finalmente deixamos aquele grupo de árvores para trás, é difícil prestar atenção a qualquer outra coisa a não ser o prédio gigantesco que se ergue à nossa frente, ficando mais próximo a cada segundo que passa.

Ou, melhor dizendo, o gigantesco *castelo* que se ergue à nossa frente, porque a estrutura para a qual estou olhando não se parece em nada com um prédio moderno. E nem um pouco com *qualquer outra* escola que eu já tenha visto. Tentei pesquisar no Google antes de chegar aqui, mas aparentemente a Academia Katmere é uma escola tão exclusiva que nem mesmo o Google a conhece.

Primeiramente, o lugar é grande. Tipo... bem grande... E amplo. Daqui, parece que o muro de tijolos na frente do castelo se estende por um bom pedaço ao redor da montanha.

Além disso, é elegante. *Muito* elegante, com uma arquitetura que só ouvi ser descrita nas minhas aulas de artes. Arcos com o pé-direito alto, arcobotantes e janelas gigantes e ornamentadas dominam a estrutura.

Enfim, à medida que nos aproximamos, não consigo evitar imaginar se meus olhos estão me enganando ou se realmente há gárgulas — *gárgulas de verdade* —, que se projetam do alto das muralhas do castelo. Sei que é apenas a minha imaginação, mas eu estaria mentindo se dissesse que não esperava ver Quasimodo diante da porta quando finalmente chegássemos.

Macy se aproxima do enorme portão na frente da

escola e digita um código. Segundos depois, o portão se abre. E avançamos mais uma vez.

Quanto mais nos aproximamos, mais surreal a situação fica. Como se eu estivesse presa em um filme de terror ou num quadro de Salvador Dalí. *A Academia Katmere pode ser um castelo gótico, mas pelo menos não tem um fosso ao redor*, eu digo a mim mesma quando passamos pelo último aglomerado de árvores. *Nem um dragão cuspidor de fogo vigiando a entrada*. Só uma via de acesso longa e sinuosa que se parece com as vias de acesso de todas as outras escolas de gente rica que eu vi na TV — exceto pelo fato de estar coberta de neve. É chocante. E ela conduz até as portas da escola, gigantescas e incrivelmente ornamentadas.

Portas antigas. Portas de castelo.

Eu balanço a cabeça para desanuviá-la. Afinal, a minha vida se transformou em quê?

— Eu falei que não seria ruim — diz Macy, aproximando-se da entrada e levantando uma nuvem de flocos de neve. — Não chegamos nem a ver um caribu, muito menos um lobo.

Ela tem razão. Assim, simplesmente concordo com um aceno de cabeça e finjo que não estou completamente embasbacada.

Finjo como se o meu estômago não estivesse todo retorcido e como se o meu mundo não tivesse virado totalmente de cabeça para baixo pela segunda vez em um mês.

Finjo que estou bem.

— Vamos levar as suas malas até o seu quarto e guardar suas coisas. Isso vai te ajudar a relaxar.

Macy desce do trenó motorizado e tira o capacete e o chapéu. É a primeira vez que a vejo sem toda aquela roupa para o tempo frio e não consigo evitar um sorriso quando percebo que seu cabelo tem as cores do arco-íris. Ela tem um corte curto e repicado que deveria estar bagunçado e achatado depois de passar três horas enfiada em um capacete, mas, em vez disso, ela parece ter acabado de sair do cabeleireiro.

E isso combina com o restante dela, quando paro para pensar na situação, considerando todo o conjunto formado pela jaqueta, botas e calças para neve, todas as peças combinando entre si, um *look* que praticamente grita “modelo da capa de alguma revista sobre a vida selvagem no Alasca”.

Por outro lado, tenho quase certeza de que o meu *look* é o de alguém que disputou alguns *rounds* de luta livre com um caribu irritado. E perdeu. Feio. O que até me parece justo, já que é mais ou menos assim que estou me sentindo.

Macy não demora para descarregar as minhas malas do reboque; desta vez, eu pego duas delas. Mas só consigo dar alguns passos na direção daquelas portas imponentes antes de começar a sentir dificuldade para respirar.

— É por causa da altitude — explica Macy, tirando uma das malas da minha mão. — Nós subimos bem rápido e, como você vem de um lugar que fica ao nível do mar, vai levar alguns dias até se acostumar com o ar mais rarefeito daqui.

A simples ideia de não poder respirar começa a desencadear o início de um ataque de pânico que eu

vinha conseguindo, com muita dificuldade, evitar durante todo o dia. Fechando os olhos, respiro fundo — ou tão fundo quanto possível, neste lugar — e tento me livrar dessa terrível sensação.

Inspiro, seguro o ar por cinco segundos, expiro. Inspiro, seguro o ar por dez segundos, expiro. Inspiro, seguro o ar por cinco segundos, expiro. Assim como a mãe de Heather me ensinou. A dra. Blake era terapeuta e vinha me dando dicas sobre como enfrentar a ansiedade que passei a sentir desde que meus pais morreram. Mas não tenho certeza de que as dicas que ela me deu conseguem combater tudo isso mais do que eu mesma consigo.

Mesmo assim, não posso ficar paralisada aqui para sempre, como uma das gárgulas que me encaram lá do alto. Em especial quando posso praticamente sentir a preocupação de Macy, mesmo de olhos fechados.

Respiro fundo outra vez e abro meus olhos de novo, dando um sorriso para a minha prima, que está muito mais distante do que eu realmente sinto. — Fingir até conseguir ainda é algo que as pessoas fazem, não é?

— Vai ficar tudo bem — diz, com os olhos cheios de empatia. — Fique aqui até recuperar o fôlego. Deixe que levo as suas malas até a porta.

— Eu consigo.

— Estou falando sério, não tem problema. Basta relaxar por um minuto. — Ela ergue a mão espalmada, naquele gesto universal que diz *pare*. — Não temos pressa.

Seu tom de voz sugere que não é hora de discutir; por isso, não discuto. Até porque o ataque de pânico que

estou me esforçando para rechaçar só serve para tornar a respiração ainda mais difícil. Em vez disso, concordo com um aceno de cabeça e a observo, enquanto ela leva as minhas malas — uma de cada vez — até a porta da escola.

É quando faço isso que um lampejo acima de nós atrai minha atenção.

Ele aparece e desaparece tão rápido que, mesmo enquanto olho ao redor, não consigo nem ter certeza de que realmente existiu. Exceto por... Lá está ele outra vez. Um lampejo vermelho na janela iluminada da torre mais alta.

Não sei quem é nem por que isso importa, mas paro onde estou. Observando. Esperando. Imaginando se, quem quer que seja essa pessoa, ela vai aparecer outra vez.

E não demora muito até aparecer.

Não consigo ver com muita clareza; a distância, a escuridão e o vidro distorcido das janelas escondem muita coisa. Mas tenho a impressão de ter visto um queixo forte, cabelos crespos e escuros e uma jaqueta vermelha contra um fundo iluminado.

Não é muito, e não há razão para ter atraído a minha atenção; certamente, não há motivo para ter *prendido* a minha atenção, mesmo assim, eu me pego olhando para aquela janela por tanto tempo que, quando dou por mim, Macy já levou as minhas três malas até o alto da escada.

— Pronta para tentar outra vez? — chama lá de cima, perto da porta da escola.

— É claro. — Começo a trilhar os últimos trinta e poucos passos, ignorando a maneira como a minha

cabeça gira. Enjoo por causa da altitude: mais uma coisa com que nunca tive de me preocupar em San Diego.

Fantástico.

Ergo o rosto e olho para a janela uma última vez, sem me surpreender ao perceber que, quem quer que fosse a pessoa que estava olhando para mim, já desapareceu há tempos. Ainda assim, um arrepio inexplicável de decepção corre por mim. Não faz nenhum sentido, então simplesmente tento ignorar aquilo. Tenho problemas maiores com que me preocupar neste momento.

— Esse lugar é inacreditável — comento com minha prima quando ela abre uma das portas e nós entramos.

E, Deus do céu... Achei que toda aquela imagem do castelo, com seus arcos pontiagudos e pedras cuidadosamente talhadas já eram imponentes do lado de fora. Agora que vi o interior, tenho certeza de que deveria estar fazendo uma mesura neste momento. Ou, pelo menos, me curvando até quase encostar a testa no chão. Afinal... Uau. Simplesmente uau!

Não sei para onde devo olhar primeiro: para o teto alto com um candelabro elaborado de cristal negro ou para a enorme lareira que domina toda a parede direita do saguão.

No fim das contas, eu vou até a lareira, afinal... *calor*. E porque ela é maravilhosa; a cornija que serve de moldura ao redor da estrutura é entalhada com padrões bem intrincados de pedra e vitral que reflete a luz das chamas por toda a sala.

— Incrível, não é? — diz Macy com um sorriso quando chega logo atrás de mim.

— Totalmente incrível — concordo. — Este lugar é...

— Mágico. Eu sei. — Ela olha para mim, agitando as sobrancelhas. — Quer ver mais alguns detalhes?

Eu quero muito. Ainda estou meio cética sobre esse papo todo de colégio interno no interior do Alasca, mas isso não significa que não queira dar uma olhada no castelo. Afinal de contas, é um *castelo*, completo com suas paredes de pedra e tapeçarias elaboradas, e não consigo evitar o desejo de parar e olhar quando passamos pelo saguão de entrada até uma espécie de sala de convívio.

O único problema é que, quanto mais avançamos pela escola, mais alunos vemos. Alguns estão reunidos em grupos esparsos, conversando e rindo, enquanto outros estão sentados às várias mesas desgastadas de madeira que há na sala, debruçados sobre livros, celulares ou telas de notebooks. No canto de uma das salas, largados sobre vários sofás de aparência antiga em vários tons de vermelho e dourado, está um grupo de seis rapazes jogando Xbox em uma TV enorme, enquanto outros alunos se agrupam ao redor para assistir.

Mas, quando nos aproximamos, percebo que não estão prestando atenção à partida de videogame. Ou aos seus livros. Ou mesmo aos celulares. Em vez disso, estão todos olhando para mim, enquanto Macy me leva — embora talvez eu devesse dizer que ela desfila comigo — pelo centro da sala.

Meu estômago se retorce e eu baixo a cabeça para esconder o desconforto, que já está bem óbvio. Entendo que todo mundo esteja curioso sobre a garota nova — especialmente quando ela é a sobrinha do diretor —, mas entender isso não faz com que seja mais fácil suportar o

escrutínio de um bando de estranhos. Em particular, porque tenho certeza de que os meus cabelos ainda estão todos bagunçados e amassados depois de passar tanto tempo enfiados num capacete.

Estou ocupada demais evitando que meu olhar cruze com os de outras pessoas e regulando a minha respiração para conversar conforme atravessamos o salão, mas, quando passamos para um corredor longo e sinuoso, enfim digo a Macy:

— Não consigo acreditar que você estuda aqui.

— Nós duas estudamos aqui — lembra ela, com um rápido sorriso.

— Sim, mas...

Acabei de chegar. E nunca me senti tão deslocada em toda a minha vida.

— Mas? — Macy repete, com as sobrancelhas erguidas.

— É muita coisa. — Eu olho para aquelas janelas maravilhosas de vitral colorido que se estendem pela parede externa e as molduras entalhadas que decoram o teto em arco.

— É, sim. — Ela diminui o passo até que eu consiga alcançá-la. — Mas é um lar.

— O seu lar — sussurro, esforçando-me ao máximo para não pensar na casa que deixei para trás, onde os mensageiros dos ventos e os cataventos que a minha mãe tinha na varanda eram os objetos mais maluco que tínhamos.

— Nosso lar — responde, enquanto pega o celular e manda uma rápida mensagem de texto. — Você vai ver. Por falar nisso, meu pai quer que eu deixe você escolher o tipo de acomodação que prefere.

— Tipo de acomodação? — repito, olhando de um lado para outro do castelo; enquanto imagens de fantasmas e armaduras animadas passam pela minha cabeça.

— Bem, todos os quartos individuais já foram distribuídos para este semestre. Meu pai disse que podemos mudar algumas pessoas de quarto para conseguir um desses para você, mas eu realmente adoraria se você aceitasse ficar no meu quarto.

Ela sorri, esperançosa por um momento, mas a expressão rapidamente se desfaz quando ela prossegue.

— Tipo, entendo totalmente que você pode precisar de um pouco de privacidade agora, depois que...

E ali está aquela pausa de novo, aquela frase que morre no ar. Ela me atinge do mesmo jeito toda vez. Em geral tento não dar bola para isso, mas desta vez não consigo me impedir de perguntar:

— Depois que o quê?

Pelo menos desta vez eu queria que alguém dissesse. Talvez, desta vez, eu consiga sentir que isso é real e não somente um pesadelo.

Mas, quando Macy solta um gemido mudo e fica da cor da neve que está caindo lá fora, percebo que ela não vai verbalizar. E que é injusto da minha parte eu esperar que ela o faça.

— Desculpe — sussurra ela, e agora parece que ela está prestes a chorar, o que... não. Não, simplesmente não. Não vamos chegar a esse ponto. Não quando a única coisa que me mantém inteira é uma atitude rebelde e a minha capacidade de compartimentalizar os sentimentos.

Não vou perder o controle sobre ambos de jeito nenhum. Não aqui, na frente da minha prima e de

qualquer um que acabe passando por nós. E mais ainda agora, quando ficou óbvio, com todos aqueles olhares, que sou a nova atração do “zoológico”.

Assim, em vez de desabar nos braços de Macy para ganhar o abraço de que preciso desesperadamente, em vez de me permitir pensar no quanto sinto saudade da minha casa, dos meus pais e da minha vida, recuo e abro o melhor sorriso que consigo.

— Por que não me mostra o *nosso* quarto, então?

A preocupação no olhar dela não diminui, mas a luminosidade definitivamente aparece outra vez.

— O *nosso* quarto? Está falando sério?

Suspiro profundamente por dentro e me despeço do sonho de ter um pouco de paz e solidão. Não é tão difícil quanto deveria, mas eu já perdi muito mais nesse último mês do que o meu próprio espaço.

— Estou, sim. Dividir o quarto com você vai ser perfeito.

Já a irritei uma vez, o que não é bem o que gosto de fazer. E também não quero que alguém seja expulso do quarto por minha causa. Além de ser deselegante e cheirar a nepotismo, tenho quase certeza de que seria uma excelente maneira de irritar as pessoas — algo que definitivamente não está na minha lista de tarefas no momento.

— Da hora! — Macy sorri e joga os braços ao redor de mim e me dá um abraço rápido, mas forte. Em seguida, ela confere o celular e revira os olhos. — Meu pai ainda não respondeu a minha mensagem. Ele nunca olha o celular. Por que você não espera um pouco aqui, enquanto eu vou buscá-lo? Ele queria conversar com você

assim que a gente chegasse.

— Eu posso ir com você...

— Por favor, sente-se um pouco, Grace. — Ela aponta para as poltronas ornamentadas em estilo francês provinciano que ladeiam uma pequena mesa de xadrez em uma alcova ao lado da escadaria. Tenho certeza de que está exausta e eu posso cuidar disso. Relaxe por um minuto, enquanto vou buscar o meu pai.

Como ela tem razão — minha cabeça está doendo e meu peito ainda parece apertado —, simplesmente faço que sim com a cabeça e largo o corpo na cadeira mais próxima. Estou incrivelmente cansada e não quero fazer nada além de repousar a cabeça no encosto da poltrona e fechar os olhos por um minuto. Mas tenho medo de acabar dormindo se fizer isso. E não há a menor possibilidade de me arriscar ser a garota que foi pega babando nas próprias roupas em pleno corredor, logo no seu primeiro dia... ou em qualquer outro.

Mais para me impedir de dormir do que por real interesse, pego uma das peças de xadrez à minha frente. Ela é cuidadosamente entalhada em pedra, e meus olhos se arregalam quando percebo o que estou vendo. A representação perfeita de um vampiro, incluindo a capa preta, a expressão ameaçadora e as presas salientes. Ela combina tão bem com o ambiente gótico do castelo que não consigo evitar achar aquilo incrível. Além disso, a peça foi entalhada com muito talento.

Intrigada, agora, estendo a mão para pegar uma peça do outro lado. E quase solto uma gargalhada quando percebo que é um dragão — feroz, altivo e com asas gigantes. É absolutamente lindo.

Todo o conjunto de peças é lindo.

Posiciono a peça de volta em seu lugar e pego outro dragão. Este é menos feroz, mas, com seus olhos sonolentos e asas recolhidas, é ainda mais intrincado. Observo a peça minuciosamente, fascinada com o nível de detalhamento — tudo, desde as pontas perfeitas das asas até a curva perfeita de cada garra, reflete quanto cuidado o artista teve ao produzir a obra. Nunca fui muito fã de xadrez, mas este conjunto pode me fazer mudar de ideia sobre o jogo.

Quando coloco a peça do dragão de volta, vou até o outro lado do tabuleiro e pego a rainha vampira. Ela é bonita, com cabelos longos e cascadeantes e uma capa cuidadosamente decorada.

— Eu tomaria cuidado com essa aí, se fosse você. Ela tem uma mordida bem dolorida. — As palavras são graves, ressonantes e tão próximas que quase caio da cadeira. Em vez disso, eu me levanto em um salto, largando a peça sobre o tabuleiro com um ruído alto, me viro para trás, com o coração aos pulos, e percebo que estou cara a cara com o rapaz mais intimidante que já vi. E não somente porque ele é lindo, embora definitivamente seja.

Ainda assim, há algo a mais nele, algo diferente, poderoso e esmagador, embora eu não faça a menor ideia do que seja. Bem, claro. Ele tem o tipo de rosto sobre o qual os poetas do século dezanove adoravam escrever: intenso demais para ser bonito e impressionante demais para receber qualquer outra definição.

Maçãs do rosto incrivelmente salientes.

Lábios vermelhos e carnudos.

Um queixo com contornos tão agudos e definidos que poderiam cortar carne.

Pele clara e lisa como mármore.

E aqueles olhos... Poços sem fundo de obsidiana que veem tudo e não demonstram nada, cercados pelos cílios mais longos e mais obscenos que eu já vi.

Pior ainda: aqueles olhos oniscientes estão apontados diretamente para mim como dois lasers, e subitamente fico aterrorizada com a possibilidade de que ele consiga enxergar todas as nuances que venho me esforçando tanto, e há tanto tempo, para esconder. Tento baixar a cabeça, tento desviar o meu olhar, mas não consigo. Fico presa naquele olhar fixo, hipnotizada pelo magnetismo intenso que emana dele em ondas.

Engulo em seco para conseguir recobrar o fôlego.

Não funciona.

Agora ele está sorrindo, um canto da boca se erguendo em um sorrisinho torto que sinto em cada célula do meu corpo. O que só serve para piorar as circunstâncias, porque esse sorriso torto indica que ele sabe com exatidão o efeito que está causando em mim. E, pior ainda, ele está nitidamente gostando da situação.

Sinto a irritação correr pelo meu corpo quando me dou conta daquilo, derretendo o torpor que me cerca desde a morte dos meus pais. Acordando-me do estupor que é a única coisa que me impede de passar o dia inteiro gritando, todos os dias, por tudo isso ser tão injusto. Gritar por causa da dor, do horror e da sensação de impotência que tomaram conta de toda a minha vida.

Não é uma sensação agradável. E o fato de ser esse cara — com o sorriso torto, o rosto e os olhos frios que

insistem em prender a minha atenção, ao mesmo tempo que exigem que eu não olhe tão de perto — simplesmente me irrita ainda mais.

É essa raiva que por fim me dá forças para me libertar daquele olhar. Desvio os olhos com brusquidão e, em seguida, procuro desesperadamente alguma outra coisa — qualquer coisa — para me concentrar.

Infelizmente, ele está em pé bem diante de mim, tão perto que bloqueia a minha linha de visão e não consigo enxergar mais nada.

Determinada a evitar seus olhos, eu me concentro em qualquer outro lugar. E me detenho no corpo alto e esguio que ele tem. E é aí que realmente desejo não ter feito isso, porque o jeans preto e a camiseta em seu corpo servem apenas para valorizar sua barriga chapada e os bíceps duros e definidos. Isso tudo sem mencionar os ombros largos que são totalmente responsáveis por bloquear a minha linha de visão, para início de conversa.

Acrescente-se a isso o cabelo volumoso e escuro que está um pouco longo demais, os fios caem sobre o rosto e tocam suas maçãs do rosto insanas. Não há nada a fazer além de ceder. Nada a fazer além de admitir que, independentemente daquele sorriso torto e indecente, o cara é sexy pra caramba.

Um pouco maldoso, bem selvagem e *totalmente* perigoso.

O pouco oxigênio que consegui puxar para dentro dos pulmões nessa altitude desaparece por completo quando me dou conta daquilo. E isso me deixa ainda mais irritada. Porque... Fala sério. Quando, exatamente, eu me tornei a heroína de um romance para jovens adultos? A

garota recém-chegada que está babando por causa do garoto mais atraente e inalcançável da escola?

Que nojo. Isso não vai acontecer. Nem morta.

Determinada a cortar pela raiz o que quer que esteja acontecendo, eu me forço a olhar para a cara dele de novo. Desta vez, quando nossos olhares se cruzam e se enfrentam, percebo que não importa nem um pouco se estiver agindo feito a protagonista de um enorme clichê romântico.

Porque ele não está.

Uma olhada e eu sei que esse garoto de cabelos escuros com o olhar impenetrável e a atitude de “foda-se” não é o herói da história de ninguém. E menos ainda da minha.

Capítulo 3

RAINHAS VAMPIRAS NÃO SÃO AS ÚNICAS QUE TÊM UMA MORDIDA DOLORIDA

Determinada a não deixar que essa competição de olhares, que mais parece uma demonstração de dominância, avance muito mais, procuro à minha volta por algo capaz de quebrar a tensão. E decido responder a única frase que ele realmente disse para mim até agora.

— Quem tem uma mordida dolorida?

Ele estende a mão para um ponto atrás de onde estou e pega a peça que deixei cair, segurando-a para que eu a veja.

— Ela não é muito legal.

Eu o encaro.

— Ela é uma peça de xadrez.

Os olhos de obsidiana dele reluzem.

— E isso significa o quê?

— Significa que ela é uma peça de xadrez. É feita de mármore. Não pode morder ninguém.

Ele inclina a cabeça num gesto de *nunca se sabe*.

— “Há mais coisas entre o céu e o inferno, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia.”

— Terra — eu o corrijo, antes que consiga me conter.

De maneira inquisitiva, ele ergue uma sobrancelha negra como a meia-noite, e então eu prossigo:

— A frase é “Há mais coisas entre o céu e a *Terra*, Horácio”.

— É mesmo? — O rosto dele não muda, mas há um tom zombeteiro em sua voz que não estava ali antes, como se eu tivesse cometido o erro, não ele. Mas sei que estou certa. Na matéria de língua e literatura inglesa, terminamos de ler *Hamlet* mês passado e a professora passou uma eternidade falando dessa citação. — Gosto mais da minha versão.

— Mesmo que esteja errada?

— Especialmente porque ela está errada.

Não faço a menor ideia do que isso deveria significar, então simplesmente balanço a cabeça. E fico me perguntando o quanto vou ficar perdida se sair para procurar Macy e o tio Finn agora. É provável que bastante, considerando o tamanho deste lugar, mas estou começando a pensar que eu devia arriscar. Porque, quanto mais tempo passo aqui, mais percebo que esse rapaz é tão aterrorizante quanto intrigante.

Não sei qual das duas opções é pior. E, a cada segundo que passa, tenho menos certeza de que quero descobrir.

— Preciso ir. — Forço as palavras a saírem, e nem me dou conta que estava com a musculatura da boca retesada.

— É, precisa mesmo. — Ele dá um passo curto para trás, indicando a sala de convívio pela qual Macy e eu passamos há pouco. — A porta fica daquele lado.

Não é a resposta que eu esperava, e isso me deixa desconcertada.

— E preciso tomar cuidado para que ela não bata em mim quando eu passar?

Ele dá de ombros.

— Desde que você saia desta escola, não dou a mínima

se a porta bater em você ou não. Avisei ao seu tio que não estaria segura aqui, mas, obviamente, ele não gosta muito de você.

A raiva começa a tomar conta de mim ao ouvir aquelas palavras, incendiando os restos do torpor que vinha me assolando.

— E quem exatamente você deveria ser, hein? O chefe do comitê da má recepção de Katmere?

— Comitê de *má* recepção? — O tom de voz dele é tão antipático quanto o seu rosto. — Pode acreditar no que eu digo: essa vai ser a saudação mais gentil que você vai receber por aqui.

— Ah, então é assim? — Ergo as sobrancelhas, abrindo bem os braços. — As boas-vindas ao Alasca?

— Está mais para as boas-vindas ao inferno. Agora, cai fora daqui.

A última frase é dita com um rosnado que faz meu coração subir pela garganta. Mas ela também faz a minha raiva decolar e subir direto para a estratosfera.

— Por acaso você fez curso para ser babaca? — pergunto, irritada. — Ou essa sua personalidade encantadora sempre foi assim?

As palavras saem velozes e furiosas, antes mesmo que eu saiba que vou dizê-las. Mas, quando saem, não me arrependo delas. Como eu poderia me arrepender quando vejo uma expressão de choque se formar no rosto dele, finalmente apagando aquele sorriso torto e irritante?

Pelo menos por um minuto. Mas então ele retruca:

— Olhe, preciso dizer que, se isso é o melhor que você pode fazer, antes que aconteça o pior, te dou mais ou menos uma hora.

Sei que não deveria perguntar, mas ele está com uma expressão tão arrogante que não consigo evitar.

— Antes que aconteça o quê?

— Antes que alguma coisa a devore. — Ele não chega a dizer, mas a palavra obviamente fica implícita. E só serve para me deixar ainda mais brava.

— É sério? Acha que vou cair nessa? — Reviro os olhos.

— Fico mordida com quem se acha o dono da verdade.

— Ah, nem estou a fim. — Ele me olha de cima a baixo.

— Tenho certeza de que você não serve nem para virar aperitivo.

Mas em seguida ele começa a se aproximar, inclinándose para baixo até quase sussurrar na minha orelha.

— Talvez um lanchinho rápido, quem sabe? — Os dentes dele se fecham com um estalo alto e estridente que me assusta e me faz estremecer ao mesmo tempo.

E eu odeio isso... demais. Muito mesmo.

Olho ao nosso redor, curiosa para saber se mais alguém está assistindo a esse fiasco. Mas, embora todo mundo só tivesse olhos para mim até há pouco, as pessoas agora parecem se esforçar para não olhar na minha direção. Um garoto magro com uma enorme cabeleira ruiva passa pela sala com o rosto virado desajeitadamente para o lado e quase tromba com outro aluno.

E isso me diz tudo o que preciso saber sobre esse rapaz que está diante de mim.

Determinada a recuperar o controle da situação — e o controle de mim mesma —, dou um longo passo para trás. Em seguida, ignorando as batidas aflitas do meu coração e os pterodátalos que voam no meu estômago,

esbravejo:

— Cara, o que você tem na cabeça?

É sério. Ele age como se fosse um urso-polar raivoso.

— Uns dois ou três séculos? — O sorriso torto voltou ao rosto dele; obviamente, ele está orgulhoso por poder me irritar. E, por um momento, apenas por um momento, penso na satisfação que seria acertar um soco bem no meio daquela boca irritante.

— Sabe de uma coisa? Você não precisa ser um...

— Não me diga o que eu tenho que ser. Não quando você não faz a menor ideia de onde veio parar.

— Oh, não! — digo, fingindo que estou chocada, com uma expressão exagerada. — É essa a parte da história em que você me conta sobre os monstros malvados que existem aqui no meio das florestas perdidas do Alasca?

— Não, esta é a parte da história em que eu te mostro os monstros malvados bem aqui neste castelo. — Ele avança um passo, encurtando a pouca distância que consegui abrir entre nós.

Lá vai o meu coração outra vez, batendo como um pássaro engaiolado e desesperado para escapar.

Como eu odeio isso.

Odeio o fato de ele ter levado a melhor sobre mim e odeio o fato de que estar tão perto dele me faz sentir um monte de coisas que eu não deveria sentir por um cara que está sendo um verdadeiro babaca. E odeio ainda mais o fato de que a expressão em seus olhos demonstram que ele sabe exatamente o que estou sentindo.

É humilhante o fato de minhas reações a esse rapaz serem tão intensas quando tudo o que ele parece sentir por mim é desprezo. Assim, dou um passo vacilante para

trás. Em seguida, recuo mais um passo. E mais um.

Mas ele não se afasta, avançando um passo para cada passo que recuo, até que fico prensada entre ele e a mesa de xadrez, que pressiona a parte de trás das minhas coxas. Embora não haja lugar algum para onde escapar, e, embora eu esteja presa aqui diante dele, ainda assim ele se inclina por sobre mim, se aproxima a ponto de eu conseguir sentir o hálito morno na minha bochecha e aqueles cabelos negros e sedosos roçando na minha pele.

— O que você...? — O pouco ar que eu consegui inalar fica preso na minha garganta. — O que você está fazendo? — pergunto quando ele estende a mão por trás de mim.

Ele não responde logo. Mas, quando se afasta, está com uma das peças em forma de dragão na mão. Ele a estende para que eu a veja, com aquela sobrancelha arqueada de um jeito bem provocante, e responde:

— Foi você que quis ver os monstros.

Ele é feroz, os olhos estreitados, garras erguidas, boca aberta para mostrar dentes serrilhados e pontiagudos. Mas ainda é somente uma peça de xadrez.

— Não tenho medo de um dragão de sete centímetros.

— Ah, não? Pois deveria ter.

— Bem, não tenho. — As palavras saem mais estranguladas do que eu gostaria. Ele pode ter recuado um passo, mas ainda está perto demais. Tão perto que consigo sentir seu hálito na minha bochecha e o calor que emana do seu corpo. Tão perto que uma respiração mais profunda faria com que meu peito encostasse no dele.

O pensamento abre um caleidoscópio inteiro de borboletas dentro de mim. Não consigo recuar mais, mas

posso me inclinar um pouco para trás, por sobre a mesa de xadrez. E é o que faço — enquanto aqueles olhos escuros e profundos observam cada movimento meu.

O silêncio se estende entre nós por um, dez, vinte e cinco segundos até que ele finalmente pergunta:

— Então, se não tem medo de seres que rastejam pela escuridão da noite, do que você tem medo?

Imagens do carro esvaído dos meus pais me vêm à mente, seguidas de retratos dos corpos feridos. Eu era a única pessoa da família que eles tinham em San Diego — ou em qualquer lugar, com exceção de Finn e Macy — e, por isso, fui eu que tive de ir ao necrotério. Fui eu que precisei identificar os corpos. Quem teve de vê-los ensanguentados, esquartejados e cheios de hematomas antes que a funerária juntasse as partes outra vez.

A angústia familiar vem subindo por dentro de mim, mas faço o que já venho fazendo há várias semanas. Empurro tudo de volta para baixo. Finjo que a dor não existe. — Poucas coisas — respondo a ele, do jeito mais petulante que consigo.

— Não há muita coisa a temer quando já se perdeu tudo o que importava.

Ele fica paralisado ante minhas palavras; todo o seu corpo se retesa a tal ponto de aparentar que vai explodir. Os olhos dele mudam — a selvageria desaparece entre um piscar e outro até que resta apenas o silêncio.

Silêncio e uma agonia tão profunda que mal consigo enxergá-la por trás das camadas e mais camadas de defesas que ele construiu.

Mas eu *consigo* enxergá-la. E mais: consigo *senti-la*, tentando chamar a minha própria dor.

É uma sensação horrível, mas inspiradora. Tão horrível que eu quase não consigo suportá-la. Tão inspiradora que não consigo impedi-la.

Assim, não a impeço. E ele também não o faz.

Em vez disso, ficamos os dois ali, paralisados. Devastados. Conectados de uma maneira que consigo sentir, mas não compreender, por meio de nossos próprios e distintos horrores.

Não sei dizer quanto tempo passamos assim, com os olhos fixos um no outro. Um reconhecendo a dor do outro, porque nenhum de nós consegue reconhecer a própria dor.

Por tempo suficiente até que a animosidade se esvaia de mim.

Por tempo suficiente até que eu consiga ver as pequenas manchas prateadas no breu dos olhos dele — estrelas distantes que brilham na escuridão que ele não tenta esconder.

Tempo mais do que suficiente para que eu consiga colocar meu coração alucinado sob controle. Pelo menos até que ele estenda a mão e toque gentilmente um dentre os meus milhões de cachos.

E assim, muito facilmente, eu me esqueço novamente de como se respira.

Uma onda de calor percorre o meu corpo quando ele distende o cacho, pela primeira vez sinto que estou aquecida, desde o momento em que abri a porta do avião de Philip em Healy. É confuso e espantoso, e não faço a menor ideia de como reagir.

Cinco minutos atrás, esse garoto estava agindo como um perfeito babaca comigo. E agora... Agora não sei mais

nada. Apenas que preciso de espaço. E dormir. E de uma chance para simplesmente respirar por alguns minutos.

Com isso em mente, ergo as mãos e empurro seus ombros. Um esforço para fazer com que ele me dê um pouco de espaço. Mas é como empurrar um muro de granito. O garoto não recua.

Pelo menos não até que eu sussurre:

— Por favor.

Ele espera mais um segundo, talvez dois ou três — até a mente ficar confusa e as mãos trêmulas — antes de finalmente dar um passo para trás e soltar a mecha do meu cabelo.

E, quando faz isso, ele passa a mão pelos próprios cabelos escuros. Sua franja longa se abre apenas o bastante para revelar uma cicatriz irregular que vai do centro da sobrancelha esquerda até o canto da boca. É fina e branca, quase impossível de notar em meio à palidez daquela pele, mas ainda assim está lá — em particular quando olho para o V ferino que se forma na ponta da sobrancelha negra.

É algo que devia torná-lo menos atraente, que devia fazer alguma coisa — qualquer coisa — para negar o poder incrível da sua aparência. Mas, de algum modo, a cicatriz apenas enfatiza o perigo, transformando aquele que devia ser só mais um garoto bonito com aparência angelical em alguém um milhão de vezes mais bonito. Um anjo caído com ar de *bad boy* que se espalha por vários quilômetros... E um milhão de histórias para justificar essa atitude.

Combinada com a angústia que acabei de sentir dentro dele, isso o torna mais... humano. Mais compreensível e

mais devastador, apesar da escuridão que emana dele em ondas. Uma cicatriz como aquela só pode ter sido causada por um ferimento inimaginável. Centenas de pontos, múltiplas cirurgias, meses — talvez até mesmo anos — de recuperação. Detesto pensar que ele sofreu desse jeito; é algo que eu não desejaria a ninguém, muito menos a esse cara que me frustra, me aterroriza e me empolga, tudo ao mesmo tempo.

Ele sabe que vi a cicatriz; percebo isso na maneira que semicerra os olhos. Na maneira que enrijece os ombros e cerra os punhos. Na maneira que abaixa a cabeça, fazendo os cabelos caírem por sobre a bochecha.

É algo que eu odeio; odeio o fato de ele pensar que precisa esconder algo que devia exibir como um distintivo de honra. É preciso muita força para passar por algo assim, muita força para atravessar e chegar do outro lado desse abismo, e ele devia sentir orgulho dessa força. E não vergonha da marca que ela deixou.

Estendo a mão antes de pensar em fazer aquilo e toco a bochecha marcada pela cicatriz.

Seus olhos escuros se incendeiam, e tenho a impressão de que ele vai me empurrar para longe. Mas isso não acontece. Ele apenas fica ali e deixa que eu acaricie a sua face com o polegar, para cima e para baixo, passando pela cicatriz, por um bom tempo.

— Lamento — sussurro, quando finalmente consigo fazer a minha voz passar pelo nó doloroso de empatia que tenho na garganta. — Isso deve ter doído muito.

Ele não responde. Em vez disso, fecha os olhos, repousa o rosto na palma da minha mão e inala o ar, com a respiração entrecortada.

Logo depois ele se desvencilha, afastando-se, abrindo uma distância de verdade entre nós pela primeira vez desde que se aproximou de mim, o que subitamente parece ter acontecido há uma eternidade.

— Eu não entendo você — diz ele de repente, com a voz mística tão baixa que preciso me esforçar para ouvi-lo.

— “Há mais coisas entre o céu e o inferno, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia” — respondo, repetindo deliberadamente a citação errada que ele disse antes.

Ele balança a cabeça, como se tentasse desanuviá-la. Respira profundamente e depois exala o ar devagar.

— Se você não vai embora...

— Eu não posso ir embora — interrompo. — Não tenho para onde ir. Meus pais...

— Morreram. Eu sei. — Ele abre um sorriso amargurado. — Tudo bem. Se você não vai embora, então vai ter que me escutar com muita, muita atenção.

— O que você...?

— Mantenha a cabeça baixa. Não olhe por muito tempo para nada, nem para ninguém. — Ele se inclina para a frente, com a voz baixando até virar um murmúrio grave. — E sempre, *sempre* tome muito cuidado.

Capítulo 4

ARMADURAS RELUZENTES SÃO COISAS DO SÉCULO PASSADO

— Grace! — a voz do meu tio Finn ribomba pelo corredor, e eu me viro instintivamente na direção dele. Sorrio e faço um aceno discreto, mesmo que parte de mim se sinta paralisada depois de ter recebido algo que se parece muito com um aviso.

Eu me viro outra vez para confrontar o sr. Alto, Grosseiro e Trevoso, para tentar entender exatamente o que ele tanto acha que preciso temer — mas ele desapareceu.

Olho ao redor, determinada a descobrir para onde ele foi, mas, antes que eu consiga avistá-lo, tio Finn já está me dando um abraço de urso e me levantando do chão. Seguro-me nele para não cair, deixando que o aroma reconfortante do meu tio — a mesma fragrância amadeirada que o meu pai usava — tome conta de mim.

— Peço mil desculpas por não ter ido recebê-la no aeroporto. Dois garotos se machucaram e tive que cuidar das coisas por aqui.

— Não se preocupe com isso. Eles estão bem?

— Estão, sim. — Ele balança negativamente a cabeça. — Dois idiotas agindo como idiotas. Você sabe como são os garotos.

Começo a dizer que não faço a menor ideia de como os garotos são — este meu último encontro é uma prova disso — mas algum instinto esquisito que não consigo

compreender me diz para não mencionar o rapaz com quem eu estava falando agora há pouco. Assim, não menciono. Simplesmente rio e concordo com um aceno de cabeça.

— Mas chega de falar sobre as tarefas de um diretor de escola — diz ele, puxando-me para outro abraço rápido antes de se aproximar para observar o meu rosto. — Como foi de viagem? E, mais importante: como você está?

— A viagem foi longa — conto a ele. — Mas correu tudo bem. E eu estou bem. — A frase do dia.

— Tenho certeza de que “bem” é um pouco de exagero. — Ele suspira. — Mal consigo imaginar como essas últimas semanas foram difíceis para você. Eu queria poder ter ficado por lá um pouco mais depois do enterro.

— Não tem problema. A imobiliária que você contratou cuidou de quase tudo. E Heather e a mãe dela cuidaram do resto. Sério mesmo.

Fica óbvio que ele quer dizer mais, mas que também não quer entrar em nenhum assunto mais profundo no meio do corredor. Assim, no fim das contas, ele simplesmente confirma com um aceno de cabeça e diz:

— Tudo bem, então. Vou deixar você com Macy para que se acomode. Mas venha falar comigo amanhã de manhã para discutirmos o seu cronograma. Além disso, vou apresentá-la à sua orientadora, a dr^a Wainwright. Acho que você vai gostar dela.

Ah, certo. A dr^a Wainwright. A orientadora da escola que também é terapeuta, de acordo com a mãe de Heather. E não é uma terapeuta qualquer; ela é a *minha* terapeuta, aparentemente, já que tanto ela quanto o meu tio acham que preciso de uma. Não estou a fim de fazer

terapia, mas, como tive de me esforçar para não chorar durante o banho todas as manhãs desse último mês, imagino que talvez eles possam ter razão.

— Certo, eu vou sim.

— Está com fome? Vou mandar levarem o jantar para o seu quarto, já que chegaram depois que ele foi servido. E há uma questão que realmente precisamos discutir. — Ele me encara com os olhos estreitados, olhando-me de cima a baixo. — Embora... Sentiu muito a diferença de altitude?

— Estou bem. Não digo ótima, mas bem.

— Ah, sim. — Ele me olha novamente dos pés à cabeça. Em seguida, pigarreja e sorri antes de olhar para Macy. — Dê um analgésico a ela quando chegarem ao quarto. E diga para beber bastante água. Vou mandar levarem sopa e refrigerante. Vamos pegar leve agora à noite e amanhã de manhã veremos como estão.

“Leve” é uma palavra perfeita para o momento, porque só de pensar em comida de verdade agora me dá vontade de vomitar.

— Está bem.

— Fico muito feliz por você estar aqui, Grace. E garanto que tudo vai ficar mais fácil.

Faço que sim com a cabeça, porque, afinal de contas, o que mais posso fazer? Não estou exatamente feliz por estar aqui — o Alasca me dá a sensação de estar na lua neste momento. Mas gosto da ideia de que as coisas vão ficar mais fáceis. Tudo que eu quero é poder passar um dia sem me sentir péssima.

Eu esperava que esse dia fosse amanhã, mas desde que conversei com o Alto, Grosseiro e Trevoso, tudo em que consigo pensar é na expressão dele quando me disse para

ir embora de Katmere. E em como ficou irritado quando recusei. Por isso, provavelmente amanhã não vai ser o dia que eu espero que seja.

Imaginando que o assunto esteja concluído, estendo a mão para pegar a alça de uma das minhas malas. Mas o meu tio diz:

— Não se preocupe com a bagagem. Vou pedir a um dos rapazes... — Ele interrompe a frase no meio e chama alguém que está do outro lado do corredor. — Ei, Flint! Venha aqui me dar uma mão.

Macy solta um ruído que parece algo entre um resmungo e um gemido de morte quando seu pai sai pelo corredor, provavelmente tentando alcançar essa pessoa chamada Flint.

— Vamos andando antes que o meu pai o alcance. — Ela pega duas das minhas malas e praticamente corre até as escadas.

— Qual é o problema com Flint? — pergunto, enquanto pego minha última mala e tento acompanhar o passo de Macy.

— Nada! Ele é ótimo. Incrível. E também é um gostosão. Mas não precisa ver a gente assim.

Eu compreendo a razão pela qual ela pensa que Flint não precisa me ver deste jeito, porque tenho quase certeza de que estou parecendo um zumbi. Mas...

— Você está ótima.

— Ah... não. Não, não estou não. Vamos lá. É melhor a gente sair...

— Oi, Macy. Não se preocupe com essas malas. Eu as levo para você. — Uma voz grave ecoa vários degraus mais para baixo, e eu me viro bem a tempo de ver um

rapaz vestido com um jeans rasgado e uma camiseta branca vindo rapidamente em minha direção. Ele é alto — quase tão alto quanto o sr. Alto, Grosseiro e Trevoso — e tão musculoso quanto. Mas as semelhanças acabam por aí, porque, enquanto o outro garoto era todo sombrio e frio, este aqui é todo luz e fogo.

Olhos luminosos da cor de âmbar e que parecem queimar com uma chama interior. Pele negra e bonita. Um cabelo *black power* incrível que lhe cai muito bem.

E talvez o mais interessante de tudo: há um sorriso em seus olhos, que é tão diferente do gelo do outro cara quanto as estrelas do lado de fora da janela são diferentes do azul escuro do céu.

— Pode deixar com a gente — diz Macy, mas ele a ignora, subindo três degraus de cada vez.

Ele para ao meu lado primeiro e solta gentilmente a alça da mala que estou segurando com toda a firmeza do mundo.

— Oi, novata. Tudo bem com você?

— Estou bem, só um pouco...

— Ela está enjoada, Flint — diz o meu tio, no pé da escadaria. — É o efeito da altitude.

— Ah. É mesmo, tem isso. — Os olhos dele brilham com empatia. — Isso é um saco.

— Sim, é.

— Bem, não se preocupe com isso, novata. Suba aqui nas minhas costas. Te dou uma carona até o topo da escada.

O simples ato de pensar naquilo faz meu estômago embrulhar ainda mais.

— Ah... como assim? Não, não, está tudo bem. — Eu

me afasto um pouco dele. — Eu posso ir andando...

— Vamos lá. — Ele flexiona os joelhos para que eu possa agarrar mais facilmente aqueles ombros superlargos. — Tem três lances de escada bem longos à sua frente.

Realmente são três lances de escada bem longos, mas ainda assim eu prefiro morrer a subir nas costas de um cara que acabei de conhecer.

— Tenho certeza de que vão ser ainda mais longos se você me carregar.

— Ah, que nada. Você é tão pequena que eu não vou nem perceber. Anda, vai subir nas minhas costas ou vou ter que te pegar pela cintura e colocar no ombro?

— Você não vai fazer isso.

— Quer apostar? — provoca ele, abrindo um sorriso que me faz rir.

Mas, mesmo assim, não vou montar nas costas dele. Não vou deixar que um dos caras mais bonitos da escola me carregue pelas escadas — nem pendurada em suas costas, nem jogada por cima do ombro.

De...

Jeito...

Nenhum.

E não quero nem saber se a altitude está me incomodando.

— Obrigada pela oferta. De verdade. — Abro o melhor sorriso que consigo expressar no momento. — Mas acho que vou simplesmente andar devagar. Vou ficar bem.

Flint balança a cabeça negativamente.

— Você é teimosa, hein? — Mas ele não insiste no assunto como eu achei que faria. Em vez disso, ele

pergunta: — Posso pelo menos ajudar você a subir? Seria horrível ver você despencar e rolar escada abaixo logo no seu primeiro dia aqui.

— Ajudar como? — A desconfiança faz com que eu o encare, estreitando os olhos.

— Assim. — Ele passa o braço ao redor da minha cintura.

Eu me sinto enrijecer com aquele toque inesperado.

— O que você está...?

— Desse jeito você pode pelo menos se apoiar em mim se a subida for demais para você. Pode ser?

Eu começo a dizer *não pode ser absolutamente nada*, mas o riso naqueles olhos de âmbar e o jeito que ele olha para mim — esperando que eu faça exatamente aquilo — fazem com que eu mude de ideia. Bem, isso e também o fato de que tio Finn e Macy parecem não ter nenhuma objeção ao que está acontecendo.

— Está bem, está bem. Pode ser — concordo com um suspiro, quando a sala começa a girar ao meu redor. — Ah, meu nome é Grace.

— Eu sei. Foster disse que você vinha para cá. — Ele vai na direção da escada, ajudando-me a subir com o braço direito ao redor das minhas costas. — E o meu é Flint.

Ele para diante da escada por um momento, estendendo as mãos para pegar a minha bagagem.

— Oh, não se preocupe com as malas — diz Macy, com a voz umas três oitavas acima do tom normal. — Eu cuido delas.

— Não duvido, Macy — responde Flint, piscando o olho. — Mas você pode me usar, já que estou me oferecendo como voluntário. — Em seguida, ele pega

duas das malas com a mão esquerda e começa a subir.

Graças aos céus, começamos a subir devagar. Mas não demora muito até começarmos a ir mais rápido — não porque eu tenha me acostumado com a altitude, mas porque Flint está levando a maior parte do meu peso, praticamente me carregando escada acima com um braço ao redor de mim.

Eu sei que ele é forte — todos aqueles músculos embaixo da sua camiseta não são meramente decorativos —, mas não consigo acreditar que seja *tão* forte. Afinal, ele está carregando duas malas pesadas e também *me carregando* pela escadaria, e nem sequer respira com dificuldade.

Chegamos ao topo da escada antes de Macy, que está bufando e resfolegando pelos últimos degraus com a minha última mala.

— Já pode me soltar — digo, enquanto começo a me contorcer para me desvencilhar dele. — Já que você praticamente me carregou até aqui.

— Estava só tentando ajudar — diz ele, agitando as sobrancelhas e me fazendo rir, apesar do constrangimento que sinto.

Ele me coloca de volta no chão e eu espero que ele se afaste quando meus pés finalmente pisam em uma superfície firme. Em vez disso, ele continua com o braço ao redor da minha cintura e vai me levando pelo corredor.

— Já pode me soltar — digo de novo. — Estou bem, agora. — Mas meus joelhos fraquejam quando digo aquilo, sentindo outra onda de tontura tomar conta de mim.

Tento esconder aquilo, mas provavelmente não consigo fazê-lo muito bem, porque o sorriso de Flint se transforma num olhar de preocupação em menos de dois segundos. Em seguida, ele balança a cabeça.

— Ah, claro. Para você desmaiar e despencar por cima do corrimão. Nada disso. O diretor Foster me mandou levá-la até o quarto e é isso que eu vou fazer.

Começo a debater a questão, mas sinto as pernas tão bambas e decido que aceitar a oferta pode ser algo bem vantajoso. Assim, simplesmente concordo com um meneio de cabeça, enquanto ele se vira para trás a fim de chamar minha prima.

— Tudo bem por aí, Macy?

— Tudo ótimo — replica ela, arfando e praticamente arrastando a minha mala quando vence o último degrau.

— Falei que podia trazer essa outra mala também — diz Flint a ela.

— Não foi por causa do peso da mala — retruca Macy.

— E sim porque tive que subir essa escada quase correndo.

— Minhas pernas são mais longas. — Ele olha ao redor.

— E, então, para que lado tenho que levá-la?

— Estamos na ala Norte — diz Macy, apontando para o corredor que fica à nossa esquerda. — Venha comigo.

Apesar de todo o cansaço e de estar ofegante, ela entra às pressas no corredor, seguida por mim e por Flint, que a acompanha a passos rápidos. Enquanto corremos pelo pavimento, é inevitável sentir um alívio por continuar amparada por um braço forte. Eu sempre achei que estava em forma, mas a vida no Alasca obviamente considera que “em forma” é algo muito acima do padrão

geral da população.

Há quatro conjuntos de portas duplas naquele lugar, todas feitas de madeira grossa e entalhada. Macy para diante da porta com a inscrição “Norte”. Mas, antes que ela consiga tocar na maçaneta, a porta se abre com tanta rapidez que ela mal consegue se esquivar antes de ser atingida.

— Ei, o que está acontecendo... — Ela para de falar quando quatro rapazes passam pela porta como se Macy nem estivesse ali. Os quatro são morenos, carrancudos e incrivelmente sexy, mas só tenho olhos para um deles.

Aquele que estava no térreo.

Mas ele não tem olhos para mim. Em vez disso, passa sem dizer nada, com uma expressão vazia no rosto e um olhar gelado — como se eu nem estivesse aqui.

Como se nem conseguisse me ver, mesmo que tenha de desviar do caminho para não esbarrar em mim.

Como se não tivesse passado quinze minutos conversando comigo agora há pouco.

Só que... só que, quando ele passa, seu ombro roça de leve a lateral do meu braço. Mesmo depois de tudo o que dissemos um ao outro, sinto uma onda de calor ferver pelo meu corpo ante o contato. E mesmo que a lógica me diga que o toque foi acidental, não consigo afastar a ideia de que ele fez isso de propósito. Não mais do que consigo me impedir de virar o rosto para acompanhá-lo com os olhos quando ele se afasta.

É só porque estou irritada, digo a mim mesma. Só porque eu quero ter a oportunidade de lhe dar uma bronca por ter sumido daquele jeito.

Macy não diz nada para ele, nem para os outros

garotos, e Flint também não. Em vez disso, esperam até que os quatro saiam do caminho e depois seguem pelo corredor como se nada tivesse acontecido. Como se não tivéssemos sido escandalosamente esnobados.

Flint segura com ainda mais força a minha cintura, e eu não consigo evitar pensar comigo mesma por que o garoto com gelo nas veias faz minha pele formigar e aquele que está literalmente compartilhando o calor do seu corpo comigo me deixa gelada por dentro. Parece que a minha vida tumultuada está tumultuando completamente o meu cérebro também.

Sinto vontade de perguntar quem são eles; vontade de perguntar quem é *ele* para que eu finalmente consiga associar um nome àquele corpo incrível, e àquele rosto *ainda mais* incrível. Mas não parece ser o momento certo. Assim, fico de boca fechada e me concentro em olhar ao redor em vez de fazer perguntas obsessivas sobre um cara de que eu nem sequer gosto.

O corredor norte tem portas pesadas de madeira dos dois lados, e a maioria exibe alguma decoração. Rosas secas no formato de um X em uma delas, o que parece um conjunto elaborado de mensageiros dos ventos em outra e uma tonelada de adesivos em forma de morcego numa terceira. Não consigo decidir se a pessoa que mora ali sonha em ser quiropterologista ou se é simplesmente fã do Batman.

De qualquer maneira, fico absurdamente fascinada com todas aquelas decorações — em particular com os mensageiros dos ventos, já que não consigo imaginar que vente tanto num corredor interno. E não fico nem um pouco surpresa quando Macy para diante da porta mais

adornada de todas elas. Uma guirlanda de flores frescas contorna todo o batente, e fios com cristais trançados e multicoloridos caem do alto da porta até o chão como uma versão elegante de uma cortina de miçangas.

— Aqui estamos — saúda Macy, abrindo a porta com um floreio. — Lar, doce lar.

Antes que eu ultrapasse a soleira, outro rapaz bonito que se veste todo de preto passa por nós. E embora ele não nos dê mais atenção do que aqueles com quem cruzamos na porta do corredor norte, sinto que os pelos da minha nuca se arrepiam. Porque, mesmo com a certeza de que estou imaginando coisas, subitamente tenho uma sensação horrível de estar sendo observada.

Capítulo 5

COISAS QUE ROSA-CHOQUE E HARRY STYLES TÊM EM COMUM

— Qual é a cama dela? — pergunta Flint quando me leva pela porta.

— A da direita — responde Macy. Sua voz está com aquele som engraçado outra vez, e por isso eu olho para trás, por sobre o ombro, para ter certeza de que ela está bem.

Parece que sim, mas os olhos dela estão enormes e se movem o tempo todo, apontando para Flint e depois para o restante do quarto, várias e várias vezes. Eu a encaro e faço uma cara de *o que está acontecendo*, mas ela só faz um gesto negativo com a cabeça, um sinal universal que indica *não diga NADA*. Assim, decido ficar quieta.

Em vez disso, eu dou uma conferida no quarto que vou dividir com a minha prima durante os próximos meses. Só preciso de alguns segundos para me dar conta de que, independentemente do que tivesse dito sobre entender se eu quisesse ter um quarto só para mim, ela já vinha planejando dividir o quarto comigo há um bom tempo.

Para começar, todas as coisas dela estão organizadas cuidadosamente no lado do quarto que está decorado com todas as cores do arco-íris. Além disso, a outra cama já está toda arrumada com — é claro — lençóis rosa-choque e um edredom rosa-choque estampado com enormes figuras de hibiscos brancos.

— Sei que você gosta de surfar — diz, percebendo que

eu observo aquele edredom ofuscante. — Achei que você gostaria de algo que a fizesse se lembrar de casa.

Aquele tom de rosa me faz lembrar mais da Barbie surfista do que da casa onde eu morava, mas jamais vou dizer isso a Macy. Não quando é óbvio todo o cuidado e esforço que ela teve para fazer com que eu me sentisse confortável. E sou grata por tudo isso.

— Obrigada. É muito bonito.

— É sem sombra de dúvida algo bem alegre — diz Flint, levando-me até a cama. O jeito com que ele me olha é totalmente irônico, mas isso só faz com que eu goste ainda mais dele. O fato de ele saber que as escolhas de Macy em termos de decoração são absurdas e, ao mesmo tempo, ser gentil demais para dizer qualquer coisa que possa magoá-la, é uma atitude que me apetece. Com sorte, talvez eu tenha acabado de fazer uma nova amizade.

Ele larga as minhas malas ao pé da cama e, em seguida, se afasta enquanto eu desabo no colchão, com a cabeça ainda girando um pouco.

— Vocês precisam de mais alguma coisa antes de eu ir? — pergunta Flint, depois que estamos completamente desvencilhados.

— Estou bem — respondo a ele. — Obrigada pela ajuda.

— Sempre que precisar, novata. — Ele abre outro daqueles sorrisos de dez mil quilowatts de potência. — Sempre que precisar.

Tenho certeza de que Macy fica um pouco entristecida ao ver aquele sorriso, mas ela não diz nada. Simplesmente vai até a porta e abre um sorriso fraco,

enquanto espera ele sair. Flint esboça um aceno breve para mim e toca o punho dela com o próprio punho.

No instante que a porta é fechada e trancada depois que ele passa, eu digo:

— Flint é o seu crush.

— Não é! — responde ela, olhando desesperada para a porta, como se ele pudesse nos ouvir do outro lado daquela madeira grossa.

— Ah, não? Então o que foi tudo isso?

— Tudo isso, o quê? — A voz de Macy está três oitavas acima do tom normal.

— Você sabe. — Junto as mãos, entrelaçando os dedos, abro e fecho os olhos várias vezes e faço uma imitação caricata de todos os sons que ela vinha fazendo desde que o seu pai chamou Flint para nos ajudar.

— Eu não falo desse jeito!

— Você fala *exatamente* desse jeito — digo a ela. — Mas não entendo... Se você gosta de Flint, por que não tenta conversar mais com ele? Tipo, era a oportunidade perfeita.

— Eu não gosto dele desse jeito. Não gosto! — Macy insiste com uma risada quando eu a encaro. — Digo... ele é lindo, legal e superinteligente, mas eu já tenho um namorado de quem gosto muito. Mas Flint é tão... *Flint*, sabe? E ele estava no *nosso quarto*. Do lado da *sua cama*.

— Ela suspira. — Esse tipo de coisa deixa a gente maluca.

— Achei que você fosse desmaiar — digo, provocando.

— Nada a ver. — Ela revira os olhos. — Não é um crush de verdade. É uma coisa meio...

— Uma coisa meio como a aura que cerca o garoto mais popular da escola?

— Sim, é isso! Exatamente assim. Só que Flint não está exatamente no topo da lista. Jaxon e sua turma praticamente já ocuparam todas as vagas da primeira posição.

— Jaxon? — pergunto, tentando falar de maneira casual, mesmo enquanto todo o meu corpo entra em estado de alerta máximo. Não sei como, mas sei que ela está falando *dele*. — Quem é Jaxon?

— Jaxon Vega. — Ela finge que está desmaiando de um jeito caricato. — Não faço a menor ideia sobre como falar do Jaxon, mas... Ah, espere. Você o viu.

— Vi? — Tento ignorar os dinossauros voadores que invadiram de novo o meu estômago.

— Sim, quando estávamos vindo para cá. Era um dos caras que quase me acertou com a porta na cara. O gostosão que estava na frente dos outros.

Eu me faço de boba, embora meu coração já esteja subitamente batendo rápido demais.

— Aqueles que fingiram que não viram a gente?

— Sim. — Ela ri. — Mas não leve para o lado pessoal. Jaxon é assim mesmo. Ele é meio... angustiado.

Ele é muito mais do que “meio angustiado”, se a nossa conversa que aconteceu mais cedo é sinal de alguma coisa. Mas não estou disposta a contar a Macy sobre o ocorrido se nem tenho certeza do que sinto a respeito, ainda.

Assim, faço a única coisa que posso: mudo de assunto.

— Obrigada por preparar o quarto para mim. Foi legal da sua parte.

— Ah, não esquenta — responde ela, despreocupada. — Não foi nada.

— Tenho certeza de que você passou um bom tempo cuidando de tudo. Eu não sabia que tantas empresas faziam entregas num lugar que fica a noventa minutos de Healy, no meio das montanhas do Alasca.

Ela enrubesce um pouco e desvia o olhar, como se não quisesse que eu percebesse todo o trabalho que ela teve para fazer com que me sentisse em casa. Mas em seguida Macy dá de ombros e diz:

— Bem, o meu pai conhece todas as empresas que fazem essas entregas. Não tivemos problemas.

— Mesmo assim, você é definitivamente a minha prima preferida.

Ela revira os olhos.

— Sou a sua única prima.

— Não significa que não possa ser a minha favorita.

— Meu pai é quem fala assim.

— Ele diz que você é a prima favorita dele, também? —
comento, brincando.

— Sabe do que eu estou falando. — Ela solta um suspiro exasperado. — Você é uma pateta. E sabe disso, não é?

— Ah, sei sim. Absolutamente.

Ela ri, enquanto vai até o frigobar ao lado da escrivaninha.

— Ei, beba isso aqui — diz ela quando pega uma enorme garrafa de água e a joga para mim. — E eu vou lhe mostrar o restante.

— O restante?

— Sim. Tem mais. — Ela vai até um dos armários e abre as portas. — Imaginei que o seu guarda-roupa não estivesse muito bem equipado para o Alasca, então decidi

complementar um pouco.

— “Um pouco”. Você está sendo meio modesta, não acha?

Dentro do armário tem várias saias e calças pretas, junto de blusas pretas e brancas, um monte de camisas polo, pretas ou roxas, dois blazers pretos de tecido grosso e dois cachecóis no padrão quadriculado vermelho e preto dos kilts escoceses. Há também vários moletons forrados com capuzes, alguns blusões bem grossos, uma jaqueta pesada e outras duas calças grossas para a neve — e nenhuma daquelas peças é rosa-choque, graças a Deus. No piso há alguns pares de sapatos novos e botas para a neve, junto de uma caixa grande do que parecem ser materiais escolares.

— Tem também meias, segunda pele térmica, camisas e calças forradas nas gavetas da sua cômoda. Eu acho que mudar para cá já é difícil o bastante. Não queria que você tivesse que se preocupar com mais nada.

E, dizendo isso, ela consegue derrubar a primeira linha das minhas defesas. Lágrimas brotam dos meus olhos e desvio o olhar, piscando rapidamente para tentar esconder o desastre em que me encontro.

Obviamente, a tática não funciona. Macy solta uma exclamação curta de susto. Em um piscar de olhos, atravessa o quarto e me puxa para um abraço com aroma de coco que parece não combinar em nada com este lugar no meio do Alasca. E, estranhamente, é muito reconfortante.

— É uma droga, Grace. Tudo isso é horrível, e eu queria poder fazer as circunstâncias melhorarem. Eu queria simplesmente poder pegar uma varinha mágica e

fazer as coisas voltarem a ser do jeito que eram.

Eu concordo com um aceno de cabeça porque sinto um nó na garganta. E porque não há mais nada a dizer. Exceto pelo fato de que eu desejo a mesma coisa.

Queria que as últimas palavras que meus pais e eu trocamos não tivessem sido arremessadas feito farpa numa briga que agora me parece ter sido bem estúpida.

Eu queria que meu pai não tivesse perdido o controle do carro duas horas mais tarde e caído, junto à minha mãe, de um penhasco, afundando dezenas de metros mar adentro.

E, acima de tudo, eu queria poder sentir o perfume da minha mãe ou ouvir a voz grave e estrondosa do meu pai pelo menos mais uma vez.

Deixo que Macy me abrace por tanto tempo quanto consigo aguentar — um tempo que não é muito maior do que uns cinco segundos — e em seguida me afasto. Nunca gostei muito de ser tocada, e isso só piorou depois que meus pais morreram.

— Obrigada por... — Indico a cama e o armário com um gesto. — Por tudo isso.

— Claro. E quero que você saiba que, se precisar conversar, ou se precisar de qualquer coisa, estou aqui. Sei que não é a mesma coisa, porque a minha mãe foi embora; ela não morreu. — Ela engole em seco e respira profundamente antes de continuar. — Mas sei como é se sentir sozinha. E sou boa ouvinte.

Esta é a primeira vez que ela usou a palavra “morrer”. A primeira vez que ela reconheceu de verdade o que aconteceu com os meus pais, usando o termo certo. E, por ter feito isso, sinto que é muito mais fácil dizer:

— Obrigada.

E digo isso com sinceridade, mesmo quando lembro que Jaxon não se esquivou da palavra, também. Ele pode ter sido um babaca comigo, mas chamou a morte dos meus pais pelo nome correto. E não me tratou como se eu fosse desmoronar sob o peso de uma única palavra dura.

Talvez seja por isso que eu ainda esteja pensando nele, quando deveria estar sentindo asco por ser um cafajeste.

Ela faz um aceno afirmativo com a cabeça, me observando com um olhar preocupado que só faz com que eu me sinta pior.

— Acho que é melhor eu guardar as minhas coisas. — Fito as malas com uma expressão de desgosto. Tenho a impressão de que acabei de fechá-las. A última coisa que quero fazer agora é abri-las e esvaziá-las. Em especial quando a minha cama rosa-choque está me chamando como se fosse um farol na escuridão.

— Posso ajudar com isso. — Ela aponta para uma porta que fica do outro lado do quarto. — Por que não vai tomar um banho e vestir um pijama? Vou ver como está a sopa que o meu pai disse que mandaria para cá. Depois pode jantar, tomar um analgésico e descansar. Com sorte, quando acordar, vai estar um pouco mais acostumada com a altitude.

— Parece uma ideia... — Eu realmente estou me sentindo acabada, e um banho parece ser a melhor coisa a fazer. Assim como dormir, considerando que estava tão nervosa durante esta última semana que não consegui dormir muito também.

— Perfeita, não é? — Ela termina a frase que deixei no ar.

— Com certeza.

— Ótimo. — Ela vai até o armário e tira algumas toalhas. — Se quiser entrar no chuveiro, vou buscar a tigela de sopa e, se tudo der certo, daqui a meia hora, todo esse dia vai parecer bem melhor do que está agora.

— Obrigada, Macy. — Eu olho para ela. — De verdade.

Um sorriso se espalha pelo rosto dela e ilumina seus olhos.

— Por nada.

Quinze minutos depois, já saí do chuveiro e estou vestida com meu pijama favorito — uma camiseta da primeira turnê solo de Harry Styles e uma calça de flanela azul com margaridas brancas e amarelas estampadas, e vejo que Macy está dançando pelo quarto ao som de *Watermelon Sugar*.

Coincidências do destino?

Macy fica empolgada com a camiseta da turnê — como eu esperava que acontecesse —, mas, tirando isso, ela me deixa sozinha. Exceto para ter certeza de que bebi toda a água que havia na garrafa de um litro e que tomei os comprimidos que ela deixou na minha mesinha de cabeceira.

Há uma tigela de sopa de galinha com macarrão na mesinha também, mas neste momento eu não tenho energia suficiente para comer. Em vez disso, deito na cama e puxo as cobertas rosa-choque até cobrir a cabeça.

A última coisa em que penso antes de pegar no sono é que, apesar de tudo, desde que meus pais morreram, hoje foi a primeira vez que tomei um banho sem me esforçar para não chorar.

Capítulo 6

NÃO, EU NÃO QUERO BRINCAR NA NEVE

Acordo devagar, com a cabeça meio confusa e sentindo o corpo pesado como pedra. Levo um segundo para me lembrar onde estou — Alasca — e que o ronco discreto que enche o quarto é obra de Macy e não de Heather, em cujo quarto eu dormi durante as últimas três semanas.

Ergo o corpo até estar sentada, tentando ignorar os rugidos e uivos que não são familiares — e até mesmo um grito animalesco ocasional — ao longe. É o bastante para matar qualquer pessoa de susto, ainda mais uma garota que foi nascida e criada na cidade grande, mas eu me conforto me lembrando de que há uma gigantesca muralha de castelo entre mim e todos os animais que emitem aqueles ruídos.

Mesmo assim, se eu for realmente honesta, não é a completa estranheza deste lugar que faz meu cérebro trabalhar acelerado o tempo todo. Sim, estar no Alasca é bizarro, de todas as maneiras possíveis. Mas, quando consigo expulsar os pensamentos referentes à minha vida antiga, percebo que não foi o Alasca que me acordou, e olho para o relógio: 3h23 da madrugada. E não é o Alasca que me impede de voltar a dormir.

É ele.

Jaxon Vega.

Não sei mais nada a respeito dele e do que sabia quando fui deixada sozinha no corredor, irritada, confusa

e mais magoada do que quero admitir — além do fato de ser o garoto mais popular da Academia Katmere. E que ele é angustiado, o que... sem brincadeira. Não preciso exatamente de uma bola de cristal para saber disso.

Mas, falando sério, nada que Macy me disse importa, porque eu decidi que não quero saber mais nada sobre ele.

E mais: não quero *nem saber dele*.

Mas, quando fecho os olhos, ainda consigo vê-lo perfeitamente. O queixo retesado. A cicatriz fina que marca o rosto. O gelo negro daqueles olhos que Jaxon me mostrou por um segundo, apenas um segundo, que conhece tanto sobre a dor quanto eu. Talvez mais.

É nessa dor que eu penso enquanto fico aqui sentada no escuro. A dor que faz com que me preocupe com ele quando não deveria me importar nem um pouco.

Fico me perguntando onde ele arranhou aquela cicatriz. Independentemente de como tenha acontecido, deve ter sido horrível. Aterrorizante. Traumático. Devastador.

Imagino que seja por isso que ele agiu daquele jeito tão frio comigo. Por que ele tentou me fazer ir embora e, quando percebeu que eu não iria, rebateu com aquele aviso ridículo sobre ter que tomar cuidado e, devo admitir, um pouco desconcertante.

Macy disse que ele era o tipo angustiado... Será que isso significa que ele trata todo mundo do mesmo jeito que tratou a mim? E, se for assim, por quê? Seria porque não passa de um babaca? Ou porque sua dor é tão grande que a única maneira de lidar com ela é fazer com que todo mundo sinta medo dele e impedir qualquer aproximação? Ou as pessoas veem a sua cicatriz e aquele

rosto carrancudo e decidem ficar longe?

Era horrível pensar naquilo, mas eu sabia bem como era aquela situação. Não a parte de as pessoas terem medo de mim, mas definitivamente a parte em que as pessoas não se aproximam. Com exceção de Heather, a maioria dos meus amigos foi se afastando depois que meus pais morreram. A mãe de Heather me disse que isso aconteceu porque a morte dos meus pais os fazia lembrar da própria mortalidade, que seus pais poderiam morrer a qualquer momento. E eles também.

Logicamente, eu sabia que ela tinha razão, que eles estavam só tentando se proteger da única maneira que sabiam. Mas isso não tornava a distância menos dolorosa. E com certeza não tornava a solidão mais fácil de suportar.

Esticando a mão a fim de pegar o telefone, mando algumas mensagens rápidas para Heather — algo que eu devia ter feito assim que cheguei aqui, ontem à noite —, dizendo que estou bem e explicando sobre o enjoo e a tontura por causa da altitude.

Em seguida, volto a me deitar e tento me forçar a dormir de novo. Mas estou totalmente desperta; pensamentos sobre o Alasca, a escola e Jaxon se mesclam na minha cabeça, e tudo que quero é que eles apenas parem e se aquietem.

Mas eles não param, e subitamente sinto o coração pular e a pele eriçar. Levo a mão ao peito e respiro fundo uma, duas vezes, tentando descobrir o que me deixou tão alarmada a ponto de quase não conseguir respirar.

E, de repente, está tudo ali. Todos os pensamentos que eu empurrei para longe nas últimas quarenta e oito horas

na tentativa de conseguir partir. O suficiente para chegar até aqui. Meus pais, deixar San Diego e os meus amigos, aquela viagem ridícula de avião até Healy... As expectativas de Macy em relação à nossa amizade, o jeito que Jaxon olhou para mim e depois, quando *não* olhou para mim, as coisas que ele me disse... A quantidade ridícula de roupas que sou obrigada a usar para me manter aquecida. O fato de estar essencialmente presa neste castelo pelo frio...

Tudo isso acaba se misturando em um grande carrossel de medo e arrependimento, girando pelo meu cérebro. Nenhum pensamento é claro, nenhuma imagem se destaca das outras — somente uma sensação esmagadora de desastres iminentes.

Da última vez que surtei desse jeito, a mãe de Heather me disse que sentir emoções poderosas demais é completamente normal depois de uma perda gigantesca. O peso esmagador no meu peito, os pensamentos que giram sem controle, as mãos trêmulas, a sensação de que o mundo vai desabar sobre mim... Tudo é completamente normal. Ela é terapeuta, então deve saber bem o que fala. Mas nada disso me parece normal agora.

A sensação é aterrorizante.

Sei que deveria ficar onde estou — este castelo é gigantesco e não faço a menor ideia do que há aqui dentro — mas sou inteligente o bastante para saber que, se eu ficar aqui olhando para o teto, vou ter um ataque de pânico bem forte. Assim, respiro fundo e me levanto da cama. Enfio os pés nos sapatos e pego o meu moletom a caminho da porta.

Quando eu ainda morava na minha casa, se não

conseguisse dormir, saía para correr, mesmo que fossem três horas da manhã. Mas, aqui, isso está completamente fora de cogitação. Não apenas porque o lugar é frio como a morte, mas porque só Deus sabe que tipo de animal selvagem está à minha espera no meio da noite. Não passei a última meia hora deitada na cama escutando uivos e rugidos a troco de nada.

Mas este é um castelo enorme, com corredores longos. Talvez eu não consiga correr por todos eles, mas posso pelo menos sair para explorar. Ver o que posso encontrar.

Fecho cuidadosamente a porta depois de sair; a última coisa que quero é acordar Macy depois de ela ter sido tão gentil comigo. Em seguida, sigo pelo corredor até a escadaria.

O lugar é mais assustador do que eu esperava que fosse. Pensava que as luzes dos corredores ficavam acesas no meio da noite por conta de protocolos de segurança e coisas do tipo, mas elas estão bem fracas. Do tipo *só há luz suficiente para enxergar as sombras imaginárias passando pelos corredores*.

Por um segundo, cogito retornar ao quarto e esquecer todo esse papo de caminhar/explorar o castelo. Mas o simples fato de pensar naquilo faz com que o carrossel comece a girar novamente em minha cabeça, e isso é a última coisa que quero enfrentar agora.

Pego o meu celular e aponto a lanterna para o corredor. Logo as sombras desaparecem e o lugar começa a se parecer com qualquer outro corredor. Isso se eu descontar as paredes de pedra talhada e as tapeçarias antigas, claro.

Não faço ideia do rumo que estou tomando, apenas quero sair do andar dos alojamentos. Mal consigo suportar a ideia de ter que conversar com *Macy* neste momento; lidar com qualquer outra pessoa parece ser absolutamente impossível.

Chego até a escada longa e circular sem nenhum problema e desço os degraus, dois de cada vez, até chegar ao térreo. Depois do banho que tomei ontem à noite, *Macy* falou que ali fica a cantina, junto à biblioteca e a algumas das salas de aula. Há outras salas de aulas em prédios na área externa, mas a maioria das aulas principais acontece aqui, dentro do castelo, algo que fico muito feliz em saber. Quanto menos eu precisar ficar ao ar livre nesse tempo, melhor.

Aqui embaixo os corredores são decorados com mais tapeçarias, já desgastadas e desbotadas pelo tempo. A minha favorita se estende por vários metros e tem cores vivas. Tons de roxo e rosa, verde e amarelo, todos entrelaçados sem nenhuma lógica ou motivo aparentes — mas, quando dou um passo para atrás e aponto a lanterna para um trecho maior, percebo que existe um padrão ali. É uma representação artística da aurora boreal, as luzes do céu do norte.

Eu sempre quis ver a aurora boreal. Por algum motivo, em meio a toda dor e preocupação com a mudança para o Alasca, eu me esqueci completamente de que poderia observá-la praticamente de camarote neste lugar.

É esse pensamento que me dá forças e me faz voltar até a entrada e para as enormes portas duplas que levam até o pátio externo. Não sou boba para sair zanzando no meio da neve vestida apenas com um moletom com

capuz e as calças do pijama, mas talvez eu possa colocar a cabeça para fora e tentar ver alguma luz no céu.

Provavelmente é uma péssima ideia — eu devia simplesmente subir, voltar para a cama e deixar a aurora boreal para outra noite. Mas agora encasquetei com isso e não consigo me livrar da ideia. Meu pai costumava me contar histórias sobre a aurora boreal e isso sempre esteve naquela lista de desejos a se realizar algum dia na vida. Agora que estou tão perto, simplesmente não posso deixar de dar uma olhada.

Uso a lanterna para voltar pelo corredor. Chegando lá, ergo o aparelho visando destrancar as portas, mas, antes que consiga encontrar a primeira maçaneta, as portas duplas se abrem. E entram dois garotos que não vestem nada além de camisetas de turnês de bandas, jeans e botas de trilha. Nada de jaquetas, blusões, nem mesmo moletons com capuz. Somente jeans rasgados, Mötley Crüe e Timberland. É a cena mais ridícula que eu já vi e, por um segundo, não consigo evitar de imaginar se este castelo — assim como Hogwarts — vem equipado com os próprios fantasmas. Fantasmas que morreram em um show de rock dos anos 1980.

— Ora, ora, ora. Então, parece que voltamos bem a tempo — comenta o mais alto dos dois rapazes. Ele tem uma pele da cor de cobre, cabelos escuros presos num rabo de cavalo e um piercing em forma de anel bem no meio do septo nasal. — Pode me dizer o que está fazendo fora do seu quarto, Grace?

Alguma nuance na voz dele me deixa nervosa a ponto de fazer a minha pele encher de brotoejas.

— Como sabe o meu nome?

Ele ri.

— Você é a garota nova, não é? Todo mundo aqui já sabe o seu nome. *Grace*. — Ele dá um passo adiante, chegando mais perto, e eu posso jurar que está me cheirando... O que é completamente bizarro. E também não parece ser uma atitude muito fantasmagórica. — Agora, que tal você responder a minha pergunta? Me diz, *Grace*, o que está fazendo fora do seu quarto?

Eu não falo sobre a aurora boreal — especialmente porque consigo visualizar um pedaço do céu antes de ele fechar a porta, e a cor é só o preto de sempre, salpicado de estrelas, que podemos ver em quase qualquer lugar do mundo. Apenas mais uma decepção em uma longa sequência delas, nos últimos tempos.

— Eu estava com sede — tento mentir, muito mal, apertando os braços ao redor da minha cintura em um esforço para combater a rajada gelada de vento que entrou com eles e que continua no ar à nossa volta. — Só queria pegar um pouco de água.

— E achou? — questionou o outro rapaz. Ele é mais baixo do que o primeiro e um pouco mais corpulento, também. O cabelo loiro é cortado bem rente à pele da cabeça.

A pergunta parece inocente o bastante, exceto pelo fato de que ele vem andando na minha direção enquanto fala, entrando no meu espaço pessoal até eu precisar decidir se vou bater o pé ou se vou recuar.

Decido recuar, em especial porque não gosto do jeito com que ele me olha. E porque a cada passo fico mais perto da escada e, espero, do meu quarto.

— Achei sim, obrigada — minto outra vez, tentando

dar a impressão de que estou despreocupada. — Vou voltar para a minha cama agora.

— Antes que a gente tenha a chance de conhecê-la melhor? Isso não parece muito educado, não é, Marc? — pergunta o rapaz de cabelos curtos.

— Não parece mesmo — responde Marc, e agora ele está bem perto, também. — Especialmente porque já faz semanas que Foster está torrando a nossa paciência por sua causa.

— Como assim? — pergunto, esquecendo-me por um segundo do medo que sinto.

— Significa que já tivemos três reuniões diferentes por sua causa, e em todas elas ele avisou que devemos nos comportar. Uma encheção de saco. Não é mesmo, Quinn?

— Com certeza. Se ele está tão preocupado por causa da sua presença aqui, não sei por que ele não a deixou no lugar de onde veio. — Ele estende a mão e puxa um dos meus cachos... com força. Quero me esquivar, empurrá-lo para longe e gritar com ele, mandar que me deixe em paz.

Mas há algum problema aqui. Consigo sentir isso no ar, assim como consigo sentir, em ondas, a violência prestes a brotar desses dois garotos. É como se estivessem loucos para machucar alguém, loucos para partir alguém ao meio. E não quero que esse alguém seja eu.

— O que acha, Grace? — diz Marc, com uma expressão de desprezo. — Acha que dá conta de viver no Alasca? Porque tenho certeza de que a ordem natural das coisas vai dar conta de você bem rápido.

— Estou só tentando me virar até a formatura. Não estou procurando encrenca — digo, e mal consigo forçar

as palavras a passar pelo nó que atravessa a minha garganta.

— Encrenca? — ri Quinn, mas é um riso dissimulado, que não esboça graça alguma. — Por acaso, a gente parece gostar de encrenca?

Eles parecem exatamente a definição de encrenca.

Imagino que, se eu procurasse “encrenca” no dicionário, as fotos dos dois estariam bem ali, no meio da página, junto a um selo gigante de advertência. Mas eu não digo isso. Não digo nada, inclusive, enquanto meu cérebro trabalha a toda velocidade para descobrir uma maneira de sair dessa situação aterrorizante. Uma parte de mim acha que eu devo estar sonhando porque isso parece uma cena comum em todos os filmes adolescentes, em que os valentões da escola decidem cercar a recém-chegada só para mostrar quem manda no pedaço.

Mas isto é a vida real, não um filme, e eu não tenho nenhuma ilusão sobre ser a dona do pedaço aqui ou em qualquer lugar. Sinto vontade de lhes dizer isso, mas neste momento o ato de responder parece equiparável a aceitar o que eles dizem, e essa é a última coisa que você deve fazer quando estiver encarando um valentão. Quanto mais der a eles, mais vão tentar tomar.

— Então me diga uma coisa, Grace. Você já deu uma olhada na neve? — pergunta Marc, e subitamente ele está perto demais para que eu me sinta confortável. — Aposto que nunca viu neve antes.

— Vi bastante neve no caminho até aqui.

— Na garupa de um trenó? Isso não conta, não é mesmo, Quinn?

— Não. — Quinn faz um sinal negativo com a cabeça, com a boca retorcida e rosnando de um jeito que dá pra ver uma arcada e tanto de dentes. — Você definitivamente precisa chegar mais perto. Mostrar o que é capaz de fazer.

— O que eu posso fazer? — Não faço a menor ideia do que eles estão falando.

— Olhe, é óbvio que você tem alguma coisa especial. — Desta vez, quando ele inala o ar, tenho certeza de que Marc está me cheirando. — Mas ainda não consegui descobrir o que é.

— Não é mesmo? — concorda Quinn. — Eu também não, mas definitivamente tem algo no ar. Vamos ver o que você é capaz de fazer então, *Grace*.

Ele se vira, retesa os músculos e é nesse momento que percebo o que está acontecendo. O que eles planejam fazer. E o perigo real que corro.

Capítulo 7

ALGUMA COISA MUITO, MUITO MALIGNA SE APROXIMA

Giro sobre os calcanhares, sentindo a adrenalina correr pelas veias, e disparo na direção da escada. Mas Marc estende o braço e me agarra antes que eu consiga dar mais do que alguns passos. Ele me puxa com força para junto de si — encostando as minhas costas contra o peito dele — e prende os braços ao redor do meu corpo, quando eu começo a me debater para tentar me soltar.

— Me solte! — grito, erguendo o calcanhar para acertá-lo nos joelhos. Mas não tenho um ponto de apoio firme, e ele nem chega a gemer.

Penso em pisar no pé dele com força, mas o meu All Star não vai causar um estrago muito grande nos coturnos dele, e menos ainda nos pés que os calçam. — Me solte ou eu vou gritar! — digo a ele, tentando não soar assustada (mas sem conseguir).

— Pode gritar — diz ele, enquanto vai me arrastando para a porta da escola, que Quinn convenientemente segura aberta. — Ninguém vai se importar.

Jogo a cabeça para trás, acertando-o no queixo, e ele solta um palavrão; levanta um dos braços e tenta segurar a minha cabeça no lugar. E isso me deixa furiosa, ao mesmo tempo em que me apavora. Curvando-me para baixo, mordo o braço dele com toda a força.

Ele grita e se debate, o seu antebraço me acerta com força na boca. Dói, e tem também o gosto metálico de

sangue se acumulando na minha boca, o que só me deixa ainda mais irritada.

— Pare! — grito, agitando-me e esperneando contra ele com toda a força que tenho. Não posso deixar que me levem porta afora; simplesmente não posso. Estou com um moletom e uma calça de flanela, e faz uns doze graus negativos lá fora, no máximo. Com o meu sangue ralo da Califórnia, não vou durar mais de quinze minutos até meus dedos começarem a necrosar ou sofrer uma hipotermia — isso se eu tiver sorte.

Mas ele não me solta; os braços ao redor de mim são firmes como aço.

— Tire essas mãos de cima de mim! — grito, desta vez sem me importar com quem eu possa acordar. Inclusive, espero mesmo conseguir acordar alguém. Qualquer pessoa. Ou todo mundo. Ao mesmo tempo, jogo a cabeça para trás com toda a força, tentando quebrar o nariz dele.

Devo ter acertado alguma coisa, porque ele me solta, com um xingamento. Caio no chão com um impacto forte e minhas pernas cedem; fico de joelhos, bem a tempo de ver Marc voar pelo vão da porta, com os olhos arregalados quando bate na parede oposta.

Mas nem tenho tempo de pensar em como isso aconteceu, porque demora apenas um segundo para ele se recuperar. Em seguida, ele começa a correr pelo saguão outra vez, vindo na minha direção. Eu me viro para fugir, com os punhos erguidos na tentativa de afastar Quinn caso ele se aproxime, mas, de repente, ele está voando pelo saguão também. Ele bate em uma estante de livros em vez de em uma parede, e um vaso cai da prateleira mais alta e arrebenta ao atingir a cabeça

dele.

Dou meia-volta, procurando por uma saída, mas Marc se move rápido — muito rápido — e de repente ele está bem ali, entre a escada e eu. Viro para a direita, à procura de decidir qual é a melhor rota de fuga, e trombo em uma muralha sólida de músculos.

Merda. Tem três deles aqui? O pânico toma conta de mim e estendo os braços, tentando empurrar essa pessoa para trás. Mas, assim como Marc, o cara não se move. Pelo menos, não até passar o braço ao redor da minha cintura e me puxar para a frente com força o bastante para me levantar do chão.

É quando ele está me puxando para junto de si que eu consigo dar a primeira boa olhada em seu rosto e percebo que é Jaxon.

Não sei se devo sentir alívio ou mais medo ainda.

Pelo menos até ele me jogar para trás de si, se posicionando entre mim e os outros dois enquanto os encara.

Marc e Quinn param de avançar, e a expressão de desconforto deles se transforma em medo.

— Algum problema aqui? — pergunta Jaxon. Sua voz está mais baixa do que antes, mais áspera. E também é ainda mais fria do que o vento gelado que sopra pela porta.

— Nenhum problema — responde Marc, com uma risada forçada. — Estávamos só conhecendo a novata.

— É assim que vocês chamam uma tentativa de homicídio hoje em dia? “Conhecer” alguém? — Ele não ergue a voz, não toma nenhuma atitude minimamente ameaçadora. E, ainda assim, nós três gememos à espera

de que ele prossiga.

— A gente não ia machucar a Grace, cara — diz Quinn pela primeira vez. Ele fala com uma voz bem mais melodiosa do que há uns minutos, quando eu estava sozinha com os dois. Mas ele não está embolando as palavras nem nada; assim, imagino que o vaso talvez não tenha causado muito estrago. — Só íamos jogá-la para fora da escola um pouquinho.

— Isso mesmo — emenda Marc. — Era só uma brincadeira. Nada mais.

— É assim que vocês estão chamando essa bagunça toda? — A voz de Jaxon fica ainda mais fria. — Vocês conhecem as regras.

Não faço ideia sobre a que regras ele se refere, nem por que ele fala como se fosse o responsável por garantir seu cumprimento. Mas suas palavras fazem Quinn e Marc se encolherem ainda mais, sem falar que ambos parecem nervosos, contrariados.

— Desculpe, Jaxon. A gente se empolgou um pouco e a situação saiu do controle.

— Não é para mim que vocês devem pedir desculpas. — Ele se vira um pouco e estende a mão para mim.

Eu não deveria aceitá-la. Cada grama do treinamento de defesa pessoal que fiz alerta que eu deveria sair correndo. Que deveria aproveitar o espaço que ele está oferecendo e correr feito uma louca para o meu quarto.

Mas há uma expressão de fúria muito intensa borbulhando sob aqueles olhos de obsidiana, e eu instintivamente percebo que ele se virou para me estender a mão e evitar que os outros dois a percebessem. Não sei por quê; só sei que Jaxon não quer

que Marc e Quinn percebam o quanto ele está irritado. Ou talvez ele não queira que os dois percebam o quanto ficou irritado pelo que aconteceu comigo.

De qualquer maneira, Jaxon me salvou esta noite e devo isso a ele. Eu o encaro, dizendo com o olhar que vou guardar seu segredo.

E em seguida faço o que ele está pedindo silenciosamente, avançando um passo. Não seguro a mão dele, isso já seria demais, considerando o que Jaxon disse e fez horas antes. Mas dou alguns passos à frente, ciente de que ele não permitiria que Marc e Quinn fizessem algo comigo.

Devo ter chegado perto demais, entretanto, porque ele se agita um pouco diante de mim outra vez, mesmo enquanto encara Quinn e Marc com um olhar fuzilante que os avisa para se comportarem. O aviso talvez não seja necessário, porque os dois já estampam uma cara bem constrangida.

— Desculpe, Grace. — Marc é o primeiro a falar. — Não foi legal da nossa parte. Não quisemos assustar você.

Não me pronuncio, porque, com certeza, não vou dizer que “não tem problema nenhum” quanto ao que fizeram comigo. E não tenho coragem o bastante para mandar os dois para o inferno, mesmo tendo Jaxon como escudo. Assim, faço a única coisa que posso. Encaro feio os dois e espero que o pedido fajuto de desculpas termine para poder finalmente voltar para o quarto.

— Bom... você sabe. A lua está daquele jeito, então...

Isso é o melhor que eles conseguem dizer? *A lua está daquele jeito?* Não faço a menor ideia do que isso significa — e, sinceramente, não me importa nem um

pouco. Já estou de saco cheio deste lugar e de todo mundo ali dentro. Com exceção de Macy e do tio Finn. E talvez... talvez... de Jaxon também.

— Vou para o meu quarto. — Eu me viro para ir embora, mas sinto a mão de Jaxon no meu pulso.

— Espere. — Esta é a primeira palavra que ele me dirigiu desde toda aquela situação que aconteceu mais cedo, e isso me faz parar com muito mais eficácia do que a mão de Jaxon no meu pulso.

— Por quê? — pergunto.

Ele não responde. Em vez disso, vira-se de novo para Marc e Quinn e diz:

— Ainda não acabou.

Eles confirmam com um aceno de cabeça, mas não dizem mais nada. As palavras de Jaxon servem como dispensa mas também como ameaça, porque eles saem a toda velocidade pelo corredor, movendo-se com mais rapidez do que qualquer pessoa que eu já tenha visto.

Ambos ficamos ali assistindo, enquanto os dois vão embora, e em seguida Jaxon olha para mim. Por um bom tempo, ele não diz nada; simplesmente me mede de cima a baixo, com os olhos escuros, catalogando cada milímetro do meu corpo. Não vou mentir. Isso me deixa um pouco desconfortável. Não do mesmo jeito que aconteceu com Quinn e Marc, como se estivessem procurando uma fraqueza para explorar. É mais como... nossa, é impressão minha ou este lugar ficou quente de repente? E... ah, por que, por que estou vestindo a minha calça de pijama mais velha e esfarrapada? Tudo isso faz com que a sensação de desconforto seja realmente presente.

E é uma pena eu não fazer a menor ideia de como me sinto por sentir tudo isso.

— Você está bem? — pergunta com a voz baixa e seus dedos enfim afrouxam ao redor do meu braço.

— Estou, sim. — É o que eu respondo, mesmo sem ter certeza. Que tipo de lugar é este onde as pessoas tentam jogar você porta afora para morrer? Que tipo de pegadinha é essa?

— Você não parece bem.

Dói um pouco ouvi-lo dizer isso, mesmo sabendo que ele tem razão.

— Bem, preciso admitir que os últimos dias não foram dos melhores.

— Imagino. — Os olhos de Jaxon estão sérios quando ele me encara com uma expressão grave. — Você não precisa se preocupar com Marc e Quinn. Eles não vão incomodá-la de novo. — A parte em que ele diria “Vou cuidar disso pessoalmente” fica implícita, mas eu a ouço mesmo assim.

— Obrigada. Por me ajudar. Eu agradeço muito.

Ele ergue as sobrancelhas e, se é que isso é possível, seus olhos ficam ainda mais negros em meio à pouca luz.

— É isso que você acha que fiz?

— Não foi?

Ele balança a cabeça e solta uma risada curta que faz meu coração engasgar dentro do peito.

— Você não faz a menor ideia, não é?

— Não faço ideia do quê?

— Que eu acabei de transformar você na peça de um jogo que não é capaz de compreender.

— Você acha que isso é um jogo? — pergunto,

incrédula.

— Sei exatamente o que é. Você não sabe?

Espero que ele diga alguma outra coisa que explique esses comentários misteriosos, mas ele não explica nada. Em vez disso, fica apenas me olhando até o ponto em que não consigo mais me conter e me contorço um pouco. Ninguém nunca me olhou do jeito que ele olha agora, como se não conseguisse decidir se cometeu um erro ao me resgatar da morte certa.

Ou talvez ele simplesmente não consiga decidir o que vai dizer a seguir. Nesse caso, seja bem-vindo à porra do clube, Jaxon.

No fim das contas, entretanto, todo aquele silêncio não resulta em nada, porque ele simplesmente diz:

— Você está sangrando.

— Estou? — Eu levo a mão até a bochecha, que dói por causa do choque contra o ombro de Marc quando eu estava tentando me livrar dele.

— Não aí. — Ele ergue a mão até a minha boca e, gentilmente, com um toque tão suave que quase não consigo sentir, desliza o polegar sobre o meu lábio inferior. — Aqui. — Ele ergue o polegar e, mesmo com a pouca luz, consigo ver a mancha de sangue na pele dele.

— Ah, que horror! — Estendo a mão para limpar o sangue. — Deixe que eu...

Ele ri, interrompendo-me. Em seguida, leva o polegar até os lábios e, me encarando fixamente nos olhos, enfia o polegar na boca e suga lentamente o sangue.

É a cena mais sensual que já presenciei, e eu nem mesmo sei por quê. Afinal de contas isso não devia me assustar?

Talvez tenha a ver com o modo como o olhar de Jaxon se aquece no instante em que ele prova o meu sangue.

Talvez seja o ruído que ele faz quando engole.

Ou talvez seja o fato de que o toque e o deslizar do polegar dele nos meus lábios, seguido pelo movimento de levar o dedo até os próprios lábios, pareça ser mais íntimo do que qualquer beijo que eu tenha dado em outro garoto.

— É melhor você ir. — As palavras parecem estar sendo arrancadas dele.

— Agora?

— Sim... Agora. — A expressão dele parece ser intencionalmente vaga. Como se estivesse se esforçando muito para não dividir comigo o que de fato está pensando. Ou sentindo. — E sugiro que, depois da meia-noite, você fique no seu quarto, que é o seu lugar.

— Ficar no meu... — Sinto a raiva queimar com o que ele deixa no ar. — Por acaso você está dizendo que sou responsável pelo que aconteceu esta noite?

— Deixe de besteira. É claro que não. Aqueles dois deveriam se controlar melhor.

É uma maneira esquisita de dizer que eles não deviam andar por aí tentando assassinar pessoas, e eu começo a conjecturar sobre o motivo. Mas ele continua antes que eu consiga descobrir uma maneira de formar aquela frase. — Mas avisei que você precisava tomar cuidado. Este lugar não é como a sua antiga escola.

— E por acaso você sabe como era a minha antiga escola?

— Não sei — diz ele, com um sorriso malandro. — Mas garanto que não era nem um pouco parecida com a

Academia Katmere.

Jaxon tem razão, é claro que ele tem razão. Mas não estou disposta a recuar agora.

— Você não sabe do que está falando.

Ele se inclina para a frente, como se não conseguisse evitar, até que o rosto, e também os lábios, estejam a poucos centímetros de mim. E, assim como aconteceu antes, sei que aquilo devia me causar desconforto. Mas não causa. Só serve para me fazer queimar. E, desta vez, quando meus joelhos estremecem, é uma sensação que não tem nada a ver com medo.

Meus lábios se entreabrem, minha respiração fica engasgada no peito, meu coração bate mais rápido. Ele sente. Noto em suas pupilas dilatadas, em como ele fica alerta e desconfiado. Jaxon ouve aquilo na aspereza súbita da própria respiração, presente no ligeiro tremor do seu corpo contra o meu. Por um segundo, apenas um segundo, tenho a impressão de que ele vai me beijar. Mas ele se inclina ainda mais, passando pela minha boca, até que os lábios quase tocam a minha orelha. Sou acometida pela estranha sensação de que ele está me cheirando, assim como Marc e Quinn, embora isso cause um efeito inteiramente diferente em mim.

— Você não faz ideia do que eu sei — diz ele suavemente.

O calor do hálito dele me faz suspirar, derreter. Meu corpo todo se encosta no dele, como se tivesse vontade própria.

Ele deixa aquilo se prolongar por um segundo, dois, com as mãos na minha cintura, os ombros curvados para baixo, sobre mim. E, então, de maneira tão repentina

quanto antes, ele já se foi, recuando tão rápido que quase caio sem o apoio do corpo dele.

— Você precisa ir — repete ele, com a voz ainda mais baixa e áspera do que antes.

— Agora? — pergunto incrédula.

— Neste exato momento. — Ele indica a escada com um movimento de cabeça e, de algum modo, eu percebo que estou indo na direção dela, embora não tenha tomado conscientemente a decisão de fazer isso. — Vá direto para o seu quarto e tranque a porta.

— Achei que você tivesse dito que eu não precisava mais me preocupar com Marc ou Quinn — digo, olhando para trás por sobre o ombro.

— Não precisa.

— Bem, então com o que eu tenho que me... — Deixo a frase morrer no ar quando percebo que estou falando comigo mesma. Porque, novamente, Jaxon desapareceu.

E fico ali me perguntando quando vou vê-lo outra vez. E por que isso importa tanto.

Capítulo 8

VIVA E DEIXE MORRER

Não vou mentir. Sinto que estou numa espécie de estado de choque quando finalmente consigo voltar para o meu quarto. São quase cinco horas da manhã e a última coisa que quero fazer é deitar na cama e ficar olhando para o teto até Macy acordar. Mas não me sinto segura em perambular pela escola, considerando que, a esta altura, eu poderia estar morta se Jaxon não tivesse aparecido naquele momento.

E como a última coisa que posso fazer — e a última coisa que eu quero — é depender dele para me salvar se eu me meter em outra situação bizarra como essa, acho que o melhor a fazer é ficar no meu quarto até Macy acordar para pedir sua opinião sobre os últimos acontecimentos. E mesmo assim, se a opinião dela for qualquer coisa além de “Meu Deus, que diabo foi isso?”, vou pegar as malas que ainda nem abri e voltar para San Diego. Morar de favor com a família de Heather pelos próximos oito meses é melhor do que morrer. Pelo menos, essa é a minha versão da história e não abro mão de contá-la do meu jeito.

E também porque em San Diego não sinto enjoos devido à altitude.

A náusea toma conta de mim quando estou andando pelo quarto na ponta dos pés. Consigo chegar à cama antes de cair no chão, e deito com um resmungo leve.

Macy deve ter me ouvido, porque ela diz:

— Esse enjoo por causa da altitude não vai durar para sempre.

— Não é só o enjoo por causa da altitude. É por causa de tudo.

— Imagino.

É tudo que ela diz e o silêncio paira entre nós. Tenho certeza de que isso acontece porque ela está dando espaço para eu pensar e decidir se quero compartilhar alguma coisa.

Permaneço mirando o céu de pedra cinzenta sobre a minha cama, descendo e me esmagando. Em seguida, respiro fundo. — É que... o Alasca é como se fosse outro planeta, sabe? Tudo neste lugar é tão diferente de casa que é difícil eu conseguir me acostumar.

Não tenho o hábito de despejar meus problemas em pessoas que não conheço muito bem. É mais fácil simplesmente manter tudo guardado, mas Macy é a amiga mais próxima que tenho aqui. E há uma parte de mim me dizendo que vou explodir se eu não conversar com alguém.

— Entendo perfeitamente. Passei a vida inteira aqui, e em alguns dias tudo me parece muito bizarro também. Mas faz só umas doze horas que chegou e passou mal durante quase todas elas. Por que não espera alguns dias, até o enjoo por causa da altitude passar e assiste a umas duas ou três aulas? Talvez as coisas não pareçam tão estranhas depois que se acostumar com a rotina.

— Sei que você tem razão. E eu não estava me sentindo tão mal em relação às coisas, até que acordei, até que...

Interrompo a frase no meio, tentando pensar em qual seria a melhor maneira de contar a ela o que acabou de

acontecer.

— Até o quê? — Ela afasta as cobertas e salta da cama.

— Acho que essa é uma escola bem grande, mas você conhece dois caras chamados Marc e Quinn? — eu pergunto.

— Depende. Um deles tem um piercing de argola no nariz?

— Sim. Uma argola grande e preta. — Eu levo os dedos até o nariz para demonstrar.

— Então, sim, conheço. Estão no primeiro ano, como eu. São legais, bem engraçados. Inclusive, teve uma vez que... — Eu acho que não tenho a cara impassível dos jogadores de pôquer, porque ela para de falar abruptamente. Semicerra os olhos. — Bem, na verdade, estou achando que a pergunta que eu deveria estar fazendo é: como *você* conhece esses dois?

— Talvez eles estivessem só aprontando alguma coisa, mas tenho quase certeza de que tentaram me matar esta noite. Ou, pelo menos, me matar de susto.

— Eles tentaram fazer *o quê?* — pergunta ela, com a voz esganiçada, quase deixando cair a garrafa de água que tirou da geladeira para me dar. — Me conte agora tudo que aconteceu. E não deixe nada de fora.

Ela parece determinada, então finalmente conto tudo o que aconteceu até chegar ao ponto em que Jaxon me salvou. Não sei ao certo o que sinto em relação a isso — ou o que sinto em relação a ele — e não me sinto preparada para falar a respeito. E, com certeza, não estou pronta para ouvir Macy falar a respeito. Além disso, meio que concordei silenciosamente em manter em segredo aquilo que aconteceu, embora precise admitir, agora que

voltei para o meu quarto, fico ponderando se aquele acordo silencioso surgiu na minha imaginação ou não.

— E então? O que aconteceu? — pergunta quando paro de falar. — Como você escapou deles?

— Alguém ouviu a briga e veio ver o que estava acontecendo. Quando os dois perceberam que havia uma testemunha, ficaram mansinhos.

— Aposto que ficaram mesmo, aqueles babacas. A última coisa que querem é que alguém os mande para o escritório do meu pai. Mas eles deviam ter pensado nisso antes de colocarem as mãos em você. Eu juro que vou matar aqueles dois.

Ela parece estar suficientemente brava para cumprir sua promessa, e percebo essa intenção na sua voz também.

— O que deu na cabeça deles? Eles nem te conhecem. Por que resolveram fazer isso? — Macy se levanta e começa a andar pelo quarto. — Você podia ter sofrido uma hipotermia se te deixassem lá fora por muito tempo. Ou algo ainda pior podia ter acontecido se tivesse ficado lá fora por mais de dez minutos. Você podia ter morrido! E isso não faz nenhum sentido. Eles são meio pirados, elétricos. Mas nunca os vi agindo com maldade.

— Nada disso faz sentido. Estou começando a achar que eles deviam estar chapados ou coisa parecida, porque não há nenhuma outra explicação para o fato de estarem fora da escola usando só jeans e camisetas. Quer dizer... como foi que eles conseguiram evitar uma hipotermia?

— Não sei — diz Macy. Mas ela parece estar desconfortável, como se talvez soubesse que os dois

realmente usam drogas. Ou como se achasse que estou imaginando coisas por sugerir que eles estavam ao ar livre sem roupas de frio. Mas eu tenho certeza do que vi. Aqueles caras não estavam vestidos para encarar o frio.

— Talvez tenham saído por um minuto ou dois — sugere após algum tempo, entregando-me dois comprimidos de analgésico. — De qualquer maneira, seja lá o que tenha dado na cabeça deles, tenho certeza de que o meu pai vai dar um jeito.

Há uma parte de mim que quer pedir a ela para não contar ao tio Finn, porque já é difícil o bastante ser a garota nova na escola sem ser uma dedo-duro ao mesmo tempo. Mas toda vez que penso no que poderia ter acontecido — no que *teria* acontecido se Jaxon não aparecesse —, sei que o tio Finn precisa ser informado. Caso contrário, o que vai impedir aqueles dois de fazerem o mesmo com outra pessoa?

— Nesse meio-tempo, talvez seja melhor você dormir um pouco mais. A menos que esteja com fome.

Como o simples ato de pensar em comida faz meu estômago rodopiar em protesto, eu digo a ela:

— Acho que vou recusar a oferta. Mas acho que não vou conseguir dormir, também. Talvez seja melhor eu desfazer as malas e cuidar dos preparativos para amanhã.

— Não se preocupe com as suas malas. Eu já guardei tudo.

— Já? Quando?

— Depois que você dormiu ontem à noite. Se não gostar de onde guardei suas coisas, é só mudar tudo de lugar. Mas, pelo menos do jeito que deixei, tudo fica ao

alcance da mão.

— Você não precisava ter feito isso, Macy.

— Sei que não. Mas você não está passando muito bem, então imaginei que ajudar um pouco não faria mal. Além disso, temos uma festa hoje à noite e não quero que tenha dificuldade de encontrar sua maquiagem e as coisas para o cabelo.

Não sei o que me deixa mais animada: o fato de Macy ter dito que espera que eu vá a uma festa com ela hoje à noite ou o fato de ela realmente esperar que eu me maquie para a ocasião, sendo que tudo tenho é rímel e uns dois tubos de *gloss*.

Considerando que ela estava totalmente maquiada ontem, enquanto apenas pilotava um trenó motorizado pela vastidão do Alasca, só me resta tentar imaginar como vai ser essa festa.

— E que tipo de festa é essa, exatamente? — pergunto, enquanto me encolho debaixo do edredom rosa-choque, ao qual me afeiçoo cada vez mais. Talvez porque seja o mais macio e confortável que eu já tive.

— É uma festa de boas-vindas da Academia Katmere. Para você.

— O quê? — Eu me ergo na cama com tanta rapidez que a minha cabeça começa a latejar outra vez. — Uma festa de boas-vindas? Para mim? Isso é sério?

— Bem, para ser sincera, a escola faz uma espécie de coquetel uma vez por mês para incentivar a união entre os alunos. Nós decidimos que o coquetel de hoje seja um pouco mais festivo em sua homenagem.

— Ah, é claro. Porque os alunos foram super-receptivos até o momento. — Enfio a cabeça no

travesseiro e solto um resmungo.

— Juro que nem todos aqui são ruins. Veja o Flint. Ele é legal, não é?

— Ele é gente boa, sim. — Não consigo evitar um sorriso quando penso na maneira que ele me tratou, me chamando de novata.

— A maioria das pessoas que você vai conhecer aqui é como ele, não têm nada a ver com Marc e Quinn. Pode confiar. — Ela solta um suspiro e continua: — Mas posso cancelar a festa se quiser. Posso dizer a todo mundo que o enjoo por causa da altitude está muito forte. Pelo jeito que as coisas caminham, talvez isso nem seja mentira.

Ela está se esforçando bastante para não demonstrar sua decepção, mas consigo percebê-la, mesmo com um travesseiro na cara.

— Não, não cancele — digo a ela. — Desde que não esteja vomitando, pretendo estar na festa.

Eu vou ter que enfrentar esse povo do colégio mais cedo ou mais tarde. Talvez seja melhor fazer isso hoje mesmo, quando todos estarão sob supervisão de adultos e bem-comportados. A chance de me atirarem na neve ou por alguma janela vai ser menor assim...

Estremeço. É cedo demais para uma piada do gênero.

— Maravilha! — Ela se senta na cama ao meu lado, estendendo a garrafa de água que havia me dado ontem à noite. — Não esqueça, a água é a sua melhor amiga agora — aconselha Macy, piscando o olho.

— Eu não quero... — digo em tom de brincadeira, com a voz manhosa.

— Bem, mesmo assim, é melhor você tomar tudo. O enjoo causado pela altitude exige muita hidratação.

Então, beba água, se não quiser ter um edema pulmonar ou cerebral, claro. Que podem matá-la quase tão rápido quanto uma hipotermia.

— É mesmo? — Reviro os olhos ante a informação, mas pego a garrafa de água e bebo metade dela em um único impulso. — Alguém já disse que você é bem mais durona do que parece?

— Sim, o meu namorado. Mas eu acho que ele gosta disso.

— Que bom para ele. — Bebo outro longo gole de água. — Você tem Netflix?

— Você está me zoando, né? — Ela me encara. — Eu moro em uma montanha no meio do Alasca. Morreria se não tivesse Netflix.

— Com certeza. Você viu *Legacies*? A minha best Heather e eu tínhamos começado a assistir na semana passada.

Os olhos de Macy se arregalam, ficando enormes.

— *Legacies*?

— Sim. É uma série muito legal sobre um grupo de vampiros, bruxas e lobisomens adolescentes que vivem juntos em um colégio interno. Sei que parece meio bobo, mas é bem divertido de imaginar.

— Não me parece nada bobo — diz Macy, tossindo. — Pode me chamar para assistir. Afinal, quem resiste a um vampiro gostoso?

— É exatamente assim que penso.

Começamos a série pelo primeiro episódio para que Macy consiga acompanhar a história. E enquanto assistimos ao irmão adotivo do protagonista se transformar em lobisomem, não consigo evitar a

lembrança do que Marc e Quinn disseram sobre a lua. Tipo, eu sei que eles só precisavam que a claridade da lua iluminasse as florestas escuras deste lugar.

É claro que sei disso.

Mesmo assim, depois de sobreviver a dois encontros com Jaxon (que terminaram com um alerta), é difícil não me perguntar que lugar é este onde me meti.

Capítulo 9

ATÉ O INFERNO TEM SUAS FACÇÕES

— Você está me deixando louca com esse seu nervosismo! — diz Macy algumas horas depois, estapeando as minhas mãos enquanto nos aprontamos para ir à festa. — Você está linda.

— Tem certeza? — Eu abro a porta do meu armário, olhando-me no espelho de corpo inteiro pela décima vez, no mínimo, desde que me vesti.

— Absoluta. Esse vestido ficou maravilhoso. A cor é perfeita.

Reviro os olhos.

— Não é a cor dele que me preocupa.

— O que é, então?

— Ah, não sei. — Puxo o decote um pouco, tentando fazer com que ele suba alguns centímetros. — A possibilidade de os meus peitos pularem para fora dele, talvez? Definitivamente não é a primeira impressão que eu gostaria de causar.

Ela ri.

— Ah, meu Deus. O vestido é lindo. E você está linda nele.

— O vestido *realmente* é lindo — concordo, porque de fato é. E provavelmente ficaria bem respeitável na silhueta alta e esguia de Macy. Mas os meus peitos grandes complicam um pouco a situação. — Talvez, se eu passar a noite inteira sem respirar fundo, as coisas acabem ficando bem.

— Talvez seja melhor usar o jeans que havia planejado. — Macy vem até a minha cama e pega a calça. — Não quero que fique desconfortável.

É tentador. Muito tentador. Mas...

— Alguma das outras meninas vai estar de jeans?

— Quem se importa com o que as outras meninas vão usar?

— Imagino que isso signifique “não”. — Dou mais uma puxada no decote. Em seguida, desisto de me preocupar com o assunto e fecho a porta do armário. — Vamos logo, antes que eu decida ficar no quarto e passar a noite maratonando alguma série na Netflix.

Macy me dá um abraço.

— Você está muito bonita. Vamos nos divertir.

Reviro os olhos pela segunda vez, porque “bonita” é mais do que um simples exagero. Com o meu cabelo castanho-avermelhado cacheado, olhos castanhos comuns e um amontoado aleatório de sardas no nariz e nas bochechas, sou exatamente o oposto do que alguém chamaria de “bonita”.

Em um dia legal, sou no máximo “fofa”. Se eu estiver ao lado de Macy, que é realmente maravilhosa, sou o papel de parede. Do tipo que passa despercebido.

— Vamos lá — continua ela, pegando no meu antebraço e me puxando para a porta. — Se demorarmos demais, não vai nem dar pra dizer que estamos elegantemente atrasadas para a sua festa de boas-vindas.

— Podíamos só esquecer essa festa — digo, enquanto deixo ela me puxar pela porta. — Podemos ficar elegantemente ausentes.

— Tarde demais — responde ela com um sorriso

deliberadamente ferino. — Todo mundo está esperando a gente.

— Ah, que maravilha. — Apesar da ironia, saio do quarto. Quanto mais cedo chegarmos, mais cedo consigo me livrar da parte difícil.

Mas, quando começo a passar pelas contas de cristal que ficam diante da nossa porta, Macy diz:

— Espere, deixe que eu as seguro para você. Não quero que leve um choque. Desculpe por não ter feito isso ontem.

— *Choque?* Como assim?

— Todo mundo leva um choque quando passa por elas. — Ela inclina a cabeça para o lado e me encara com uma expressão engraçada. — Você não sentiu isso ontem quando desceu para o térreo?

— Hmm... não. — Estendo o braço e fecho a mão em torno de vários cordões de contas, tentando entender sobre o que ela está falando.

— Você realmente não está sentindo nada? — pergunta Macy depois de um segundo.

— Absolutamente nada. — Encaro o meu par favorito de All Star com estampa de rosas. — Talvez seja por causa dos meus tênis.

— Talvez. — Ela não parece estar muito convencida. — Anda, vamos logo.

Ela fecha a porta e depois passa as mãos suavemente pelas miçangas, como se estivesse *tentando* levar um choque. Sei que isso não faz sentido algum, mas definitivamente é o que parece estar acontecendo.

— Então... — pergunto quando ela por fim desiste de fazer aquilo. — Por que instalou uma cortina de miçangas

que acumula eletricidade estática e dá choques em todo mundo que encosta nela?

— Não acontece com todo mundo — explica ela, lançando-me de um olhar sério. — E porque ela é bonita, obviamente.

— *Obviamente.*

Conforme descemos até o salão, uma coisa chama a minha atenção: as molduras que decoram os cantos onde as paredes se unem ao teto. Decoradas em preto e entremeadas por flores e espinheiros dourados, também são um detalhe elaborado, elegante e meio assustador. Não tão assustador quanto os lustres do teto, entretanto, que se parecem muito com trios de rosas negras conectadas por caules retorcidos e cheios de espinhos. Do meio de cada uma das flores pende uma lâmpada dourada, parcialmente oculta pelas pétalas que apontam para baixo.

O efeito desse conjunto é inquietante, mas também é bonito. E embora eu jamais decidisse decorar o meu quarto desse jeito, tenho de admitir que é uma combinação incrível.

Tão incrível que quase não percebo que, quando chegamos ao segundo andar, meu estômago já se acalmou. É como se os pterodáctilos tivessem se transformado em borboletas. Mas não vou reclamar, isso é um bom progresso. Ainda sinto uma dor de cabeça sutil por causa da altitude, mas por enquanto o analgésico a está mantendo sob controle.

Só espero que as coisas continuem assim.

Sei que Macy disse que esta é uma festa de boas-vindas, mas estou esperando que o coquetel aconteça da

maneira de sempre. Meu objetivo é ser tão invisível quanto possível este ano, e uma festa onde eu sou a atração principal meio que estraga esse plano. Pensando bem, isso destrói completamente o meu plano.

Quando chegamos perto da porta, seguro o pulso de Macy.

— Não vai me fazer falar em público para toda essa gente, não é? Vamos só curtir a festa e andar pelo salão, certo?

— Ah, fique tranquila. Bom, acho que o meu pai vai querer fazer um pequeno discurso de boas-vindas, mas nada demais.

É claro que isso ia acontecer. Afinal, por que não? E, obviamente, quem não acharia que pintar um alvo nas costas da garota recém-chegada é uma boa ideia? PQP.

— Ei, pra que se preocupar tanto? — Macy para diante de portas duplas que estão cuidadosamente entalhadas e me abraça. — Tudo vai ficar bem. Prometo.

— Estou disposta a aceitar algo como “não vai acontecer nenhuma catástrofe” — comento, mas, mesmo dizendo isso, não estou tão confiante. Não quando tenho a impressão de que há um peso sobre mim. Me tornando menor. Me transformando em nada.

Não é culpa da escola. Já faz um mês que estou me sentindo desse jeito. Mesmo assim, estar aqui, neste lugar, no meio do Alasca, de algum modo, piora a sensação.

— Esteja disposta a aceitar que vai essa noite vai ser *incrível* — corrige Macy, enquanto pega o meu braço e o enlaça com o seu. Em seguida, ela avança, abrindo as portas duplas e entrando no salão como se fosse a dona

do lugar.

E talvez ela seja. A julgar pelo jeito que todo mundo se vira para contemplá-la, eu acredito nisso. Pelo menos até perceber que os meus piores pesadelos acabaram de virar realidade e todos estão olhando para mim.

Assim, decido me concentrar na decoração, que é impressionante. Não sei para onde devo olhar primeiro, então olho para todos os lugares — admirando o papel de parede aveludado carmim e preto em estilo barroco, os candelabros de ferro fundido de três andares com cristais negros pendendo de cada um dos braços finamente entalhados, as poltronas vermelhas elegantes e as mesas com toalhas negras que ocupam a metade oposta daquele enorme salão.

A cada metro e meio, mais ou menos, há arandelas instaladas nas paredes, abrigando o que parecem ser velas de verdade em seus suportes. Eu me aproximo para examiná-las mais de perto e fico completamente encantada quando percebo que cada arandela é entalhada na forma de um dragão diferente. Um com as asas abertas diante de uma bela cruz celta, outro enrolado no alto de um castelo e um terceiro que parece estar voando. Em todos os dragões, a chama da vela está posicionada de modo a tremeluzir dentro das bocarras abertas e, quando me aproximo ainda mais, percebo que, sim, as chamas são reais.

Não consigo nem imaginar como o meu tio consegue fazer com que isso aconteça; nenhum bombeiro no país aprovaria uma escola que deixa velas acesas ao alcance de alunos. Por outro lado, este lugar fica entre o nada e lugar nenhum, e não consigo imaginar que algum

bombeiro se disponha a fazer uma inspeção surpresa aqui em Katmere.

Macy toca o meu braço e eu, relutante, deixo que ela me puxe para longe dos dragões e mais para o centro do salão. É quando direciono a atenção para cima e percebo que o teto também é pintado de vermelho, com mais daquelas molduras pretas adornando o alto das paredes.

— Você vai passar a noite inteira admirando a decoração? — alfineta Macy aos sussurros.

— Talvez. — Relutantemente, eu tiro os olhos do teto e os aponto para as longas mesas que se estendem ao longo da parede, cheias de bandejas com queijos, salgadinhos, canapés e bebidas.

Não há ninguém nas mesas do buffet, entretanto, e quase ninguém está sentado ao redor das outras mesas. Em vez disso, os alunos estão reunidos em vários grupos espalhados em diversas áreas do salão. Esse isolamento autoimposto talvez seja a única característica daqui que parece familiar. Aposto que não faz diferença frequentar uma escola comum do ensino médio em San Diego ou um colégio interno chique como este no Alasca; as panelinhas existem em todos os lugares.

E, aparentemente, se você estiver num colégio interno chique, essas panelinhas são mil vezes mais esnobes e excludentes do que o normal.

Que sorte eu tenho, não?

Conforme Macy e eu vamos andando pelo salão, eu me pego olhando com atenção para as diferentes, digamos... facções, na falta de palavra melhor.

A energia — e o desdém — permeiam o ar entre os alunos que estão perto da janela quando eles olham para

mim, me medindo da cabeça aos pés. Há uns trinta e cinco deles ali, e estão todos juntos em um grupo grande, como uma equipe esportiva que repassa as jogadas logo antes de entrar em campo. Os caras usam jeans e todas as meninas estão com vestidinhos curtos; ambos os grupos têm corpos fortes e poderosos com músculos muito bem definidos.

A curiosidade e uma boa dose de desprezo cobre o rosto dos meus novos colegas de classe no fundo do salão. Trajados com vestidos longos e rodados ou camisas sociais com tecidos e bordados que combinam perfeitamente com o salão, parecem ser bem mais delicados do que o grupo que está perto das janelas. E antes mesmo de Macy acenar para eles, empolgada, eu já sei que esse é o grupo com o qual ela anda.

Ela caminha para perto deles e eu a sigo, disfarçando meu nervosismo súbito com um sorriso longe de ser sincero.

Enquanto andamos, passamos por outro aglomerado enorme de alunos e eu juro que consigo sentir as ondas de calor que eles emanam. Cada pessoa nesse grupo é bem alta; até as garotas têm quase um metro e oitenta. E o fato de me fitarem com escárnio e desconfiança, uns mais outros menos, faz com que passar por eles seja particularmente desconfortável. Será que alguém ali joga basquete?

A sensação de desconforto só ameniza quando vejo Flint no meio daquele grupo, sorrindo e agitando as sobrancelhas para mim de um jeito tão exagerado que não consigo reprimir uma risadinha. Assim como todos os outros caras do próprio grupo, ele está de jeans e com

uma camiseta justa que valoriza o peitoral e os bíceps. Ele é bonito. Muito bonito. Assim como a maioria dos seus amigos. Ele mostra a língua para mim antes de eu desviar o olhar, e desta vez reajo com uma gargalhada.

— O que é tão engraçado? — pergunta Macy, mas em seguida ela percebe Flint e se limita a revirar os olhos. — Você tem noção de quanto tempo passei tentando chamar a atenção dele e sendo completamente ignorada, antes de desistir? Se não fôssemos primas destinadas a serem também grandes amigas, eu ficaria chateada com você agora.

— Tenho certeza de que Flint e eu estamos destinados a sermos amigos, também — respondo, enquanto me apresso para acompanhar os passos largos dela. — Duvido que os garotos fazem careta como aquela para garotas em que estão interessados.

— Ah, sim. Bem, nunca se sabe. É drá... — Ela é interrompida por uma tosse violenta, como se tivesse engasgado com a própria saliva ou coisa parecida.

— Está tudo bem? — indago, dando palmadinhas em suas costas.

— Estou bem. — Ela tosse outra vez, parecendo um pouco nervosa quando puxa uma das mangas folgadas. — Drástico.

— Drástico? — repito, um pouco mais confusa a esta altura.

— Caso você esteja se perguntando... — Ela dá uma olhada atenta ao redor. — Eu ia dizer que é drástico. Por exemplo, às vezes os rapazes tomam medidas drásticas para fazer com que as garotas os percebam. É isso que eu ia dizer. *Drástico.*

— Ahhhhh, certo. — Não digo mais nada, porque agora estou simplesmente confusa. Não tanto pelo que ela está dizendo, mas pela ênfase que dá àquela palavra. Por outro lado, ela estava agindo de um jeito estranho quando estávamos com Flint ontem à noite também. Talvez a presença dele mexa com ela.

Macy não diz mais nada, quando finalmente chegamos ao centro daquele salão enorme e com uma decoração toda ornamentada. E eu não a culpo, porque o grupo pelo qual estamos passando agora está cheio das pessoas mais intimidadoras de todo este lugar — de longe. E digo isso especialmente porque quase todo mundo neste salão é enervante pra cacete.

Mas essas pessoas conseguem levar essa sensação a um patamar completamente novo. Vestidos com tons monocromáticos de preto ou branco — camisas, vestidos, calças, sapatos, joias, tudo de grifes caras ou feitos sob medida, essas pessoas praticamente emanam dinheiro... Junto a uma espécie descuidada de poder que é quase impossível deixar passar. Embora sejam obviamente uma panelinha como qualquer outra na sala, há uma espécie de ritualismo entre eles que os outros grupinhos não têm, uma sensação de que um está pronto para defender o outro contra qualquer outra pessoa que esteja na sala, mas a aliança acaba aí.

Quando passamos por eles, percebo que há outra diferença enorme entre os outros grupos e este. Praticamente nenhum deles olhou para mim.

Não consigo evitar uma sensação de alívio por isso, considerando que meus joelhos vacilam um pouco mais a cada passo dado em direção aos amigos de Macy. Estou

completamente embasbacada, não somente pela quantidade de pessoas que me observa na festa, mas pelo quanto as pessoas na maior parte dos grupos se identificam entre si. É sério, não existe meio-termo; nenhum cara vestido todo de preto junto a uma garota com um vestido longo e rodado. Nenhuma das garotas altas espiando um dos caras ou uma das garotas saradas perto da janela.

Não; todo mundo na Academia Katmere parece estar andando na própria faixa. E, a julgar pela cara que fazem, não agem assim por medo, mas por desdenhar dos outros convidados.

Que divertido. Sério mesmo. Bem, eu sempre soube que escolas de gente rica são exclusivas e esnobes. Quem não sabe disso? Mas não esperava que as coisas estivessem neste nível. Quanto dinheiro, *status* e postura um grupo de pessoas pode ter, afinal de contas?

Acho que o fato de eu ser parente do diretor me favorece. Caso contrário, jamais conseguiria entrar neste lugar. Vitória do nepotismo ou derrota, dependendo de como essa pequena *soirée* se desenrolar.

Não consigo imaginar por que eu estava nervosa para vir pra cá...

O único fator que me impede de sair correndo quando nos aproximamos dos amigos de Macy é o meu orgulho. Bem, isso e o fato de que agir como presa, neste momento, me parece uma ideia particularmente ruim. Em especial se eu não quiser passar o restante do meu último ano na escola me esquivando de cada garota maldosa que estuda neste lugar.

— Estou louca para apresentá-la aos meus amigos —

diz Macy, quando finalmente chegamos ao grupo que está mais ao fundo. De perto, eles são ainda mais espetaculares, com pedras preciosas diferentes iluminando os cabelos e adornando a pele. Brincos, pingentes, presilhas de cabelo, piercings nas sobrancelhas, lábios e nariz, todos enfeitados com pedras coloridas.

Nunca me senti tão desbotada em toda a minha vida, e preciso reunir todo o meu autocontrole para não puxar para cima o decote do meu vestido.

— Ei, galera! Esta é a minha prima Gr... —

— Grace! — Uma ruiva bonita com um enorme pingente de ametista interrompe. — Bem-vinda a Katmere! Ouvimos falar *muito* sobre você. — A voz dela reúne tanto entusiasmo que quase dá a impressão de estar zoando, mas não consigo discernir quem seria o alvo da zoeira — Macy ou eu. Pelo menos até eu olhar nos olhos dela, que são cruelmente frios e que estão apontando diretamente para mim.

Que surpresa, não?

Não sei como eu deveria responder. Ser educada é uma coisa. Aceitar que ela tire sarro da minha cara é algo completamente diferente. Por sorte, antes que eu consiga decidir o que fazer, uma garota com uma cabeleira negra e volumosa, cheia de cachos, e lábios com o formato perfeito de um arco do cupido faz isso por mim.

— Deixe disso, Simone — diz ela antes de olhar para mim com o que parece ser (eu espero) um sorriso sincero. — Oi, Grace. Sou a Lily. — Os olhos castanhos suaves parecem amistosos e os cabelos negros são cacheados, entremeados por fitas reluzentes que emolduram

lindamente a sua pele negra. — E esta aqui é Gwen.

Ela indica uma garota de descendência oriental que usa um vestido roxo e elegante. Ela sorri e diz:

— É ótimo conhecer você.

— Ah... é legal conhecer vocês também. — Estou tentando, de verdade. Mas o tom da minha voz provavelmente soou tão hesitante quanto o restante de mim, porque os olhos dela perdem o viço.

— Não ligue para a Simone — sugere ela, praticamente pronunciando o nome da ruiva por entre os dentes. — Ela está brava porque todos os garotos estão olhando para você. Ela não gosta de competição.

— Oh, mas eu não... — Paro de falar quando Simone exala o ar ruidosamente, torcendo o nariz.

— Sim, é exatamente por isso que estou brava. Estou preocupada com a competição. Não tem nada a ver com o fato de Foster ter trazido uma...

— Por que não pegamos algo para beber? — Macy a interrompe, erguendo a voz.

Começo a dizer que não estou com sede — aquela náusea sutil, mas persistente, está de volta —, mas ela não espera pela minha resposta, pega a minha mão e me leva pela sala até as mesas do buffet.

Em uma das cabeceiras há duas chaleiras gigantes e um arranjo de xícaras de chá, junto a duas caixas térmicas abertas e cheias de gelo, garrafas de água e latas de refrigerante.

Estendo a mão para pegar uma xícara. Desde que pousei neste estado, sinto que estou congelando. Mas, em seguida, percebo vários galões térmicos esportivos, listrados em laranja e branco, que estão colocados em

outra mesa.

— O que tem naqueles galões? — pergunto, porque estou curiosa. E porque parece haver uma quantidade exagerada de bebidas para o número de pessoas que está no lugar. Eu *realmente* espero que isso não signifique que mais um monte de alunos esteja prestes a chegar para a festa. O número de pessoas neste salão já passou do suportável para mim.

— Ah, é só água — responde Macy, despreocupadamente. — Sempre temos uma reserva grande, caso a temperatura caia de repente e a água dos encanamentos congele. Melhor prevenir do que remediar.

Eu tenho a impressão de que em lugares como o Alasca haveria um encanamento especial e camadas mais grossas de isolamento térmico para garantir que isso não aconteça. Mas o que eu conheço sobre o inverno? Ainda estamos em novembro e a temperatura do lado de fora já está abaixo de zero. E isso é normal. Faz sentido pensar que um inverno particularmente severo possa complicar a situação aqui.

Antes que eu consiga perguntar qualquer outra coisa, Macy se abaixa, pega uma lata de Dr. Pepper da caixa térmica e a estende para mim. — Fiz questão de pedir ao meu pai que encomendasse Dr. Pepper para a festa e também para a cantina. Ainda é o seu refrigerante favorito, não é?

É mesmo o meu favorito. Achei que estivesse mais a fim de tomar chá, mas há alguma coisa naquela lata vermelho-escura que me atrai. Ela lembra a minha casa, meus pais e a vida que eu tinha. A saudade cresce dentro do meu peito e eu pego a lata, desesperada por alguma

coisa — qualquer coisa — que seja familiar.

Macy sorri para mim, faz um gesto positivo com a cabeça e percebo que ela sabe o que estou sentindo. A gratidão ajuda a afastar a saudade que sinto de casa.

— Obrigada. Você pensou em tudo.

— Não foi nada. — Ela cutuca meu ombro com o seu. — E, então, quem você vai querer conhecer agora? — Ela indica dois garotos sentados nas poltronas de veludo vermelho perto do fundo da sala. Eles vestem camisas elegantes e cheias de estampas que os identificam como membros do grupo de Macy. — Aquele ali é Cam, junto ao melhor amigo dele.

— Cam? — Ela diz o nome do rapaz como se eu devesse reconhecê-lo, mas isso não acontece.

— Meu namorado. Ele está louco para conhecer você. Vamos lá.

É difícil dizer não a um convite como esse, então nem me esforço. Mas sei que Cam e qualquer outra pessoa que esteja “louco para conhecer” a garota recém-chegada está destinado a se decepcionar. Eu simplesmente não sou tão interessante.

— Cam! Esta é a minha prima. Falei dela para você! — diz Macy com um gritinho bem antes de chegarmos perto do namorado dela.

Ele se levanta e estende a mão.

— Grace, não é?

— Sim. — Eu o cumprimento com um aperto de mão e, ao fazer isso, não consigo deixar de perceber o quanto a pele dele é pálida. — Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu. Já faz umas semanas que a Macy comentou que você ia chegar. Espero que goste de neve,

garota surfista — saúda ele, sorrindo para mim.

Nem me incomodo em dizer a ele que não sou muito fã de surfar. Deus sabe que tenho o hábito de estereotipar coisas e pessoas, também. Antes de chegar aqui, por exemplo, tinha quase certeza de que iria morar em um iglu.

— Ainda não sei se vou curtir ou não — digo a ele. — Ontem foi a primeira vez na vida que eu vi neve.

Isso atrai a atenção dele e a do amigo que está ao seu lado.

— Você *nunca* tinha visto neve? — pergunta o outro cara, incrédulo. — Nunca mesmo?

— Nunca.

— Ela veio de San Diego, James. — Macy está com uma expressão exasperada no rosto, e o tom de voz combina. — É tão difícil assim de acreditar?

— Acho que não. — Ele dá de ombros e abre um sorriso que deveria ser encantador, pelo que percebo, mas que acaba passando bem longe disso. Sempre detestei os caras que olham para as mulheres como se elas fossem um prato de comida prestes a ser devorado. — Oi, Grace.

Ele não estende a mão, e eu definitivamente não estendo a minha.

— Oi.

— E, então, o que você acha do Alasca? — pergunta Cam, enlaçando a cintura de Macy com o braço. Ele não espera uma resposta antes de sentar outra vez, puxando a minha prima para o seu colo enquanto isso.

Antes que eu consiga responder, ele já enfiou o rosto no pescoço de Macy e ela dá umas risadinhas, passando

as mãos pelos cabelos castanhos e lisos de Cam enquanto se aconchega junto dele.

Percebo que é a deixa para eu sair dali, pois de súbito as coisas começam a ficar bastante constrangedoras. Em particular, porque James continua me olhando fixamente, como se à espera de ver se eu vou me sentar no colo *dele* — e, só para deixar bem claro, isso é algo que eu com certeza não vou fazer.

— Eu... ah... vou pegar outra bebida — informo a ele, erguendo desajeitadamente a minha lata de Dr. Pepper que ainda está quase cheia.

— Posso ir buscar para você — oferece ele, começando a se levantar, mas dou um passo enorme para trás.

— Não precisa!

— Está tudo bem com você, Grace? — Macy interrompe as risadinhas apenas o suficiente para perguntar, completamente séria.

— Sim, claro. Estou bem. Eu só... — Mais uma vez, eu ergo a lata de Dr. Pepper. — Já volto.

Cam deve ter feito alguma coisa bem sexy com ela, porque o riso de Macy muda, fica um pouco mais baixo, mais ou menos ao mesmo tempo que ela deixa de prestar atenção em mim totalmente.

Não espero James se oferecer outra vez — ou pior, que ele insista. Em vez disso, disparo pela sala como uma bala. Mas mal consigo chegar junto da mesa antes que duas mãos muito grandes e muito quentes toquem os meus ombros.

Capítulo 10

E EU DESCOBRI QUE O DIABO VESTE GUCCI

Fico paralisada, com o coração acelerado, enquanto minha cabeça repete *Não seja James, não seja James, não seja James* sem parar em um mantra alucinado. É sério, cara. Será que já não tenho problemas o suficiente? Será que realmente preciso de um otário tentando me transformar em lanche da tarde também?

Entretanto, antes que eu consiga encontrar algo para dizer, o cara se inclina para a frente e, com uma voz baixa e grave, pergunta:

— Quer dar um passeio na minha garupa?

E, com uma única frase, a tensão se dissolve, deixando somente uma alegria cautelosa em seu lugar.

— Flint! — Giro sobre os calcanhares e noto que ele sorri para mim, com os olhos cor de âmbar dançando de um jeito malandro.

— E aí, novata? — diz ele, arrastando as palavras. — Está curtindo a festa?

— Totalmente. — Eu ergo a minha lata de Dr. Pepper. — Não parece que estou curtindo?

— Parece que alguém não consegue entender uma indireta, então achei que seria melhor dar uma mãozinha. — Ao mesmo tempo, nós dois viramos para observar James (que realmente me seguiu até a mesa das bebidas) voltar, emburrado, para junto de Cam e Macy, que ainda estão enroscados um no outro.

— Obrigada por aparecer. De verdade.

— Gratidão é uma coisa tão antiquada — comenta ele com uma voz afetada e estridente que parece muito com a de qualquer garota má por aí.

A voz, somada ao gesto ridículo que ele faz com uma das mãos para compor a cena, me faz rir com tanta força que quase cuspo o refrigerante pelas narinas. E é nesse momento que percebo que metade da sala ainda está olhando para mim, enquanto a outra metade faz um esforço deliberado para *não* olhar para mim. Essa arrogância seria um alívio se eu não soubesse que estão fazendo isso para que eu entenda o quanto sou insignificante.

Como se fizesse alguma diferença.

— E então? Quer ir pegar alguma coisa para comer? — pergunta Flint, indicando a mesa atrás de nós com um meneio de cabeça.

Antes que eu consiga responder, as duas portas pesadas de madeira que dão acesso ao salão se abrem com força. Elas batem nas paredes com um baque que assusta todo mundo na sala. E, em seguida, todos se viram para olhar.

O lado bom disso é que ninguém está mais prestando atenção em mim. Porque todos estão olhando para ele. Para *Jaxon*. E, realmente, quem poderia culpá-los por fazer isso quando ele entra como se fosse o dono do lugar — e de todas as pessoas que estão aqui?

Vestido da cabeça aos pés com roupa preta da Gucci — um blusão de seda com gola em V, calças de lã risca-de-giz, sapatos sociais brilhantes — com a sobrancelha marcada pela cicatriz franzida e o olhar sombrio tão frio

quanto a neve que cobre o chão do lado externo da escola, ele não deveria parecer nem um pouco sexy. Mas parece. E não há como negar.

O lado ruim da situação é que tamanha frieza e tamanha escuridão estão focadas diretamente em mim. E em Flint, que já deu um jeito de colocar um braço ao redor dos meus ombros.

Tento desviar o olhar, mas é impossível. Tento não olhar nos olhos de Jaxon. Mas ele está tão cativante — e tão hipnótico — agora quanto estava na noite passada. Tudo isso antes que ele comece a andar, com um ar gracioso, passos lânguidos, ombros e quadris que se movem de um jeito suave e pernas longas que se estendem quase infinitamente.

É arrebatador.

Ele é arrebatador.

Ele é só um garoto, eu faço questão de lembrar, mesmo quando sinto a boca ficar mais seca do que um deserto. *Só um cara comum como qualquer outro aqui.* Mas, mesmo quando digo isso a mim mesma, eu sei que estou mentindo. Jaxon pode ser qualquer coisa, menos *um cara comum*. Um rapaz fora do comum, mesmo aqui entre aqueles que são totalmente extraordinários.

Ao meu lado, Flint dá uma risadinha, e sinto vontade de perguntar o que é tão engraçado quando percebo que Jaxon está vindo em nossa direção, com um vazio nos olhos e um semblante gélido que provoca um calafrio em mim. Mas eu não consigo pronunciar as palavras, não consigo expressar nada por uma garganta que se fechou por completo.

Respiro fundo, mesmo me sentindo estrangulada,

esperando que isso me acalme um pouco. Não funciona, mas, para ser honesta, não achei que fosse funcionar.

Especialmente quando a única coisa que consigo ver é a imagem dele ontem à noite, chupando o próprio polegar que continha meu sangue.

Especialmente quando a única coisa que consigo ouvir é a voz dele — baixa, cruel, selvagem — me avisando para trancar a porta do quarto.

Especialmente quando a única coisa em que consigo pensar é beijar aquela boca, deslizando a minha língua pelo arco perfeito do seu lábio de cima, roçando e prendendo o lábio dele entre meus dentes e mordendo bem de leve.

Não sei de onde vêm esses pensamentos. Eu não costumo agir assim. Nunca pensei num rapaz desse jeito antes, nem mesmo no garoto que namorei quando era mais nova. Mesmo antes de sairmos, eu nunca ficava imaginando como seria beijá-lo.

Envolvê-lo com meus braços.

Pressionar meu corpo com força contra o dele.

Porque eu quase consigo senti-lo; consigo quase sentir o gosto dele. Tento me forçar a pensar em alguma outra coisa. Como a neve. As aulas de amanhã. Ou o meu tio, que deveria estar aqui, mas está sumido.

Nada disso funciona, porque a única coisa que consigo ver é *ele*.

Minha pele se aquece sob aquele olhar; meu rosto queima de vergonha por causa das cenas que passam pela minha cabeça. E pela maneira com que ele olha dentro dos meus olhos, como se fosse capaz de ler cada um desses pensamentos.

É impossível; eu sei que é. Mas a ideia me assusta tanto que eu desvio bruscamente o olhar, trazendo a lata de Dr. Pepper até a boca e me esforçando para parecer despreocupada.

Tudo isso faz com que a bebida gaseificada desça direto pelo buraco errado.

Meus pulmões castigados se revoltam quando cubro a boca e tusso com força, sentindo os olhos lacrimejarem e a humilhação arder na minha barriga. Finjo que ele não está me observando, finjo que Flint não está batendo nas minhas costas, finjo até mesmo que não percebo o peso de todos os olhares congelantes dos meus novos colegas que observam, enquanto tento encher de ar os pulmões que não querem cooperar.

Preciso me afastar da ajuda exagerada de Flint, do olhar ameaçador e esmagador de Jaxon. Pelo menos, se eu encontrar o banheiro mais próximo, posso morrer em paz.

Eu começo a andar. Acho que vi um banheiro no corredor, duas ou três portas adiante — mas dou apenas alguns passos e percebo que Jaxon subitamente aparece ao meu lado. Ele não reconhece a minha presença, nem mesmo olha para mim quando nos cruzamos, mas, assim como aconteceu no alto da escada ontem, nossos ombros se roçam quando ele passa por mim.

O meu acesso de tosse desaparece com a mesma rapidez com que começou. O ar fresco invade os meus pulmões.

Se eu não soubesse que é impossível, pensaria que ele teve algo a ver com isso. Não só em relação ao acesso de tosse, mas também com o fato de ter acabado com ele.

Mas ele não tem nada com isso. É claro que não. Que ideia completamente absurda.

Saber disso não impede que eu me vire e o veja se afastando, embora seja a pior coisa que faço — pela minha sanidade e a minha reputação — considerando as risadinhas e os comentários sarcásticos que ouço atrás de mim.

Ele não olha para trás. Na verdade, ele não olha para ninguém, enquanto anda diante das mesas do buffet, observando o que está servido. Mal chega a erguer os olhos quando, após certo tempo, pega um morango grande e perfeito de uma vasilha.

Fico esperando que ele o coloque na boca ali mesmo, mas isso não acontece.

Em vez disso, ele vai até o centro da sala — e até a enorme poltrona *bergère* colocada sob o candelabro como um trono, com várias outras poltronas em semicírculo à volta. Chegando lá, ele recosta e larga o corpo sobre a poltrona, com as pernas abertas diante de si, enquanto diz alguma coisa para os cinco rapazes — todos com cabelos escuros, todos lindos, todos deslumbrantes — que estão sentados nas demais cadeiras.

É a primeira vez que percebo que há pessoas sentadas naquelas poltronas.

A essa altura, quase todo mundo na sala está olhando para Jaxon, tentando chamar sua atenção. Mas ele ignora todo mundo, concentrando-se propositalmente no morango entre o polegar e o indicador.

Após algum tempo, ele ergue o rosto e olha diretamente para mim. Em seguida, leva o morango até os

lábios e o morde, cortando-o perfeitamente ao meio.

Aquilo se parece muito com um aviso, e bem violento, especialmente quando uma gota vermelha de suco fica dependurada por um instante em seu lábio inferior.

Eu sei que deveria ficar aqui, sei que devo encará-lo. Mas quando sua língua sai da boca e lambe o suco do morango de um jeito que diz claramente “*Danem-se*” para Flint, para mim e para todo mundo que está no salão, faço a única coisa que consigo.

Viro-me para Flint e digo, atabalhoada:

— Desculpe. Preciso ir embora.

E então me desloco para a porta tão rápido quanto consigo, tentando não parecer ainda mais patética e desesperada para fugir antes que eu arrebente sob o peso do desprezo óbvio de Jaxon.

Porque uma coisa é certa: a função desse pequeno espetáculo foi enfatizar o quanto sou realmente insignificante para cada pessoa naquele salão. Eu só gostaria de entender o motivo.

Capítulo 11

NA BIBLIOTECA, NINGUÉM CONSEGUE OUVIR VOCÊ GRITAR

Quando saio do salão, começo a correr. Estou desesperada para ficar o mais longe possível de Jaxon. Não faço ideia da direção para onde estou correndo, e acho que não importaria mesmo se eu soubesse. Especialmente, quando não faço ideia de onde as coisas ficam neste lugar.

Viro à esquerda no fim do corredor, andando puramente por instinto. Tudo por causa do meu completo desespero para estar em qualquer lugar que não seja naquela festa.

Nem imagino o que eu possa ter feito para deixar Jaxon tão irritado. Não faço ideia do motivo pelo qual ele age de maneira tão inconstante comigo. Já esbarrei nele quatro vezes desde que cheguei a este inferno congelado, e cada vez foi uma experiência diferente. Na primeira ele agiu feito um babaca; na segunda, me ignorou por completo. Foi intenso na terceira e furioso na quarta. O humor dele muda mais rápido do que o *feed* do Instagram da minha melhor amiga.

Chego a outro corredor sem saída; desta vez, viro à direita. Segundos depois, chego a uma escadaria — tão simples e despojada quanto a escadaria no saguão principal é rebuscada e grandiosa. Subo um lance correndo e depois outro, e mais outro, até chegar ao segundo andar. Lá, viro à direita mais uma vez e não paro

de correr até o corredor terminar.

Sinto também que estou sem fôlego e um pouco enjoada, graças a essa maldita altitude com que aparentemente não vou me acostumar nunca. Paro um pouco para respirar. Então, o constrangimento enfim arrefece o suficiente para que o meu lado racional retome o controle.

De repente, eu me sinto uma pateta por entrar em pânico, e ainda mais por fugir de Jaxon, tudo por causa de uma mordida bizarra que ele deu num morango enquanto olhava para mim.

No fundo, sei que é mais do que isso. Foi o olhar no rosto dele, a indolência daquela linguagem corporal, o *foda-se* tão óbvio em seus olhos, enquanto ele me encarava diretamente. Mas, mesmo assim, fugir desse jeito agora me parece uma atitude absurda.

Não é absurda o bastante para me fazer voltar até aquela festa incrivelmente desconfortável, mas é absurda o suficiente para fazer com que eu me sinta envergonhada pelas minhas ações.

Quando me endireito e tento pensar no que vou fazer (voltar para o meu quarto para tomar mais um analgésico e depois dormir um pouco estão no topo da lista), percebo que estou diante da biblioteca da escola. Como nunca encontrei uma biblioteca de que não gostasse, não consigo resistir à tentação de abrir a porta e entrar.

No momento em que faço isso, sou atingida por uma sensação muito estranha. Um pavor começa a se formar no meu estômago e tudo o que existe dentro de mim começa a me dizer para dar meia-volta, para sair por onde entrei. É a sensação mais estranha que já senti na

vida, e por um segundo eu penso em ceder. Mas já corri mais do que o suficiente para um único dia; assim, ignoro a pressão nos meus pulmões e o jeito inquieto com o qual meu estômago se revira e continuo andando até chegar ao balcão de registros.

Ali, passo alguns minutos simplesmente parada, olhando o que há na biblioteca. Basta um segundo para que a sensação de pavor se dissipe e seja substituída por deslumbramento. Porque, seja lá quem for que cuide desta biblioteca, com certeza é o meu tipo de pessoa. Em parte, por causa da enorme quantidade de livros — dezenas de milhares, pelo menos, enfileirados estante após estante. Mas há outras coisas, também.

Gárgulas empoleiradas em prateleiras aqui e ali, olhando para baixo como se estivessem vigiando os livros.

Algumas dúzias de cristais cintilantes entremeados por fitas reluzentes, penduradas no teto em intervalos aparentemente irregulares.

Todos os espaços abertos da sala foram transformados em alcovas de estudo, cheias de pufes e poltronas almofadadas e até mesmo alguns sofás de couro já desgastado, deixados ali justamente como um cantinho de leitura.

Mas a atração principal, a coisa que me deixa ansiosa para conhecer o bibliotecário, são os adesivos colados por toda a parte. Nas paredes, nas estantes dos livros, nas mesas de trabalho, nas cadeiras e nos computadores. Em todo lugar. Adesivos grandes, adesivos pequenos, adesivos engraçados, adesivos de incentivo, adesivos de marcas famosas, adesivos com emojis, adesivos

sarcásticos... A lista fica cada vez maior, e um pedaço de mim quer circular por toda a biblioteca até poder ler ou ver cada um deles.

Mas há adesivos demais para uma única visita — demais até mesmo para uma dúzia de visitas, para ser honesta. Assim, decido começar examinando os adesivos que encontro quando sigo as gárgulas.

Porque, depois de ver o restante da biblioteca, não acredito nem por um segundo que essas estátuas tenham sido colocadas ao acaso. E isso significa que eu quero muito saber o que o bibliotecário quer me mostrar.

A primeira gárgula — uma escultura de aparência feroz com asas de morcego e um rosnado furioso no rosto — está montando guarda sobre uma estante de livros de terror. A estante em si é toda decorada com adesivos dos Caça-Fantasmas e não consigo evitar uma risada quando passo os dedos pelas lombadas de todo tipo de livro — de John Webster a Mary Shelley, de Edgar Allan Poe a Joe Hill. O fato de haver uma homenagem especial a Victor Hugo deixa tudo ainda melhor, especialmente na colocação irônica de três exemplares de *O Corcunda de Notre-Dame* bem diante da linha de visão da gárgula.

A segunda gárgula — uma criaturinha atarracada com os calcanhares apoiados sobre uma pilha de caveiras — preside uma estante cheia de livros sobre anatomia humana.

A estante de fantasia, repleta de livros com capas bonitas sobre dragões e bruxas, é o lar da terceira estátua de gárgula, com asas e garras grandes verdadeiramente fantásticas que se fecham ao redor do livro em miniatura

que está lendo. Diferente das outras duas, que têm expressões ferozes, essa gárgula tem feições femininas e um ar de travessa, como se soubesse que vai ter problemas por continuar acordada mesmo passada a hora de ir dormir, mas simplesmente não consegue deixar a história de lado.

Decido naquele momento que ela é a minha gárgula favorita e pego um livro da prateleira para ler esta noite, caso não consiga dormir. E quase solto uma gargalhada ruidosa quando passo os dedos em um adesivo que diz: “Não sou uma donzela em perigo. Sou um dragão de vestido”.

Continuo indo de estátua em estátua, de uma estante baixa sobre arquitetura gótica até um enorme conjunto de prateleiras dedicadas a histórias de fantasmas. A biblioteca se estende cada vez mais e, quanto mais tempo passo por aqui, mais me convenço de que o bibliotecário-chefe deste lugar é a pessoa mais legal do mundo. E que tem um gosto incrível para livros.

Chego até o fim do corredor e dou a volta na última estante em busca da última gárgula. Eu a encontro e percebo que ela aponta diretamente para uma porta entreaberta. Há uma placa enorme pendurada nela que diz que os alunos só podem acessar essa sala se tiverem autorização, e isso — é claro — só serve para me deixar ainda mais curiosa. Principalmente porque a luz está acesa e há uma música esquisita no ar.

Tento identificá-la, mas, conforme me aproximo, percebo que não é somente música; é um cântico que está sendo entoado em uma língua que eu não reconheço e que com certeza não sou capaz de entender. No mesmo

instante, minha curiosidade se transforma em empolgação.

Quando eu estava pesquisando o Alasca, aprendi que há vinte línguas diferentes faladas pelos povos indígenas do estado. Começo a pensar se é isso que estou ouvindo. Espero que seja. Já faz algum tempo que venho querendo ouvir uma das línguas nativas. Em especial porque muitas delas estão ameaçadas de extinção, incluindo duas ou três que têm menos de quatrocentos falantes no mundo todo. O fato de essas línguas indígenas estarem morrendo é uma das coisas mais tristes que já ouvi.

Talvez, com sorte, eu possa resolver dois problemas de uma só vez aqui. Posso conhecer a bibliotecária fascinante que é responsável por este lugar e também lhe pedir informações (já que a voz, definitivamente, é feminina) sobre alguma das línguas indígenas. Mesmo que eu consiga só uma dessas duas coisas, a noite será bem melhor do que ficar em uma festa e ser o alvo dos olhares, festa essa que, supostamente, devia ter sido oferecida para me dar as boas-vindas.

Mas, quando me aproximo da porta, pronta para me apresentar, percebo que a pessoa que entoava aqueles cânticos não é a bibliotecária. É uma garota da minha idade, com cabelos longos, escuros e sedosos e um dos rostos mais bonitos que eu já vi. Talvez o mais bonito de todos.

Ela está segurando um livro aberto, lendo, o que explica os cânticos que ouvi. Sinto vontade de perguntar que língua é essa, já que não consigo enxergar a capa, mas o jeito com que sua cabeça se ergue bruscamente quando passo pela porta deixa a minha garganta seca.

Quem quer que essa garota seja, exibe uma expressão feroz. As bochechas estão enrubescidas e a boca está aberta para entoar os sons característicos da linguagem em que fala. Ela se interrompe no meio de uma palavra, com um sentimento que parece ser pura fúria ardendo naqueles olhos negros e tempestuosos.

Capítulo 12

TUDO É BRINCADEIRA E DIVERSÃO ATÉ ALGUÉM MORRER

Tento pedir desculpas — ou, pelo menos, encontrar uma justificativa —, mas, antes que consiga dizer alguma coisa, a fúria no olhar dela desaparece. Inclusive, o sentimento se dissipa com tanta agilidade que eu não consigo ter certeza de que não imaginei aquilo. Especialmente porque a raiva, ou seja o que for, se transforma em receptividade quando a garota vem em minha direção.

— Você deve ser Grace. — Ela fala com um sotaque sutil e para a menos de meio metro de onde estou. — Eu estava mesmo querendo conhecê-la. — Ela estende a mão e eu a cumprimento, embasbacada, enquanto ela prossegue. — Meu nome é Lia e eu tenho a impressão de que seremos ótimas amigas.

Não é a saudação mais estranha que já recebi; essa honraria ainda pertence a Brant Hayward, cuja versão de *prazer em conhecê-la* foi esfregar as mãos cheias de catarro no vestido que usei no meu primeiro dia de aula, no jardim de infância. Mesmo assim, Lia conquista o segundo lugar. Além disso, seu sorriso tem algo de contagiante que me faz sorrir de volta.

— Eu sou Grace — concordo. — Prazer em conhecê-la.

— Ah, não seja tão formal — diz ela, acompanhando-me gentilmente para fora da sala antes que eu lhe peça para dar uma olhada ali dentro. Segundos depois, ela já

apagou as luzes e fechou a porta, tudo da maneira mais eficiente possível.

— Que língua era aquela que você estava falando? Era algum idioma indígena do Alasca? Achei muito bonita — falo quando começamos a voltar para o centro da biblioteca.

— Ah, não. — Ela ri, um som leve e tilintante que combina perfeitamente com o restante de Lia. — É uma língua que eu descobri em minhas pesquisas. Nunca a ouvi antes, então nem tenho certeza se estava pronunciando as palavras de maneira correta.

— Bem, parecia incrível. Em que tipo de livro você a descobriu? — Agora, mais do que nunca, sinto o desejo de ter espiado a capa.

— O tipo que é bem chato — responde com um gesto. — Eu juro que esse projeto de pesquisa ainda vai acabar me matando. Agora, venha comigo. Vamos tomar um chá e você pode me contar tudo a seu respeito. Teremos muito tempo para falar sobre as aulas quando você estiver frequentando alguma.

Decido não verbalizar que começar a assistir aulas é provavelmente a única coisa que eu espero que aconteça com essa mudança para o Alasca. Afinal de contas, a escola pública onde eu estudava definitivamente não cobria assuntos como Caça às Bruxas no Mundo Atlântico durante as aulas de história. Além disso, tomar chá parece uma ótima ideia, especialmente considerando o que aconteceu há pouco, enquanto eu tomava um Dr. Pepper. Assim como não é nada má a ideia de fazer uma nova amizade neste lugar onde todo mundo me olha como se eu tivesse três cabeças ou como se eu não fosse

absolutamente nada.

— Tem certeza de que não está ocupada? Eu não queria interromper. Só queria explorar um pouco a biblioteca. Adorei as gárgulas. Criam um ambiente bem gótico.

— Criam mesmo, não é? A sra. Royce é desse jeito.

— É mesmo? Deixe-me ver se adivinho. Camisas de flanela e um ar meio *hipster*? Esse tipo de coisa?

— É o que a maioria das pessoas imagina a princípio. Mas, na verdade, o estilo dela é mais focado em saias hippies e coroas floridas.

— Agora eu quero *mesmo* conhecê-la. — Estamos do lado oposto da biblioteca em relação àquele por onde entrei e passamos por uma área de estar com vários sofás pretos, cada um deles com pilhas de almofadas roxas com diferentes citações de filmes clássicos de terror. A minha favorita é a frase famosa de Norman Bates em *Psicose*: “Todos nós enlouquecemos um pouco de vez em quando”. Mas também gosto da almofada que está logo ao lado: “Tenha medo. Tenha muito medo”, uma das falas de *A Mosca*.

— A sra. Royce adora o Halloween — conta Lia, rindo.

— Acho que ela ainda não guardou todas as decorações.

Ah, é verdade. O Halloween aconteceu há três dias. Eu estava tão concentrada em todas as outras coisas que esqueci completamente da festa deste ano, mesmo depois de Heather ter passado meses montando sua fantasia, toda feita à mão.

Eu deixo o livro que peguei anteriormente na mesa mais próxima; vou voltar para pegá-lo quando a bibliotecária estiver aqui. Lia abre a porta principal e faz

um gesto para eu passar antes dela. Espero, enquanto ela apaga as luzes e depois tranca a porta.

— A biblioteca geralmente fica fechada nas noites de domingo, mas estou fazendo algumas pesquisas independentes neste semestre. É por isso que a sra. Royce me deixa trabalhar até mais tarde às vezes.

— Desculpe. Eu não sabia que...

— Não precisa se desculpar, Grace. — Ela me encara com um olhar vagamente exasperado. — Como você ia saber? Eu só estou lhe dizendo por que preciso trancar o lugar de novo.

— Tem razão — admito, um pouco surpresa com a gentileza dela.

Ela vai andando pelo corredor.

— Bem, eu imagino, como você não está na festa que Macy organizou, que o seu primeiro dia na nossa ilustre escola não foi tão tranquilo quanto sua prima esperava.

Ela está certa, mas eu não vou admitir isso. Vai parecer que estou sendo cruel com Macy. Especialmente porque Macy não é o problema. O problema é este lugar todo, não ela.

— A festa estava legal. Mas eu tive um dia bem cansativo e precisava de um pouco de silêncio.

— Ah, entendo. A menos que você tenha saído de Vancouver, chegar até aqui nunca é fácil.

— Ah, eu definitivamente não saí de Vancouver. — Sinto um leve calafrio quando uma lufada de vento inesperada sopra pelo corredor em que estamos.

Eu olho ao redor, procurando de onde esse vento pode ter vindo, mas em seguida me distraio quando Lia ergue as sobrancelhas e diz:

— O Alasca fica bem longe da Califórnia.

— Como sabe que vim da Califórnia?

Talvez seja por isso que todo mundo vive me encarando. Eu devo estar ostentando aquele ar de “não sou daqui” como se fosse um outdoor.

— Foster deve ter mencionado isso quando nos disse que você vinha. E, olhe, San Diego provavelmente é o pior lugar para uma pessoa viver antes de se mudar para cá.

— É o pior lugar para viver antes de se mudar para qualquer lugar — concordo. — Mas especialmente para cá.

— Não duvido. — Ela me analisa da cabeça aos pés e, em seguida, abre um sorriso torto. — Já está congelando com esse vestidinho?

— Você está me zoando? Eu estou congelando desde que pousei em Anchorage. Não importa a roupa que eu use. Já estava congelando mesmo antes de Macy me convencer a vestir essa coisa.

— Acho que é melhor buscarmos logo aquele chá, então. — Ela indica a escadaria que acabou de aparecer. — O meu quarto fica no quarto andar, está bem?

— Ah, o nosso também fica. O que eu divido com Macy.

— Ótimo.

Lia continua a falar conforme andamos rumo à escada, apontando para salas diferentes que ela acha que preciso saber onde ficam: o laboratório de química, a sala de estudos, a cafeteria. Alguma coisa dentro de mim quer puxar o celular e começar a fazer anotações — ou, melhor ainda, desenhar um mapa, já que não tenho o menor talento para me localizar. Talvez, se eu conseguir

entender algo simples como a disposição dos cômodos do castelo, outras coisas comecem a se encaixar em seus devidos lugares também. E aí eu posso começar a me sentir segura outra vez; uma sensação que não tenho há muito tempo.

Nós finalmente chegamos ao quarto de Lia. Ela mora no que eu presumo ser o corredor oeste, a julgar pela localização em relação ao meu. Fico um pouco surpresa quando ela para diante da única porta naquele corredor, e provavelmente em todo o andar, que não tem algum tipo de decoração pendurada.

Ela deve ter percebido que fiquei surpresa, porque diz:

— Este ano foi difícil. Eu simplesmente não senti vontade de mexer com a decoração quando voltei para cá.

— Sei bem como é. Digo, a parte sobre o ano ter sido difícil. Não sobre decorar.

— Entendi, tranquilo. — Ela abre um sorriso triste. — Meu namorado morreu há um tempo e todo mundo acha que eu já devia ter superado. Mas nós estávamos juntos há muito tempo. Não é tão fácil simplesmente se desapegar. Tenho certeza de que sabe como é.

Já faz um mês desde que meus pais morreram, mas ainda me sinto como se o choque não tivesse passado por completo.

— Não é fácil mesmo.

É o que acontece todas as manhãs. Eu acordo e, durante um minuto, apenas um minuto, não me lembro do motivo pelo qual tenho aquela sensação de peso no estômago.

Não lembro que eles se foram e que nunca mais vou vê-los de novo.

Não lembro que estou sozinha.

Até que a lembrança volta com toda a força, assim como a tristeza.

Entrar naquele avião, ontem pela manhã, foi a segunda coisa mais difícil que eu já fiz na vida (a primeira foi identificar os corpos no necrotério). E acho que isso aconteceu porque a viagem fez com que a morte deles se entranhasse um pouco mais em mim.

Lia e eu simplesmente ficamos em silêncio no meio do quarto dela por um segundo. Duas pessoas que parecem muito bem por fora, mas que estão completamente destroçadas por dentro. Não conversamos. Não dissemos absolutamente nada. Apenas ficamos onde estamos e absorvemos o fato de que alguém tem uma dor tão grande quanto a nossa.

É uma sensação bizarra. E, ao mesmo tempo, estranhamente reconfortante.

Após determinado tempo, Lia vai até a escrivaninha dela, onde há uma chaleira elétrica plugada na tomada. Ela a enche com uma jarra de água, que também está na mesa, e aciona o aparelho antes de abrir um pote do que parece ser um pot-pourri e encher dois infusores de chá.

— Posso ajudar com alguma coisa? — pergunto, embora tudo pareça sob controle. É legal vê-la seguir o ritual da preparação do chá com folhas caseiras. Me faz lembrar da minha mãe e de todas as horas que passamos na cozinha, montando várias combinações diferentes.

— Já estou cuidando de tudo. — Com um aceno de cabeça, ela indica a segunda cama do quarto, que preparou como uma espécie de sofá ou divã com um edredom vermelho e várias almofadas em tons de pedras

preciosas. — Sente-se, pode ficar à vontade.

Eu me sento, e como eu queria estar com uma *legging* ou com moletom em vez deste vestido, para poder me sentar como se eu fosse uma pessoa normal. Lia não conversa muito enquanto prepara o chá, e eu também não. É meio difícil saber qual é o rumo da conversa agora que falamos de línguas em extinção e de entes queridos mortos.

O silêncio se arrasta e eu começo a me sentir desconfortável. Mas, felizmente, não demora muito para a chaleira ferver, e Lia coloca uma xícara de chá bem diante de mim.

— É a minha receita especial — conta ela, levando a xícara até a boca e soprando-a devagar. — Espero que goste.

— Tenho certeza de que está uma delícia. — Eu envolvo a xícara com as mãos e quase estremeço de alívio por finalmente poder aquecer os dedos. Mesmo se o gosto for horrível, vale a pena a oportunidade de não sentir frio.

— Essas xícaras são bonitas — comento, depois de tomar um gole. — São japonesas?

— Sim — diz Lia, com um sorriso. — Da minha loja favorita em Tóquio. Minha mãe manda um conjunto novo todo semestre. Ajuda a matar a saudade de casa.

— Que legal. — Penso na minha própria mãe e em como ela sempre me comprava uma nova caneca de chá todo Natal. Parece que Lia e eu de fato temos muita coisa em comum.

— E, então, como foi a festa? Imagino que não tenha sido das melhores, considerando que acabou indo parar

na biblioteca. Mas conseguiu conhecer algumas pessoas, pelo menos?

— Conheci, sim. Até que pareciam legais.

Ela ri.

— Você mente muito mal, sabia?

— Ah... eu sei. Tentei ser gentil, pelo menos. — Tomo um gole do chá, cujo sabor é um floral bem intenso, do qual não sei se realmente gosto. Mas está quente e isso é o bastante para fazer com que eu tome outro gole. — Já me disseram isso antes. Sobre eu mentir mal.

— Então, acho que é melhor refinar um pouco essa habilidade. Em Katmere, saber mentir é praticamente a primeira lição que se aprende para conseguir sobreviver.

Agora é a minha vez de rir.

— Acho que estou bem encrencada, então.

— É, acho que está mesmo. — Não percebo nenhum tom de brincadeira na resposta dela desta vez, e me dou conta de que também não havia na afirmação anterior.

— Espere aí... — digo, sentindo-me estranhamente desconcertada. — O que há de tão importante que precisam esconder?

É nesse momento que Lia olha bem nos meus olhos e responde:

— Tudo.

Capítulo 13

SIMPLESMENTE ME MORDA

Não faço ideia de como devo responder àquilo. Afinal de contas, o que eu deveria dizer? O que eu deveria pensar?

— Não faça essa cara de quem está escandalizada — completa ela, após alguns segundos de silêncio constrangedor. — Estou brincando, Grace.

— Ah, certo. — Rio junto a ela. O que mais posso fazer? Ainda assim, as coisas não parecem estar muito certas. Talvez por causa da expressão tão séria com que ela me encarou quando disse que mente sobre tudo. Ou talvez porque eu não consiga evitar a ideia de que, se for verdade e o resto for apenas mentiras... De qualquer maneira, não há muito que eu possa fazer a não ser dar de ombros e opinar: — Achei mesmo que você estava só me zoando.

— Com certeza, eu estava. Você devia ter visto a sua cara.

— Imagino — respondo com uma risada.

Ela não diz nada por alguns segundos, e eu também não... Até que o silêncio começa a ficar meio constrangedor. Em minha defesa, eu finalmente consigo dizer:

— Qual era a língua em que você estava lendo na biblioteca? Achei que tinha uma sonoridade maravilhosa.

Lia me encara por um segundo, e parece num dilema, sem saber se responde ou não. Até que por fim responde:

— Acádio. É a língua que evoluiu do sumério antigo.

— Sério? Então, é uma língua que tem mais de três mil anos?

Ela demonstra surpresa.

— Mais ou menos por aí.

— Que incrível. Eu sempre fico impressionada com linguistas e antropólogos que fazem isso, sabia? Como eles tentam compreender o que as diferentes letras significam e as palavras que elas compõem. — Balanço a cabeça, maravilhada. — Mas descobrir o som dessas palavras? Acho que meu cérebro fundiria.

— É incrível, não é? — Os olhos dela brilham pela empolgação. — O alicerce dos idiomas é tão...

O meu celular vibra com várias mensagens de texto que chegam uma após a outra, interrompendo a fala de Lia. Pego o aparelho, imaginando que Macy finalmente cansou de esperar até eu voltar. Na tela, há uma série de mensagens de texto da minha prima, cada uma mais frenética do que a anterior. Parece que ela já está me mandando mensagens há algum tempo, mas eu estava com o celular no modo silencioso.

Macy: Ei, para onde você foi?

Macy: Estou esperando você voltar.

Macy: Ei, onde você está???

Macy: Estou indo buscar você.

Macy: Responda!!!

Macy: O que está acontecendo?

Macy: Você está bem???

Digito uma resposta rápida: *estou bem*, e meu celular imediatamente vibra outra vez. Uma conferida na mensagem toda em maiúsculas da minha prima — *ONDE VOCÊ SE METEU?* — é o suficiente para eu perceber que é

melhor ir encontrá-la antes que ela enlouqueça de vez.

— Desculpe, Lia, mas tenho que ir embora. Macy está em pânico.

— Por quê? Só porque você saiu da festa? Ela vai superar isso.

— Sim, mas eu acho que ela está preocupada de verdade. — Não conto a Lia o que aconteceu com os outros rapazes na noite passada, não digo que provavelmente é por isso que Macy está tão nervosa por não conseguir me encontrar. Em vez disso, concentro-me no meu celular e digito *No quarto da Lia* antes de me levantar. — Obrigada pelo chá.

— Só mais uns minutinhos, termine seu chá. — Parece que ela está se divertindo com a situação, mas ao mesmo tempo um pouco decepcionada. — Não quer que sua prima ache que pode mandar em você, né?

Levo a minha xícara até a pia do banheiro.

— Ela não manda em mim. Imagino que ela deve estar achando que estou irritada. — Parece mais fácil dar essa explicação do que descrever tudo o que aconteceu com Marc e Quinn. — Além disso, se eu a conheço, ela deve estar a caminho do seu quarto neste exato momento.

— Você deve ter razão. Macy às vezes é meio histérica mesmo.

— Eu não disse que... — Uma batida na porta me interrompe.

Lia simplesmente sorri para mim com uma expressão que significa *O que foi que eu acabei de dizer?*

— Deixe que eu lavo a xícara — diz ela, tirando-a das minhas mãos. — Mostre para Macy que você não passou a última hora chorando pelos cantos. E que eu não te

matei.

— Ela não pensaria uma coisa dessas. Está apenas preocupada comigo. — Mesmo assim, eu vou direto para a porta. Quando abro, vejo que a minha prima (como já prevíamos) está do outro lado.

— Estou bem aqui — digo a ela, sorrindo.

— Ah, graças a Deus! — Ela me abraça com força. — Achei que tinha acontecido alguma coisa!

— O que poderia ter acontecido comigo se quase todo mundo estava naquela festa, Macy? Só saí para caminhar um pouco — digo em tom de piada.

— Não sei... — De repente, ela parece vacilar um pouco. — Muita coisa...

— Acho que Macy pensou que você podia ter saído do prédio — interrompe Lia. — Se tivesse ido lá para fora com esse vestidinho, já estaria quase morta a essa altura.

— Sim, exatamente! — Macy parece ter gostado daquela desculpa. — Eu não queria que você morresse de frio antes que esse seu primeiro dia no Alasca terminasse.

Aquela é uma resposta estranha, em especial se considerarmos que ela sabe o que quase aconteceu comigo na noite passada e que eu estava aterrorizada com a possibilidade de ser jogada pela porta da escola exatamente por essa razão. Mas agora não é bem o melhor momento para falar disso tudo. Assim, eu viro para trás e olho para Lia, dizendo:

— Obrigada por tudo.

— Não foi nada. Volte mais vezes. Vamos cuidar das unhas e da pele também, ou algo do tipo.

— Vai ser legal. E eu vou querer saber mais sobre as

suas pesquisas.

— Cuidar das unhas? — repete Macy, parecendo surpresa. — Pesquisas?

Lia revira os olhos.

— Claro, você também está convidada. — Em seguida, ela fecha a porta na nossa cara.

E, sejamos honestas, parece bem esquisito, considerando a gentileza que ela demonstrou durante a noite toda. Por outro lado, no instante em que Macy apareceu, o comportamento de Lia ficou mais ríspido. Talvez a despedida abrupta tenha mais a ver com a minha prima do que comigo.

Em seguida, Macy sussurra:

— Não consigo acreditar que você foi convidada para fazer as unhas com Lia Tanaka. *Depois* de ter sido convidada para ir ao quarto dela.

Ela não parece estar com inveja, apenas confusa. Como se o fato de eu e Lia termos algo em comum fosse a situação mais estranha do mundo.

— Não foi tão difícil. Ela parece ser legal.

— “Legal” não é o adjetivo que eu usaria normalmente para descrevê-la — responde Macy, enquanto andamos pelo corredor. — Lia é a menina mais popular da escola e costuma se esforçar ao máximo para lembrar as pessoas disso. Mas, ultimamente, até que anda bem reclusa.

— Ah, sim. Acho que a pessoa tem o direito de fazer isso depois de perder o namorado.

Os olhos de Macy ficam enormes.

— Ela te contou?

— Sim. — Um pensamento nauseante me ocorre. — Era segredo?

— Não. É que... Ouvi dizer que ela não fala sobre Hudson. — A voz de Macy fica estranha quando diz isso, e subitamente ela está olhando para todos os lugares do corredor, exceto para mim. Tenho certeza de que faz isso porque se sente desconfortável, não porque a tapeçaria de mil anos que ela está encarando, e que provavelmente já viu um milhão de vezes, é mais interessante do que a nossa conversa. Eu só gostaria de saber o porquê.

— Isso não chega a ser surpreendente, não acha? E ela não falou muito sobre o namorado. Só me disse que ele morreu.

— Sim. Já faz quase um ano. Abalou a escola inteira. — Ela ainda não está olhando para mim, o que vai deixando as coisas mais esquisitas.

— Ele estudava aqui?

— Sim, mas ele se formou no ano anterior àquele em que morreu. Mesmo assim, isso assustou um monte de gente aqui.

— Imagino. — Sinto vontade de perguntar o que aconteceu, mas ela parece tão desconfortável que seria uma indelicadeza insistir no assunto. Assim, eu deixo isso para outra hora.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos, dando tempo para que o assunto se dissipe. Quando isso acontece, Macy volta a exibir sua personalidade de sempre.

— Está com fome? Não comeu nada na festa.

Cogito responder que sim. Não como nada desde que Macy preparou uma tigela de sucrilhos para mim, do seu estoque pessoal. Mas a náusea causada pela altitude deve ter voltado, porque a simples menção à comida já faz

meu estômago roncar de um jeito não muito agradável.

— Sabe de uma coisa? Acho que vou direto pra cama. Não estou me sentindo muito bem.

Pela primeira vez, Macy parece preocupada.

— Se você não estiver se sentindo melhor amanhã de manhã, seria bom ir à enfermaria. Já está aqui há mais de vinte e quatro horas. Já deveria estar começando a se acostumar com a altitude.

— Vi no Google que leva entre vinte e quatro e quarenta e oito horas. Se eu não estiver melhor amanhã, vou até o consultório dela, está bem?

— Se você não estiver se sentindo melhor depois das aulas de amanhã, tenho certeza de que o meu pai vai arrastá-la pessoalmente até lá. Ele anda muito preocupado desde que você pediu que te deixassem em San Diego para terminar o bimestre.

Outro silêncio constrangedor começa a se formar e, sinceramente, não estou em condições de lidar com isso agora. Então, sinto que é a minha vez de mudar de assunto:

— Não consigo acreditar no quanto estou cansada. Que horas são, por falar nisso?

Macy ri.

— São oito da noite, arroz de festa.

— Vou começar a ir às festas na semana que vem. Depois que eu finalmente conseguir dormir um pouco e depois que esse maldito enjoo passar. — Eu levo a mão até a barriga quando a náusea de antes retorna com toda a força.

— Sou uma idiota mesmo. — Macy revira os olhos, pensando no que fez. — Planejar uma festa logo nos

primeiros dias que você está aqui foi uma péssima ideia. Me desculpe.

— Você não é idiota. Só estava tentando me ajudar a conhecer pessoas.

— Eu estava tentando ostentar a minha fabulosa prima mais velha...

— Super mais velha. Um ano, mais ou menos.

— Ainda é mais velha, não é? — Ela sorri para mim. — Enfim, eu estava tentando exibir você para as pessoas daqui e ajudá-la a se ambientar. Não pensei que precisaria de uns dias apenas para conseguir respirar.

Chegamos até o nosso quarto e Macy destranca a porta com um floreio. E bem a tempo, porque o meu estômago decide se rebelar dois segundos depois que eu passo pela porta. Mal consigo chegar até o banheiro antes de vomitar uma combinação repugnante de chá e Dr. Pepper.

Afinal de contas, parece que o Alasca está definitivamente tentando me matar.

Capítulo 14

TOC, TOC, TOC, BATENDO NA PORTA DA MORTE

Passo os quinze minutos seguintes tentando vomitar e botar os bofes para fora e à espera de que, se este maldito lugar estiver *mesmo* tentando me matar, que pelo menos faça isso de uma vez.

Quando a náusea finalmente passa, cerca de meia hora depois, estou exausta e a dor de cabeça volta com força total.

— Quer que eu chame a enfermeira? — pergunta Macy, andando atrás de mim com os braços estendidos para me segurar, enquanto volto para a cama. — Acho que vou chamar a enfermeira.

Eu resmungo qualquer coisa enquanto me enfio por baixo dos lençóis.

— Vamos esperar só mais um pouco.

— Eu acho que isso não é...

— Ordens da prima mais velha. — Eu abro um sorriso que não reflete nem de longe o que estou sentindo e afundo a cabeça no travesseiro. — Se eu não estiver melhor amanhã de manhã, nós chamamos a enfermeira.

— Tem certeza? — Macy apoia o peso do corpo em um pé e depois no outro, como se não tivesse certeza do que fazer.

— Considerando que eu recebi atenção mais do que suficiente desde que cheguei a esta escola? Tenho, sim. Certeza absoluta.

Ela não parece muito feliz com a minha recusa, mas acaba aceitando com um aceno de cabeça.

Eu sinto o sono ir e voltar enquanto minha prima lava o rosto e troca de roupa, vestindo o seu pijama. Mas quando ela apaga a luz e se deita, outra onda de náusea começa a tomar conta de mim. Eu resisto, na tentativa de ignorar o quanto gostaria que a minha mãe estivesse aqui para cuidar de mim, até que caio num sono agitado. Um sono de que não acordo até um despertador apitar, às seis e meia da manhã seguinte. Ele silencia tão abruptamente quanto começou quando alguém aperta o botão da soneca.

Acordo desorientada, em busca de me lembrar onde estou e de quem era aquele alarme desgraçado que estava apitando na minha orelha. Até que tudo volta de uma vez. Depois de mais uma ida ao banheiro por volta das três da manhã para tentar vomitar coisas que eu nem tinha mais no estômago, a náusea cedeu, o que foi um grande alívio. E todo o restante parece ter melhorado agora. Minha cabeça parou de girar e, embora eu sinta a garganta seca, ela não está mais doendo.

Ei, parece que a internet tinha razão sobre aquele papo de durar entre vinte e quatro e quarenta e oito horas. Estou nova em folha.

Pelo menos até erguer o tronco, sentar na cama e perceber que o restante do meu corpo é outra história. Praticamente todos os músculos que tenho doem como se eu tivesse acabado de escalar o monte Denali... depois de correr uma maratona. Tenho certeza de que é só a desidratação combinada com a tensão que senti ontem, mas, de qualquer maneira, não estou nem um pouco a

fim de me levantar. E, com certeza, não estou com um pingo de vontade de abrir um sorriso no meu primeiro dia de aula.

Volto a deitar e puxo as cobertas por cima da cabeça, tentando decidir o que fazer. Dez minutos depois, continuo deitada aqui quando Macy acorda, resmungando.

A primeira coisa que ela faz é dar um tabefe no despertador até ele parar de apitar — algo pelo qual me sinto eternamente grata, considerando que ela escolheu o toque mais irritante e enervante já inventado para acordar alguém. Mas ela só demora um segundo para sair da cama e vir até a minha.

— Grace? — sussurra em voz baixa, como se quisesse verificar como estou, mas ao mesmo tempo sem a intenção de me acordar.

— Estou bem — eu a tranquilizo. — Só meio dolorida.

— Eca. Provavelmente é por causa da desidratação. — Ela vai até o frigobar no canto do quarto e pega uma jarra de água. Enche dois copos e me entrega um deles antes de sentar na própria cama. Passa um minuto trocando mensagens de texto (com Cam, imagino) antes de jogar o celular para o lado e retornar sua atenção para mim. — Tenho que ir para a aula. Tenho prova de três matérias diferentes. Mas vou voltar para ver como você está, assim que puder.

Adoro o jeito que ela presume que eu não vou assistir a nenhuma aula hoje, então não discuto. Digo apenas:

— Não precisa vir até aqui só para ver como eu estou. Já estou melhor.

— Que bom. Então, considere este como o dia de saúde

mental. Alguma coisa do tipo “Putá que pariu, acabei de me mudar para o Alasca!”, entre as muitas opções que o Alasca oferece.

— Como assim, existe isso? Um Dia da Saúde Mental, é sério? — brinco, fingindo que acredito ser verdade, e me viro na cama até estar de costas para a parede.

Macy bufa.

— Um dia só não, meses inteiros da saúde mental. O Alasca não é fácil.

Agora é a minha vez de bufar.

— Tem razão. Eu estou aqui há menos de quarenta e oito horas e já me dei conta disso.

— Isso é porque você tem medo de lobos — provoca ela.

— E de ursos — admito, um pouco envergonhada. — Como qualquer pessoa normal teria.

— Até que você tem razão — diz ela com um sorriso. — É melhor você tirar o dia de folga e fazer o que quiser. Leia um livro, assista a alguma porcária na TV, pode até comer os doces e salgadinhos que eu tenho aqui no quarto se o seu estômago aguentar. Meu pai vai avisar os professores que você vai começar as aulas amanhã, não hoje.

Eu não havia nem pensado no tio Finn.

— Seu pai não vai achar ruim se eu faltar hoje?

— Foi ele quem deu essa sugestão.

— Como ele sabe que...? — Paro de falar quando ouço alguém bater na porta. — Quem...?

— Meu pai — responde Macy quando atravessa o quarto e abre a porta com um gesto elaborado. — Quem mais?

Só que não é o tio Finn que está na porta. É Flint, que dá uma olhada em Macy, que está com uma camisola curta, e em mim, que ainda estou com o vestido da noite passada e a maquiagem toda borrada. Ele começa a sorrir feito um bobo.

— Vocês estão lindas, senhoritas. — Ele solta um assobio grave. — Parece que se empolgaram com a festa de ontem, hein?

— Você ia achar ótimo, não? — provoca Macy enquanto corre para o banheiro e para a privacidade que o cômodo permite. Não me dou ao trabalho de responder, simplesmente mostro a língua para ele. Flint ri e ergue as sobrancelhas em resposta.

— Ah, eu ia achar ótimo mesmo — comenta Flint quando entra no quarto e se senta na ponta da minha cama. — Mas o que eu quero saber é outra coisa. Onde foi que você se enfiou ontem quando foi embora da festa? E por quê?

Como contar toda a história a Flint envolve tentar explicar a minha reação bizarra à presença de Jaxon, assim como tudo que aconteceu depois, eu decido contar apenas uma parte da verdade.

— A altitude estava me fazendo muito mal. Eu senti que ia vomitar, então voltei para o quarto.

Isso serve para apagar o sorriso que ele tem na cara.

— Como está agora? Essa náusea por causa da altitude não é coisa com que se pode brincar. Está conseguindo respirar?

— Estou conseguindo respirar bem. Pode confiar — Emendo quando percebo que ele não parece muito convencido. — Estou me sentindo quase normal hoje. Só

precisava me acostumar com as montanhas.

— Por falar em montanhas... — O sorriso atraente de Finn volta. — Foi por isso que vim até aqui. Eu e um pessoal vamos disputar uma guerra de bolas de neve hoje à noite, depois do jantar. Achei que talvez você quisesse participar, se estiver se sentindo bem, claro.

— Uma guerra de bolas de neve? — Faço um movimento negativo com a cabeça. — Acho que vai ser melhor se eu não participar.

— Por que não?

— Porque eu nem sei como se faz uma bola de neve, e menos ainda como se joga uma dessas.

Ele me encara como se eu estivesse fazendo papel de boba.

— Você pega um punhado de neve, aperta até virar uma bola e depois joga na pessoa que estiver mais perto. — Ele faz mímica com as mãos para acompanhar as palavras. — Não é tão difícil.

Fico olhando para ele. Ainda não estou convencida.

— Vamos lá, novata. Experimente. Garanto que vai ser divertido.

— Cuidado, Grace — alerta Macy, saindo do banheiro com os cabelos enrolados em uma toalha. — Nunca confie num... — Ela deixa a frase incompleta e no ar, quando Flint olha para ela com as sobrancelhas erguidas.

— Vão fazer uma guerra de bola de neve depois das aulas de hoje — repasso-lhe a informação. — Ele quer que a gente participe. — Flint não havia convidado Macy com todas aquelas palavras, mas não estou disposta a entrar nessa se ela não estiver junto. E, a julgar pelo sorriso súbito que emerge no rosto dela, imagino que fiz a

escolha certa.

— Está falando sério? Temos que entrar nessa guerra, Grace. As guerras de bola de neve de Flint fazem sucesso aqui na escola.

— Isso não aumenta muito o meu nível de confiança, considerando que não tenho a mínima ideia do que devo fazer.

— Vai dar tudo certo — dizem os dois ao mesmo tempo.

Agora é a minha vez de erguer as sobrancelhas enquanto olho para um deles e depois para o outro.

— Não confie nele — diz Macy. — Coloque uma bola de neve na mão de Flint e ele vira um capeta. Mas isso não significa que não vai ser divertido.

Ainda penso se tratar de uma má ideia, mas Flint e Macy são meus dois únicos amigos em Katmere. Quem sabe o que vai acontecer com Lia? E no caso de Jaxon... Jaxon é muitas coisas, mas eu definitivamente não diria que ele é meu amigo. Nem que é alguém amistoso.

— Tudo bem, tudo bem — digo, cedendo graciosamente. — Mas, se eu morrer no meio dessa guerra, vou assombrar vocês dois para sempre.

— Tenho certeza de que você vai sobreviver — garante Macy.

Flint, por sua vez, apenas pisca o olho.

— Mas, se isso não acontecer, eu conheço maneiras piores de passar a eternidade.

Antes que eu consiga formular uma resposta para esse comentário, ele se aproxima e dá um beijo na minha bochecha.

— A gente se vê mais tarde, novata.

E em seguida ele vai embora, passando pela porta sem olhar para trás.

Fico ali com Macy, que está boquiaberta e com os olhos arregalados, quase batendo palmas por causa de um beijinho. E um pensamento triste de que, não importa o quanto Flint seja adorável, as sensações que ele me causa não chegam nem perto do efeito que Jaxon provoca em mim.

Capítulo 15

ENTÃO, O INFERNO PODE MESMO SER CONGELANTE

— Por acaso ele... — pergunta Macy com um suspiro exasperado depois que ele passa pela porta e a fecha.

— Não foi nada de mais — garanto a ela.

— Flint te deu um... — Aparentemente, a palavra ainda não consegue chegar aos lábios de Macy, porque ela toca a própria bochecha no mesmo lugar onde Flint beijou a minha.

— Não foi *nada* de mais — repito. — Não foi nada forçado. Ele só estava sendo amistoso.

— Ele nunca foi amistoso desse jeito comigo. Ou com qualquer outra pessoa que eu tenha visto.

— Bem, você já tem um namorado. Provavelmente ele tem medo de levar uma surra de Cam.

Macy ri. Ela ri de verdade, o que... Bem, sem problemas. A ideia de que o seu namorado alto e magricela possa dar uma surra em Flint realmente parece meio absurda. Mas, mesmo assim, será que ela não devia pelo menos *fingir* defendê-lo?

— Você quer que eu converse com ele? — digo, em tom provocador. — Para ver se ele beija *você* da próxima vez?

— É claro que não! Estou muito feliz com Cam e os beijos que ele me dá, obrigada, de nada. Estou só dizendo que Flint gosta de você. — Ela pega uma escova e começa a pentear o cabelo.

Apesar daquelas palavras, há alguma entonação em

sua voz que faz com que me atente mais a ela, estreitando os olhos.

— Espere aí. Não vai me dizer que Flint é mesmo o seu crush?!

— É claro que não. Eu amo Cam. — Ela evita me encarar enquanto pega o pote de algum produto.

— Ah, certo, certo. Bastante convincente. — Reviro os olhos. — Olhe, se quer ficar com Flint, não seria melhor terminar o namoro com Cam?

— Eu não quero ficar com Flint.

— Macy...

— É sério, Grace. Talvez ele tenha sido o meu crush antigamente, quando eu estava lá pelo no nono ano. Mas foi há muito tempo e não importa mais.

— Por causa de Cam. — Observo o rosto dela atentamente pelo espelho enquanto ela começa a esculpir os cabelos curtos e coloridos.

— Porque eu amo Cam, isso mesmo — retruca ela enquanto puxa algumas mechas, deixando-as espetadas. — E também porque as coisas não funcionam desse jeito por aqui.

— Não funcionam de que jeito?

— Os grupos diferentes. Eles não se misturam muito.

— Ah, eu percebi isso na festa. Mas só porque eles *não* se misturam, não quer dizer que não possam se misturar, certo? Por exemplo, se você gosta de Flint e se ele gosta de você?

— Eu não gosto de Flint — reforça ela com um resmungo. — E ele definitivamente não gosta de mim. E, se eu gostasse dele, não teria importância, porque...

— Porque... o quê? Porque ele é popular?

Ela suspira e balança a cabeça.

— É mais do que isso.

— Mais do que o quê? Estou começando a me sentir como se tivesse caído na versão Alasca daquele filme *Meninas Malvadas*. Ou algo do tipo.

Alguém bate à porta antes de ela responder.

— Quantas pessoas vêm bater na sua porta antes das sete e meia da manhã, hein? — digo, brincando, enquanto vou até a porta. Macy não responde, apenas dá de ombros e abre um sorriso enquanto começa a aplicar a maquiagem.

Abro a porta e me deparo com meu tio olhando para mim, preocupado.

— Como está se sentindo? Macy disse que você estava vomitando ontem à noite.

— Estou melhor, tio Finn. A náusea sumiu e a dor de cabeça também.

— Tem certeza? — Ele faz um gesto na direção da cama, e eu volto até lá com uma boa dose de gratidão, sendo bem sincera. Dormi tão pouco nas últimas duas noites que sinto como se estivesse no meio de uma neblina, mesmo que o enjoo causado tenha finalmente desaparecido.

— Ótimo. — Ele coloca a mão na minha testa, como se estivesse verificando se eu estou com febre.

Faço alguma piadinha sobre a náusea causada pela altitude não ser um vírus, mas, quando ele dá um beijo no alto da minha cabeça após tocá-la, sinto as palavras ficando embargadas na minha garganta. Porque, neste exato momento, com as sobrancelhas franzidas e a boca retorcida em uma expressão séria que deixa suas

covinhas nas bochechas ainda mais aparentes, o tio Finn se parece tanto com o meu pai que preciso usar toda a minha força de vontade para não chorar.

— Eu ainda acho que Macy tem razão — continua ele, sem perceber o quanto estou abalada. — Vai ser melhor se você passar o dia descansando e começar as aulas amanhã. A morte dos seus pais, a mudança, a Academia Katmere, o Alasca... São muitas coisas para se acostumar de uma vez só, mesmo sem essa náusea.

Eu faço um gesto afirmativo com a cabeça, mas viro o rosto antes que ele consiga notar a emoção nos meus olhos.

Ele deve reconhecer o meu esforço, porque não diz mais nada. Apenas faz um carinho na minha mão antes de voltar até a penteadeira embutida na parede onde Macy ainda está se arrumando.

Eles conversam, mas falam em uma voz tão baixa que não consigo ouvir nada, então deixo de prestar atenção. Volto a deitar na cama e puxo as cobertas até o queixo. E espero passar a dor da saudade dos meus pais.

Não quero voltar a dormir, mas o sono é mais forte do que eu. Da próxima vez que acordo, já passa de uma hora da tarde e o meu estômago ronca praticamente sem parar. Desta vez, entretanto, o desconforto acontece porque já faz mais de vinte e quatro horas que coloquei qualquer coisa remotamente parecida com comida na boca.

Há um pote de manteiga de amendoim e um pacote de biscoitos de água e sal em cima do frigobar, e eu ataco os dois. Uma tonelada de manteiga de amendoim e um pacote inteiro de biscoitos mais tarde e eu finalmente